

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CAROLINA MEDEIROS COELHO

Construções com o verbo *agarrar* em Português
Brasileiro e Europeu

Uberlândia
2013

CAROLINA MEDEIROS COELHO

Construções com o verbo *agarrar* em Português Brasileiro e Europeu

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Uberlândia
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C672d Coelho, Carolina Medeiros, 1988-
2013 Construções com o verbo agarrar em Português Brasileiro e Europeu /
Carolina Medeiros Coelho. -- 2013.
127 f.: il.

Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Gramática comparada e geral - Teses. I.
Rodrigues, Angélica Terezinha Carmo. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

CAROLINA MEDEIROS COELHO

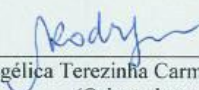
CONSTRUÇÕES COM O VERBO AGARRAR EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E
EUROPEU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística.

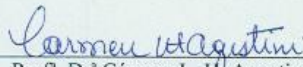
Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Uberlândia, 27 de fevereiro de 2013.

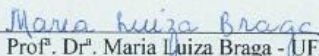
Banca examinadora:



Prof.ª. Dr.ª. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues - UNESP/Araraquara
(Orientadora e presidente)



Prof.ª. Dr.ª. Carmen L. H. Agustini - UFU
(Membro Interno)



Prof.ª. Dr.ª. Maria Luiza Braga - UFRJ
(Membro Externo)

À minha família, que me acompanhou a cada etapa desse trabalho e se alegra tanto quanto eu com a sua concretização.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que é meu caminho e fonte de forças.

Aos meus pais, Marcelo e Maria das Graças, e aos meus irmãos, Gustavo e Paulo Felipe, pelo apoio incondicional e pela presença constante em minha vida.

Ao meu marido Guilherme, meu maior incentivador, pelo amor de todas as horas, pelo carinho, compreensão e por ser mais do que eu poderia esperar, meu companheiro para a vida toda.

À minha família e, também, à minha nova família, especialmente, aos meus sogros Max e Selma, e à minha cunhada Larissa, por terem me acolhido como um dos seus, pela torcida e pelo carinho de sempre.

À minha orientadora Angélica Rodrigues, por ter acreditado em mim e seguido ao meu lado um caminho que ainda há de continuar, pela orientação cuidadosa e pela atenção e apoio que nunca faltaram.

Às professoras Cármen L. H. Agustini e Simone A. Floripi pelas contribuições dadas durante o exame de qualificação.

Às professoras Maria Luiza Braga e Cármen L. H. Agustini por terem participado da banca de defesa desse trabalho.

Às professoras Eliane M. Silveira e Sanderléia R. Longhin-Thomazi por gentilmente terem aceitado compor a suplência da banca.

Ao Leosmar Aparecido Silva por ter gentilmente nos cedido o *corpus* de sua pesquisa.

Ao professor José Sueli Magalhães pela orientação no estágio docência.

Às amigas Denize de S. Carneiro, Fernanda A. Rezende e Virgínia N. Peixoto pela amizade especial.

À minha querida amiga Nathália, pela presença constante em minha vida, pela compreensão nos momentos em que estive ausente e pelo carinho de uma amizade que tem quase a mesma idade que temos de vida.

A todos os amigos, pelo companheirismo e pela torcida.

Por fim, agradeço também a Capes, pelo apoio financeiro durante o período do curso de mestrado.

“Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala.”

(Horácio, *Ars poética*, VV 70 et seqq.)

CONSTRUÇÕES COM O VERBO AGARRAR EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Carolina Medeiros Coelho

Orientadora: Professora Doutora Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Neste trabalho, descrevemos e analisamos qualitativamente as construções com o verbo *agarrar* em textos orais e escritos do Português Brasileiro e Europeu do século XX a partir de uma perspectiva teórica que conjuga os pressupostos da Linguística Funcional à Linguística Cognitiva, denominada Linguística Cognitivo-Funcional, dentro da qual assumimos os estudos realizados acerca da Gramaticalização e da Gramática das Construções. Os dados analisados foram coletados do *Corpus do Português*, do *corpus* organizado por Silva (2005) e da ferramenta de busca Google, nos quais identificamos três tipos de construções, as transitivas, as paratáticas e as subordinadas, cujas configurações sintáticas são: [V_{agarrar} COMPL], [V1_{agarrar} (e) V2_{fin}] e [V1_{agarrar} (a) V2_{inf}], respectivamente. As construções transitivas formam-se, basicamente, por uma sequência verbo-nome e codificam, prototipicamente, a mudança física e perceptível de locação do objeto, contudo, quando o objeto apresenta um valor semântico mais abstrato, a mudança de locação é metafórica, por isso, essas construções foram divididas em canônicas e não canônicas, respectivamente. As paratáticas formam-se a partir de dois verbos, V1 e V2, ambos flexionados que podem ou não ser conectados pela conjunção *e*. Apresentam uma função focalizadora, uma vez que o V1 funciona como marcador de foco, enfatizando o evento descrito pelo V2. As subordinadas, por sua vez, são formadas, também por dois verbos, porém, nelas, o V1 é um verbo auxiliar que apresenta as flexões modo-temporais e número-pessoais enquanto o V2 é o verbo principal que mantém a forma nominal de infinitivo. Essa construção codifica o início da ação expressa pelo V2, V1, nesse caso, é um auxiliar de aspecto inceptivo. Concluímos que a ocorrência do verbo *agarrar* nessas três construções é habilitada por meio da metáfora do movimento, o verbo interage com as construções de modo que o movimento é codificado de formas diferentes em cada uma delas. Nas transitivas o movimento causa a mudança, física ou metafórica, de locação do objeto; nas paratáticas o movimento é metafórico e gera o deslocamento da atenção para a ação expressa pelo V2 e nas subordinadas o movimento, também metafórico, codifica o início da ação expressa pelo segundo verbo.

Palavras-chave: Verbo *agarrar*. Gramaticalização. Gramática das Construções. Português Brasileiro. Português Europeu. Linguística Baseada no Uso.

CONSTRUCTIONS WITH THE VERB AGARRAR IN BRAZILIAN AND EUROPEAN PORTUGUESE

Carolina Medeiros Coelho

Advisor: Professora Doutora Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

In this paper we describe and analyze qualitatively the constructions with the verb *agarrar* in oral and written texts of both Brazilian and European Portuguese of the twentieth century. The theoretical perspective used combines the assumptions of the Functional Linguistics and the Cognitive Linguistics, named Cognitive-Functional Linguistics, in which we assume the studies about Grammaticalization and the Constructions Grammar. The data analyzed were collected from *Corpus do Português* and the *corpus* organized by Silva (2005), in which we identified three types of constructions, the transitive, the paratactic and the subordinate. And the syntactic configuration they present are: [V_{agarrar} COMPL], [V1_{agarrar} (e) V2_{fin}] and [V1_{agarrar} (a) V2_{nonfin}], respectively. The transitive constructions are formed basically by a verb-noun sequence and they encode, prototypically, the physical and perceivable change on the location of the object. However, when the object presents a more abstract semantic value, the change of location is metaphorical, therefore, these constructions were divided into canonical and non-canonical, respectively. The paratactic are formed by two verbs, V1 and V2, both inflected, and that may or may not be connected by the conjunction *e* (*and*). Those constructions have a focusing function since the V1 serves as a marker of focus, highlighting the event described by V2. The subordinate, in turn, are also formed by two verbs. However, in subordinate construction, V1 is an auxiliary verb that carries all morphological information of time, mode, number and person while V2 is the main verb and it is used in its nonfinite form. This construction encodes the beginning of the action expressed in V2, and V1, stands as an inceptive auxiliary. We conclude that the occurrence of the verb *agarrar* in these three constructions is enabled through the metaphor of movement, the verb interacts with the constructions so that the movement is coded differently in each one. In transitive, the movement causes the change of location of the object; in paratactic, the movement is metaphorical and V1 leads the listener/reader's attention to the action expressed by V2; and in the subordinate, the movement, also metaphorical, encodes the beginning of the action expressed by the second verb.

Keywords: Verb *agarrar*. Grammaticalization. Constructions grammar. Brazilian Portuguese. European Portuguese. Usage-based Linguistics.

LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

Tabela

Tabela 1 - Distribuição da quantidade de palavras no <i>Corpus do Português</i> no século XX.....	51
---	----

Quadros

Quadro 1 - Representação da fusão dos papéis participantes e argumentais na construção ditransitiva.....	44
--	----

Quadro 2 - Representação da construção transitiva.....	58
--	----

Quadro 3 - Representação da construção transitiva com o verbo <i>agarrar</i>	59
--	----

Quadro 4 - Representação da construção bitransitiva.....	74
--	----

Figuras

Figura 1 - Propriedades relevantes do <i>cline</i> de combinação de orações (Hopper; Traugott, 2003, 171).....	38
--	----

Figura 2 - Trajetória de mudança para as construções paratáticas.....	99
---	----

Figura 3 - <i>Continuum</i> de articulação de cláusulas segundo Lehmann (1988, p. 217).....	101
---	-----

Figura 4 - Representação da rede de herança entre as construções com <i>agarrar</i>	118
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS

ADJ	Adjunto
DAT	Complemento dativo
OBJ	Objeto
OBL	Complemento oblíquo
SN	Sintagma nominal
SUJ	Sujeito
SV	Sintagma verbal
V	Verbo

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1. A descrição do verbo agarrar	18
Introdução.....	18
1.1. O verbo <i>agarrar</i> nos dicionários.....	18
1.2. Categoria <i>verbo</i> nas gramáticas do português.....	24
Resumo.....	33
Capítulo 2. Fundamentação teórica	34
Introdução.....	34
2.1. Linguística Cognitivo-Funcional.....	34
2.1.1. A Gramaticalização.....	37
2.1.2. A Gramática das Construções.....	41
2.1.2.1. Hipótese de Codificação de Cena.....	46
2.1.2.2. Vantagens da abordagem construcional.....	47
Resumo.....	49
Capítulo 3. Metodologia	50
3.1. Natureza da pesquisa.....	50
3.2. Descrição dos <i>corpora</i>	50
3.3. Procedimentos para a coleta dos dados.....	52
3.4. Procedimentos para a análise dos dados.....	53
3.5. Utilização de dados de textos de escrita.....	54
3.6. Representatividade dos <i>corpora</i>	55
Capítulo 4. As construções com o verbo agarrar	57
Introdução.....	57
4.1. As construções transitivas.....	57
4.1.1. As construções transitivas canônicas.....	64
4.1.2. As construções transitivas não canônicas.....	78
4.2. As construções paratáticas.....	87

4.3. As construções subordinadas.....	107
Resumo.....	114
Considerações finais.....	116
Referências Bibliográficas.....	120

Introdução

Esta dissertação investiga, qualitativamente, as construções com o verbo *agarrar* em Português Brasileiro (PB) e Europeu (PE) do século XX. Para investigá-las, lançamos mão dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitivo-Funcional, uma conjugação teórica que tem favorecido trabalhos que, como esse, realiza uma análise em que se associam os estudos em Gramaticalização e Gramática das Construções.

A realização de estudos que têm como objetivo analisar a língua de um ponto de vista funcional, especialmente aqueles elaborados sob a ótica do funcionalismo norte-americano, implica, basicamente, investigar o uso da língua em situação de interação.

Embora essa seja a assunção central dos trabalhos de cunho funcionalista, Furtado da Cunha *et al.* (2003) apontam algumas tendências atuais de estudos sobre o uso linguístico. Dentre elas, os autores citam que alguns trabalhos têm buscado “um aprofundamento dos aspectos interacionais e cognitivos envolvidos na configuração dos fenômenos linguísticos”. (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003, p. 124)

No bojo desses trabalhos, situa-se este, que, ao lançar mão dos pressupostos advindos da conjugação teórica da Linguística Funcional à Linguística Cognitiva, pretende investigar as construções formadas pelo verbo *agarrar* em português tendo em vista seus aspectos interacionais e cognitivos.

Dentro do arcabouço teórico da Linguística Cognitivo-Funcional, buscamos respaldo nos pressupostos da Gramaticalização e da Gramática das Construções, já que ambas amparam a análise das construções com *agarrar*.

As questões relacionadas à gramaticalização são retomadas nesse trabalho, pois parece ser possível sustentar a proposição de um *continuum* de gramaticalização para as construções com o verbo *agarrar* tomando como base, principalmente, os graus de integração de cláusulas tal como proposto por Hopper e Traugott (2003). Dessa forma, em uma extremidade encontra-se a construção [- gramatical], por ser mais independente, e na outra, a [+ gramatical], por ser mais dependente, ou seja, mais sintaticamente integrada.

O debate teórico da Gramática das Construções, por sua vez, possibilita compreendermos a relação entre o verbo *agarrar* e as construções nas quais ocorre, bem como refletir sobre uma possível relação de herança entre as construções em análise.

Considerando o objeto de estudo e a fundamentação teórica que envolve a pesquisa, são referências principais autores como Heine (1993), Hopper e Traugott (2003) e Goldberg (1995, 2006).

A investigação do uso de uma língua tendo em vista a perspectiva teórica aqui adotada deve ser feita a partir de uma reflexão sobre dados contextualmente inseridos. Portanto, além do respaldo teórico, o respaldo empírico também é necessário. Para esse estudo, utilizamos o *Corpus do Português*, o *corpus* organizado por Leosmar Aparecido Silva e a ferramenta de busca do Google. O primeiro detém textos orais, ficcionais, jornalísticos e acadêmicos do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE) dos séculos XIV ao XX, enquanto o segundo é constituído por transcrições de 12 entrevistas feitas com moradores da cidade de Goiás – GO. O Google, por sua vez, é uma ferramenta de busca na internet que foi utilizado a fim de identificarmos casos específicos de construções transitivas, dados que são devidamente sinalizados no texto. Todos são, portanto, nossos *corpora* de consulta¹.

A partir deles, coletamos cerca de 1000 dados, dentre os quais identificamos três tipos de construções com o verbo *agarrar*, denominadas transitivas, paratáticas e subordinadas², que foram identificadas tanto no PB quanto no PE. Essas construções, quando formadas pelo verbo *agarrar* apresentam as seguintes configurações sintáticas, respectivamente:

I. [V *agarrar* COMP]

II. [V1 *agarrar* (e) V2_{fin}]

III. [V1 *agarrar* (a) V2_{inf}]

As ocorrências em (1), (2) e (3) são representativas dos três tipos de construções:

(1) Em o segundo, com um carrinho de compras, um representante de cada dupla corre alucinado por o supermercado **agarrando produtos**. (Título: Folha: 3346: sec: clt-soc. Texto jornalístico: PB)

(2) INQ1 Mas não dizem que está finta, ou está.. INF É. É fintar, é a fintar. (..) Quando o pão estiver finto, **agarro e boto** (..) para o coiso. Começo a botar para o forno. (Título: Cordial: COV06. Texto oral: PE)

¹Vale ressaltar a diferença dos termos *corpus de consulta* e *corpus de análise*. O primeiro diz respeito a um *corpus* no qual realizamos a busca por ocorrências de construções com o verbo *agarrar*, enquanto o segundo é constituído pelos dados coletados, que são descritos e analisados nesse trabalho.

²O termo *subordinada* é utilizado nesse trabalho no sentido de Hopper e Traugott (2003). A subordinação, para os linguistas, corresponde ao tipo de combinação de cláusulas em que há maior dependência sintático-semântica entre as orações. No caso das construções subordinadas investigadas nesse trabalho, vemos o mesmo, já que há entre os verbos V1 e V2 uma forte integração tanto sintática quanto semântica.

(3) A gente também servia a comida; e ela ia levar o leite e vinha e, claro, **agarrava-se a trabalhar**: ou ia à erva ou a cavar ou, pronto, a trabalhar. (Título: Cordial: COV13. Texto oral: PE)

A escolha das construções com *agarrar* como objeto de estudo é consequência dos resultados de um trabalho³ finalizado no ano de 2010, cujo objetivo era descrever e analisar um tipo específico de construção denominada, por Rodrigues (2006), Construções *foi fez*⁴, ou CFFs, nas modalidades falada e escrita do PE. Nesse estudo, identificamos CFFs formadas pelo verbo *agarrar*, caso que não havia sido identificado em trabalhos realizados sobre essa construção em PB⁵.

Tal constatação, somada ao viés funcionalista desse trabalho, instigou nosso interesse em investigar os diferentes usos desse verbo nas variedades nacionais⁶ do português, tendo em vista que o PB e o PE apresentam diferenças nos níveis fonético, morfológico, sintático e lexical, conforme Mateus (2005, p. 18-19) aponta.

Um trabalho como esse se justifica na medida em que pretende colaborar com a descrição da Língua Portuguesa, e, além disso, com a descrição de construções formadas por um verbo pouco explorado no âmbito dos estudos linguísticos do português. Os estudos funcionalistas, especialmente aqueles que se dedicam à investigação dos fenômenos de gramaticalização, têm se detido, em maior grau, à análise de verbos que são frequentemente recrutados como fontes desse processo. Em vista disso, observa-se a abrangência de pesquisas que tratam de verbos como *ir* e *pegar*, por exemplo.

Com esse trabalho, portanto, investigamos as construções com o verbo *agarrar* a partir do ponto de vista teórico mencionado, tendo os seguintes objetivos:

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

O objetivo geral desse trabalho é descrever e analisar, qualitativamente, as construções com o verbo *agarrar* identificadas em textos das modalidades oral e escrita do PB e do PE do século XX.

³Ver COELHO (2010) em Referências Bibliográficas.

⁴O termo *Construções Paratáticas* é a denominação adotada recentemente em substituição ao termo *Construções foi fez*, utilizado em RODRIGUES (2006) e em COELHO (2010).

⁵Ver RODRIGUES (2006), TAVARES (2005) e PAL (2005) em Referências Bibliográficas.

⁶Mateus (2005, p. 18), ao tratar da *Variação linguística no português*, utiliza o termo *variedades nacionais* para se referir ao Português do Brasil e ao de Portugal.

1.2. Objetivos Específicos

Tendo em vista o objetivo geral dessa pesquisa, destacamos os seguintes objetivos específicos:

- i. descrever as configurações sintáticas das construções com o verbo *agarrar* identificadas nos *corpora*;
- ii. apresentar os significados associados a cada construção;
- iii. mostrar a relação entre o significado do verbo *agarrar* e o significado das construções nas quais ocorre;
- iv. propor um *continuum* de gramaticalização para as construções com *agarrar*;
- v. destacar as semelhanças e/ou divergências entre as construções do PB com as do PE.

Paralelamente aos objetivos traçados, buscamos responder a algumas questões norteadoras, sendo elas:

1) As construções transitivas, paratáticas e subordinadas, nas quais identificamos a presença do verbo *agarrar*, são construções, tal como proposto por Goldberg (1995, 2006), com forma e significado próprios?

2) Qual é a relação semântica entre as construções transitivas, paratáticas e subordinadas do português e o verbo *agarrar*?

3) É possível atestar um *continuum* de gramaticalização das construções com o verbo *agarrar* formando uma escala que parte das menos gramaticais para as mais gramaticais?

Em decorrência dessas questões de pesquisa, formulamos três hipóteses. Acreditamos que as configurações sintáticas expressas em I, II e III (p. 14) são construções do português, com forma e significado próprios, ou seja, são padrões oracionais específicos, cada qual com suas particularidades sintáticas e semânticas. Ademais, cremos que o verbo *agarrar* seja semanticamente compatível com o significado das construções nas quais ocorre e que as mesmas podem ser descritas como mais ou menos gramaticais, constituindo, desse modo, um *continuum* de gramaticalização.

Essa dissertação está organizada em quatro capítulos, que estão distribuídos da seguinte forma:

No *Capítulo 1. A descrição do verbo agarrar*, apresentamos uma revisão bibliográfica do verbo *agarrar* a partir de dicionários e gramáticas da Língua Portuguesa. Nos dicionários observamos, especialmente, as várias acepções do verbo em estudo, além de verificar a

classificação que se dá a ele tendo em vista a sua transitividade. Já nas gramáticas, buscamos, principalmente, observar os aspectos tratados sobre a categoria verbal e ressaltar, quando feito pelos autores, informações sobre o verbo *agarrar*.

O *Capítulo 2. Fundamentação teórica* destina-se a uma breve discussão teórica acerca dos pressupostos assumidos por nós no desenvolvimento da pesquisa, cujo foco recai sobre as construções formadas pelo verbo *agarrar* em português. Sinalizamos os conceitos teóricos da Linguística Cognitivo-Funcional, da Gramaticalização e da Gramática das Construções que são necessários para a análise das mesmas.

No capítulo seguinte, intitulado *Metodologia*, são apresentados o recorte metodológico a partir do qual delimitamos o *corpus* de consulta, o *corpus* de análise e o método de coleta e análise dos dados. Ainda problematizamos a questão da utilização de dados de textos de escrita e da representatividade de um *corpus*.

Já no *Capítulo 4. As construções com o verbo agarrar*, realizamos a descrição e análise das construções transitivas, paratáticas e subordinadas com o verbo *agarrar* mostrando suas formas e significados, tendo como respaldo os pressupostos teóricos mencionados.

Por fim, apresentamos as *Considerações finais*, espaço destinado a recuperar de um modo sucinto a análise realizada sobre as construções, mostrando, ao invés de conclusões, caminhos a serem percorridos, já que nada na língua está pronto e acabado.

Em *Referências*, listamos as obras mencionadas no texto.

Capítulo 1. A descrição do verbo *agarrar*

Introdução

Este capítulo, dedicado à descrição do verbo *agarrar* em dicionários e gramáticas da Língua Portuguesa, visa apresentar suas acepções, tal como exposto pelos lexicógrafos, e também as categorizações propostas nas gramáticas acerca da categoria *verbo* de um modo geral, mas buscando identificar alguma referência mais específica ao *agarrar*.

Nos dicionários, além de observarmos as várias acepções dadas ao verbo, nos atentamos, também, às classificações quanto a sua transitividade, o que nos levou a verificar sua regência. Essa descrição é importante principalmente porque defendemos uma forte interação entre o verbo e as construções nas quais ocorre, desse modo, as acepções do *agarrar* contribuem com o significado das construções em foco nesse trabalho.

Nas gramáticas, além de buscarmos elucidar a forma como seus autores tratam e definem a categoria verbal, consultamos, também, a forma como cada gramática trata os verbos auxiliares aspectuais e os verbos reflexivos, uma vez que questões relativas a esses assuntos contribuem para a análise dos dados que constituem o *corpus* de análise dessa pesquisa.

1.1. O verbo *agarrar* nos dicionários

A consulta aos dicionários se fez necessária para que pudéssemos observar as extensões de sentido do verbo *agarrar* já registradas nos dicionários da língua. Ao total, foram consultadas 11 obras lexicográficas, que contemplam um período de 50 anos, que se inicia com o *Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, publicado em 1954 e chega ao *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, publicado recentemente em 2010⁷.

Além desses, pesquisamos as acepções do verbo *agarrar* em: Bueno (1963), Fernandes (1967), Aulete (1980), Cunha (1982), Luft (1997), Borba (2002), Houaiss (2004) e nos dicionários virtuais Priberam e Michaelis.

⁷Consultamos, também, as obras de Aurélio publicadas em 1986 e 1999, mas nelas não encontramos observações diferentes daquelas especificadas na edição de 2010. Apresentam-se as mesmas acepções e os mesmos exemplos.

De um modo geral, as acepções dadas ao verbo *agarrar* são semelhantes, embora haja, em algumas obras, maiores especificações semânticas do que em outros, o que parece explicar a variação no número de acepções para o verbo de um dicionário para outro. Além disso, os dicionários se distinguem quanto à forma como as acepções são organizadas, alguns lexicógrafos adotam uma ordem que prioriza a sintaxe, enquanto outros as organizam de acordo com a semântica.

O verbo *agarrar* apresenta inúmeros significados, que são ilustrados pelos dicionários a partir de outros verbos, sinônimos de *agarrar*, e são seguidos, na maioria das vezes⁸, por exemplos e/ou abonações.

A acepção *prender* é comum a todos os dicionários, mas, na maioria deles, há uma maior especificação dessa acepção, que varia entre *prender com garra* e *prender com a garra*. No primeiro caso, *garra* parece ter um significado metafórico indicando “força, intensidade, vigor” (Aurélio, 2010), mas, no segundo caso, *garra* tem o sentido de “unha aguçada e curva de feras e aves de rapina” (Aurélio, 2010).

A fim de verificar qual seria o uso inicial do verbo *agarrar* em português, consultamos os dicionários etimológicos de Bueno (1963) e Cunha (1982), que concordam ao afirmarem que a origem do verbo *agarrar* é o vocábulo *garra*, cujo significado primeiro é “unha aguçada e curva das feras e aves de rapina”, que, por extensão, assumiu o significado de “unhas, dedos, mãos”. Ainda no dicionário de Cunha (1982), encontramos a informação de que o verbo foi dicionarizado no século XVI, e que apenas no século XVII surge o significado de *garra* como “ânimo forte, fibra”.

Portanto, tendo em vista as informações trazidas acerca do verbo *agarrar* no dicionário etimológico de Cunha (1982) principalmente, o significado primeiro do verbo *agarrar* parece ser *prender com a garra* (unha aguçada e curva das feras e aves de rapina) e não *prender com garra* (ânimo forte, fibra).

A extensão de usos do vocábulo *garra*, da qual resultou sua mudança semântica de “unha aguçada e curva das feras e aves de rapina” para “unhas, dedos, mãos” e “ânimo forte, fibra”, parece ter influenciado a mudança semântica do verbo *agarrar*, que, a depender do contexto linguístico, pode apresentar o significado de *prender com a garra*, *prender com as mãos* ou *prender com força*. Além disso, o significado metafórico de *garra* como “ânimo forte, fibra”, pode ter influenciado a mudança semântica do verbo, tendo em vista que ele

⁸O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha e o *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno não apresentam exemplos, somente a explicação etimológica do verbo. O dicionário *Priberam online* também não se detém à ilustração de exemplos.

parece codificar o ato de trazer para si de modo mais intenso do que os outros verbos semanticamente próximos a ele, como o *pegar*, o *catar* e o *tomar*.

Apresentamos a seguir as acepções dadas ao verbo nos dicionários consultados, já especificados acima, a fim de ilustrar sua polissemia.

1. Segurar com força; pegar: *Todos agarraram as ferramentas.* (Borba, 2002)
2. Aproveitar; lançar mão de: *Na noite comprida, o Dr. Pélade ansiava pela manhã para agarrar a oportunidade.* (Borba, 2002)
3. Grudar-se, prender-se: *A hera agarra-se à parede.* (Houaiss, 2004)
4. Segurar-se, firmar-se em: *Agarrar-se a uma árvore.* (Aulete, 1980)
5. Sujeitar sexualmente: *Eu nunca vou agarrar mulher à força.* (Borba, 2002)
6. Abraçar(-se) fortemente; atracar-se: *Agarrou-se à moça, beijando-a à força.* (Aurélio, 2010)
7. Lançar mão de, valer-se *Agarrou o mesmo argumento do adversário.* (Freire, 1954)
8. Estar sempre próximo; assediar com insistência: *Agarrou-se com o deputado para conseguir o emprego.* (Houaiss, 2004)
9. Recorrer: *Agarrar-se à tudo.* (Fernandes, 1967)
10. Tornar ligado, preso a: *A nova crença o agarra à vida.* (Houaiss, 2004)
11. Prender; aprisionar; capturar: *O policial agarrou o desordeiro.* (Luft, 1997)
12. Apegar-se: *Mas agarra-se à esperança de adiar o momento dessa libertação temerosa.* (Borba, 2002)
13. Recorrer à proteção, ao socorro de: *Agarrar-se com Deus, com os santos.* (Luft, 1997)
14. Pegar; apanhar, tomar: *Agarrando no chapéu, saiu apressadamente.* (Aurélio, 2010)
15. Deixar-se prender a; aferrar-se, persistir: *A.-se a certos princípios.* (Houaiss, 2004)
16. Atrair: *Tanta moça cabeçuda e nenhuma agarra homem!* (Borba, 2001)
17. Agarrar-se com o chão (a planta), - não crescer, andar rasteira. (Fernandes, 1967)
18. Manter-se aferrado ou ligado: *Agarrar-se a uma ideia.* (Aurélio, 2010)
19. *Bras. Fut.* Jogar de goleiro; defender: “*pela facilidade com que chuta [Pelé], com que passa ou finaliza, cabeceia ou até mesmo agarra*”. (Aurélio, 2010)
20. Ligar, prender: *É que esta âncora o agarra à eternidade.* (Fernandes, 1967)
21. Principiar; tomar (uma direção, um caminho); entrar, enveredar: “*...garrei o mato porque num gosto munto de guerredá*”. (Amaral, 1976)

22. Furtar arrebatadamente “*Quem teve unhas tão farpantes para destruir um reino, que apelidava seu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse que era alheio*”. (Freire, 1954)
23. Ligar-se afetivamente; apegar-se: *Você se agarrou comigo*. (Borba, 2002)
24. Tomar uma deliberação súbita; resolver-se: *agarrou e foi embora*. (Houaiss, 2004)
25. B. infm. Começar a ou insistir em: *a criança agarrou a chorar*. (Houaiss, 2004)

Dentre as acepções apresentadas nos dicionários para o verbo *agarrar*, encontram-se algumas bastante metafóricas, nas quais recuperar o significado de *prender com a garra* não é possível, tal como em 7, 9, 18, 23, 24 e 25, por exemplo.

Todos os dicionaristas concordam em classificar o verbo *agarrar* como transitivo e pronominal em casos como os especificados em 1 e 4, respectivamente. Porém, há várias outras classificações, sobre as quais tecemos alguns comentários.

Alguns dicionários, como o de Bueno (1963), Fernandes (1967), Amaral (1976), Aulete (1980) e Priberam *online* se limitam a declarar que o verbo *agarrar* é transitivo. Nos demais, há uma maior especificação quanto à classificação do verbo e a sua regência. Luft (1997) e Freire (1954), por exemplo, destacam, já no prefácio de suas obras, um interesse e atenção especiais ao estudo da regência.

Freire (1954, p. 13) aponta que é frequente encontrar vários regimes ligados a uma mesma acepção e que há verbos que podem ter todas as formas de predicação: “podem ser transitivos diretos, transitivos indiretos, bitransitivos”, etc. O dicionarista sempre apresenta, ao lado das acepções do verbo *agarrar*, quais as preposições que podem ser utilizadas.

Luft (1997) também discute a diversidade de regências de um mesmo verbo citando Nascentes (1960):

A regência, como tudo na língua, a pronúncia, a acentuação, a significação, etc., não é imutável. Cada época tem sua regência, de acordo com o sentimento do povo, a qual varia, conforme as condições novas da vida. Não podemos seguir hoje exatamente a mesma regência que seguiam os clássicos; em muitos casos teremos mudado.” (NASCENTES, 1960, p. 18)

A fim de ilustrar casos de mudança de regência, o dicionarista mostra o verbo *agradar*. De início, o verbo era usado com a preposição *a*, como em *agradar a alguém*, porém hoje vemos esse verbo sendo usado sem a preposição: *agradar alguém*. Não há uma discussão sobre o verbo *agarrar* especificamente, mas, a partir das acepções do verbete, notamos a amplitude do levantamento das mais variadas regências do verbo.

Na obra de Luft (1997), mas não somente nela, são apresentados casos em que a classificação do verbo *agarrar* como transitivo indireto parece se basear apenas no critério presença de preposição. Luft (1997) apresenta um caso, por exemplo, em que, segundo ele, o verbo *agarrar* é obrigatoriamente seguido por um objeto direto, mas optativamente por um objeto indireto. Embora não ilustre o caso com um exemplo, apresenta a configuração sintática: *agarrá-lo (por...)*, que parece corresponder a casos do nosso *corpus* como (4):

(4) Com um berro, Amanda Carrusca abre os braços. - Olha o moço a abocanhar o pão! Júlia corre pelo terreiro. Curva-se, arranca o pão das mãos de Bento. Refeito do inesperado ataque, o filho arrasta-se, tentando **agarrá-la pelas saias**. - Oh, 'nha ma'! (Título: Seara de Vento, de Manuel da Fonseca. Texto ficcional: PE)

Para Luft (1997), portanto, o pronome *la* assume a função de objeto direto enquanto o complemento preposicionado *pelas saias* corresponde ao objeto indireto.

Freire (1954), nessa mesma direção, afirma que o verbo *agarrar*, em casos como (5) exemplificado por ele, é bitransitivo, ou seja, seleciona objeto direto (*os braços*) e indireto (*com a esquerda*).

(5) *Pôde pintar a Juno **agarrando os braços** de Diana **com** a esquerda.*

Luft (1997) ainda mostra que existe um uso em que o verbo *agarrar* é classificado como transitivo direto pronominal indireto. Apesar de não apresentar exemplo para o caso, mostra a configuração sintática associada a esse uso do verbo: (*agarrar-se a, em*), em que fica evidente que, para ele, as preposições *a* e *em* introduzem o objeto indireto.

Aurélio (2010) também classifica o verbo *agarrar* como transitivo indireto em casos como:

(6) *Agarrou nos seus pertences e foi embora.*

No Michaelis *online*, encontramos o mesmo tratamento ao complemento preposicionado. Em (7), por exemplo, o verbo é classificado como transitivo indireto devido à concepção de que *em seus filhos* é um objeto indireto.

(7) *Agarrou em seus filhos e partiu.*

De fato, conforme dito por Luft (1997), a regência verbal é, como outros fenômenos linguísticos, dinâmica. Entretanto, consideramos que a presença de preposições introduzindo o complemento do verbo *agarrar* não parece ser um critério suficiente nem para classificar o complemento como objeto indireto nem o verbo como transitivo indireto.

Ainda sobre a classificação do verbo *agarrar* nos dicionários, notamos que em algumas obras e em casos específicos, ele é tratado como intransitivo. Assim o faz Aulete (1980), Luft (1997) e Houaiss (2004) apresentando-o com os seguintes exemplos:

Aulete:

v. int. (Bras., Rio Grande do Sul) (pop.) iniciar uma ação surpreendente ou inesperada: *Nisto ele **agarrou** e retirou-se.*

Luft:

Int: agarrar. (Fut.) Segurar; apanhar (a bola): *Esse goleiro **agarra** bem (as bolas).*

Houaiss:

Int. fig. B. infm. Tomar uma deliberação súbita; resolver-se: ***agarrou** e foi embora.*

Int. fut. B. jogar na posição de goleiro: *ele tanto joga no ataque como **agarra** muito bem.*

Os exemplos: *agarrou e retirou-se* e *agarrou e foi embora*, apresentados em Aulete (1980) e Houaiss (2004), respectivamente, são representativos das construções paratáticas investigadas nesse trabalho. O verbo *agarrar* é classificado como intransitivo nesses casos, porque se leva em conta o critério sintático e, também, por se realizar uma análise composicional, assim, se o verbo não é seguido de complemento, é classificado como intransitivo.

Sobre a transitividade verbal, Luft (1997) diz:

Verbos que basicamente se constroem com complemento(s) podem aparecer sem ele(s), e outros que prescindem de complemento passam a recebê-lo. Em outras palavras: verbos transitivos aparecem como intransitivos, e intransitivos como transitivos. (LUFT, 1997)

Fernandes (1967) também tece comentário sobre essa questão da transitividade/intransitividade de alguns verbos dizendo:

A teoria corrente, de que o verbo transitivo é aquele que exige complemento para formar sentido, não satisfaz, porquanto verbos há de predicação completa, que, por isso que aparecem seguidos de um objeto direto, passam para a categoria dos transitivos. (FERNANDES, 1967)

Ao contrário disso, a abordagem construcional defende uma análise não composicional, em que os itens lexicais não são investigados isoladamente, por isso, conforme mostramos adiante, não é necessário postular inúmeras classificações ao *agarrar* em cada nova construção em que ele ocorre, o essencial é considerar a relação entre ele e a construção.

O tratamento do verbo *agarrar* como transitivo indireto nos casos supracitados, bem como sua ocorrência em contextos intransitivos são tratados no Capítulo 4.

1.2. Categoria *verbo* nas gramáticas do português

1.2.1. A proposta de Said Ali (1964)⁹

Said Ali, em sua *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, define o verbo como “a palavra que denota a ação ou estado e possui terminações variáveis com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural), o tempo (atual, vindouro, ou passado) e o modo da ação ou estado (real, possível, etc.).” (1964, p. 68) Tendo em vista as conjugações verbais, o autor divide os verbos em regulares, irregulares, defectivos e auxiliares, sendo os últimos, “os verbos que se combinam com as formas infinitas de outros verbos para constituir conjugação composta.” O autor informa que são os verbos *ser*, *estar*, *ter*, *haver* os auxiliares mais comuns.

À conjugação do verbo ao pronome reflexivo, Said Ali (1964, p. 96) chama voz média ou medial, que, segundo ele, pode ser empregada em quatro significações diferentes:

1. “ação rigorosamente reflexa, que o sujeito em vez de dirigir para algum ente exterior, pratica s[o]bre si mesmo”, ex.: (8) *Pedro matou-se*.
2. “estado ou condição nova, equivalendo a forma reflexa à combinação de *ficar* com participio do pretérito”, ex.: (9) *Renato feriu-se nos espinhos*. [= ficou ferido]
3. “ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, idêntico ao que executa em cousas ou outras pessoas, sem haver pr[o]priamente a id[e]ia de direção

⁹O ano que aparece ao lado dos nomes dos autores das gramáticas consultadas corresponde ao ano de edição das mesmas, exceto nas obras de Neves e Castilho, nas quais os anos 2000 e 2010, respectivamente, correspondem ao ano em que foi realizada a primeira publicação de suas gramáticas.

reflexa”, ex.: (10) *Ele arremessou-se sobre o inimigo.* [à semelhança de: arremessou uma pedra].

4. “ato em que o sujeito aparece vivamente afetado”, ex.: (11) *Ufano-me de ser brasileiro.*

O autor ainda faz uma ressalva dizendo que há casos em que o verbo é recíproco, que se distingue do verbo reflexivo por acrescentar-se *um ao outro, uns aos outros*, ex.: (12) *Estimam-se uns aos outros.*

1.2.2. A proposta de Melo (1978)

Na *Gramática fundamental da Língua Portuguesa*, Melo (1978, p. 80) define o verbo como “a palavra *dinâmica*, a palavra que exprime ação, fenômeno cambiante e, esporadicamente, estado ou mudança de estado”, “é a palavra que exprime *processo*, movimento” e que “exprime as realidades em *visão dinâmica* [...] situa os seres *no tempo*”.

A voz reflexa é apresentada como aquela em que o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, ou seja, aquele que pratica e sofre a ação do verbo.

Quanto à definição dos verbos auxiliares, o autor restringe-se a dizer que são os verbos que formam os tempos compostos, citando que em português são os verbos *ter* e *haver* os que acompanham o verbo principal no particípio passado.

1.2.3. A proposta de Cunha e Cintra (1988)

Em Cunha e Cintra (1988, p. 377), o verbo é classificado como “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”, ou seja, passado, presente e futuro. Os autores apresentam sucintamente alguns apontamentos acerca das flexões verbais de número, pessoa, modo, tempo e se detêm um pouco mais ao tratar da categoria aspecto, que é determinada por eles, com base em Bureau (1974, p. 41), como “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”, sendo as ações divididas em dois grupos: concluídas (quando os verbos aparecem no perfeito ou mais-que-perfeito) e não concluídas (imperfeito).

Ressaltam, porém, que há quem trate da categoria aspecto a partir dos valores semânticos dos verbos auxiliares que acompanham o verbo principal, em locuções verbais do tipo:

(13) João **começou a comer**.

(14) João **continua a comer**.

(15) João **acabou de comer**.

Nesses casos, são os significados dos verbos *começar*, *continuar* e *acabar* que sinalizam o aspecto do verbo *comer* como incoativo, permansivo e conclusivo, respectivamente. Os autores, contudo, apresentam apenas o verbo *começar* ao falarem do aspecto incoativo. Não fazem referência a outros verbos.

Os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar* são citados como os auxiliares de uso mais frequente, por isso, a eles se detêm mostrando exemplos de seus usos nessa função, mas apontam, em nota, trabalhos que tratam de outros verbos que assumem a função de auxiliar.

Ainda na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, encontramos referência aos verbos que aparecem na voz reflexiva. É dito que “na voz reflexiva o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objecto directo ou, mais raramente, de objecto indirecto e apresenta a mesma pessoa que o sujeito.” (1988, p. 405)

(16) Eu **lavo-me** (ou **me lavo**).

Os verbos na voz reflexiva também podem indicar reciprocidade, tal como se pode notar em (17):

(17) Pedro, Paulo e eu **estimamo-nos** (ou **nos estimamos**) [= mutualmente].

E, além deles, também há os verbos pronominais. Nesse caso, os verbos são conjugados com pronomes oblíquos átonos, mas sem que ele tenha exatamente o mesmo sentido do verbo.

(18) a. Debater [= discutir]

b. Debater-se [= agitar-se]

1.2.4. A proposta de Bechara (1977 e 2006)

Em Bechara (1977, p. 103), encontramos para o verbo a seguinte definição: “é a palavra que, exprimindo ação ou apresentando estado ou mudança de um estado a outro, pode fazer indicação de pessoa, número, tempo, modo e voz.”

O autor faz uma apresentação rápida acerca das pessoas, dos tempos, dos modos e das vozes verbais antes de enveredar pelas conjugações. Mas notamos que ao tratar das vozes do verbo, Bechara (1977), no que tange mais especialmente à voz reflexiva, diz: “é a forma verbal que indica que a pessoa é, ao mesmo tempo agente e paciente da ação verbal, formada pelo verbo seguido de pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere”, apresentando os seguintes exemplos:

(19) eu **me** visto, tu **te** feriste, ele **se** enfeita.

O interessante, porém, é que, ao contrário de Cunha e Cintra (1988), que diferenciam verbos reflexivos de verbos pronominais, afirma que “[o] verbo empregado na forma reflexiva diz-se pronominal.”

Trata os assuntos *locuções verbais* e *verbos auxiliares* em um só tópico, uma vez que muitas vezes, segundo ele, na locução verbal, o verbo auxiliar “empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.” Esclarece um pouco mais acerca das locuções verbais, dizendo que entre o auxiliar e o principal, podem ocorrer as preposições *de, em, por, a, para*. Além disso, apresenta algumas aplicações dos verbos auxiliares no português, trata dos tradicionais auxiliares *ter, haver, ser, estar*, mas também de vários outros, como os acurativos, os modais e os causativos.

Os acurativos são aqueles que se combinam com verbos no infinitivo ou no gerúndio, determinando, assim, os aspectos da ação verbal “que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro”.

- início da ação: *começar a escrever*;
- iminência de ação: *estar para (por) escrever*;
- desenvolvimento gradual da ação: *andar escrevendo*;
- repetição da ação: *tornar a escrever*;
- término da ação: *acabar de escrever*.

Os *modais* são aqueles “que se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal”.

- necessidade: *haver de escrever*;
- possibilidade ou capacidade: *poder escrever*;
- vontade ou desejo: *querer escrever*;
- tentativa ou esforço: *buscar escrever*;
- consecução: *conseguir escrever*;
- aparência, dúvida: *parecer escrever*;
- movimento para realizar um intento futuro: *ir escrever*;
- resultado: *vir a escrever*.

Os *causativos* *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos e os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos são aqueles “que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal.”

Na versão de 2006, a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara, mostra-se mais atualizada, informação dada já no prefácio da obra. No tópico destinado aos verbos já se identifica essa diferença, já que o autor discute a distinção entre os verbos chamados nocionais e relacionais, mostrando que entre eles não há diferenças sintáticas, uma vez que ambos apresentam morfemas de pessoa e número, diferenciando-os apenas o aspecto semântico. Nessa edição, Bechara trata as categorias tempo e aspecto baseando-se na proposta do linguista Eugenio Coseriu. Nesse momento, apresenta a categoria *visão*, não tratada nas demais, cujo conceito é: “categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.” O verbo *agarrar* é citado quando o autor se detém no tópico *visão global*, apresentando-o em *perífrases aditivas* do tipo *agarro e escrevo*. Esse verbo é novamente citado quando o autor trata das fases, que codificam a “relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada”. A fase inceptiva, que “marca o ponto inicial da ação” é ilustrada com o seguinte exemplo com *agarrar*: (20) *ele agarrou e foi-se embora*, caso chamado de *construção aditiva*.

Acerca da voz reflexiva esclarece que:

[...] indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de ‘passividade com se’ e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere. (BECHARA, 2006, p. 222-223)

1.2.5. A proposta de Neves (2000)

Neves (2000) apresenta à comunidade acadêmica uma gramática que parte do uso dos itens lexicais e gramaticais da Língua Portuguesa para, a partir dele, compor a “gramática” dos mesmos, mostrando seus sentidos e funções na língua. O verbo, segundo a autora, constitui o predicado das orações e distingue esses - que constituem predicados, daqueles que não constituem predicados: os verbos modalizadores, os aspectuais e os auxiliares de tempo e voz. Dentre os verbos que constituem predicados, divide-os tendo em vista três subclassificações: subclassificação semântica (dividindo-os em dinâmicos e não dinâmicos), subclassificação com integração de componentes (dividindo-os em dinâmicos com controle e sem controle, não dinâmicos com e sem controle) e subclassificação segundo a transitividade.

Sobre esse último assunto, Neves (2000) faz um levantamento da transitividade partindo do papel dos complementos verbais, assim, especifica quatro classes principais de verbos: 1. *verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado*; 2. *verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, não é um paciente afetado*; 3. *verbos que possuem um complemento não preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado*; 4. *verbos que têm complementos oracionais*. Aponta que são verbos transitivos prototípicos aqueles especificados em 1., cujo objeto é paciente de mudança.

Dispensa grande atenção aos verbos-suporte, conceituando-os como verbos “de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. (2000, p. 53) A exemplo disso cita:

(21) *Odete deu um grito, alguém acendeu a luz.*

em que *deu um grito* corresponde ao verbo *gritar*. Entretanto, mostra que algumas construções com verbo-suporte não têm como correspondente um verbo simples, como em:

(22) *O próximo que der um pontapé vai ser anão.*

Há, ainda, construções em que, embora sejam constituídas por verbo semanticamente esvaziado + objeto e que mantenham relação de paráfrase com um verbo simples, o primeiro verbo não constitui um verbo-suporte, trata-se, portanto, de expressões fixas, cristalizadas, segundo a autora. Por isso, acha conveniente delimitar a composição das construções com verbo-suporte, sinalizando que os casos prototípicos são aqueles que têm como complemento um sintagma nominal não referencial, geralmente substantivo, sem determinante (*fazer vistoria, deu origem, tomam banho*, etc.). Além disso, diz que esses verbos que funcionam como verbos-suporte podem ter a função de verbos plenos em outras construções.

Desse modo, o que faz com que o falante opte pela construção com verbo-suporte em detrimento à construção com verbo pleno são os efeitos que a primeira causa. O uso da construção com verbo-suporte permite, segundo Neves (2000), maior versatilidade sintática; maior adequação comunicativa; maior precisão semântica e a obtenção de efeitos na configuração textual.

Ao tratar dos verbos que não constituem predicado, mais especialmente ao tratar dos verbos aspectuais, diz que formam perífrases (ou locuções) que indicam o início (aspecto inceptivo), o desenvolvimento (aspecto cursivo), o término (aspecto terminativo ou cessativo), o resultado (aspecto resultativo) e a repetição do evento (aspecto iterativo). Apesar de não citar o verbo *agarrar*, vale ressaltar que são apresentados nos exemplos, verbos diferentes dos tradicionais apresentados como auxiliares de aspecto, tais como: *passar* em *passou a aguardar*, *por* em *pus-me a caminhar*, *desandar* em *desandou a chorar*, *viver* em *vive fazendo*.

1.2.6. A proposta de Perini (2007)

Perini (2007, p. 320), em sua *Gramática descritiva do Português*, conceitua o verbo como “a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo”. Segundo o autor, é a partir desses traços morfossintáticos que se torna possível identificar um verbo e não a partir de sua propriedade de exprimir acontecimentos representados no tempo, nem em suas propriedades de exprimir ações, estados ou fenômenos, que são conceitos amplamente divulgados acerca dos verbos. Segundo o autor, há outras

palavras, como os substantivos, por exemplo, que também exprimem ações, mas que não podem ser classificados como verbos por isso, tais como *corrida*, *traição*¹⁰.

A definição de Perini (2007) acima exposta é chamada por ele de definição informal, por isso, apresenta outra, construída com base no comportamento gramatical dos verbos: “somente os verbos podem desempenhar a função de NdP [núcleo de predicado].”

O autor diz não ter compromisso algum com a gramática tradicional e que, portanto, os termos utilizados em sua obra não remetem àqueles tradicionais, são utilizados conforme a necessidade em exprimir o que deseja. Desse modo, estabelecer a relação de correspondência entre *verbo* e *núcleo do predicado* não implica considerá-lo a palavra mais importante, nem que transmite a parte mais relevante da mensagem.

Segundo Perini (2007), como verbos auxiliares podem-se encontrar: *ir*, *ter*, *haver*, *estar*, *vir*, *ir*, *andar*, *ser*, *estar*. Lista, também, os verbos que podem funcionar como auxiliares *modais* e *aspectuais*, que, segundo ele, se constroem apenas com o infinitivo: *poder*, *dever*, *acabar de*, *deixar de*, *começar a*, *continuar a*, *ter de/que*, *haver de/que*. O autor esclarece que nesses casos, os verbos “não apresentam traços próprios de transitividade”, ou seja, não formam predicados por si só, mas que podem o fazer em “construções nas quais não são auxiliares”.

1.2.7. A proposta de Castilho (2010)

Na *Gramática do Português Contemporâneo*, Castilho (2010) diz que há três definições para o verbo, levando-se em consideração os sistemas de que é feita uma língua, desse modo, há definições gramaticais (que considera sua morfologia e sintaxe), semânticas e discursivas.

“Do ponto de vista morfológico, são identificadas como verbo as classes que dispõem de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos”, já “do ponto de vista da sintaxe [verbo é] a palavra que articula seus argumentos, via princípio de projeção.” Tendo em vista sua semântica, o verbo é a palavra que expressa o estado das coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos. Já em relação ao discurso, o verbo é visto como a palavra “que introduz participantes no texto [...], que os qualifica devidamente, via processo de predicação [e] que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos.”

¹⁰Exemplos retirados de Perini (2007, p. 320).

Nessa obra, percebemos uma discussão aprofundada acerca dos tópicos tradicionalmente tratados nas gramáticas de um modo geral, mas também apresenta outros, tal como a gramaticalização de verbos, apenas para citar um.

Inicia o assunto sobre os verbos auxiliares ao tratar dos sintagmas verbais compostos, que são formados por um verbo pleno em forma nominal e um verbo auxiliar que o especifica. O linguista discute detidamente o assunto, apresentando questões como as mudanças semânticas dos verbos auxiliares e mostrando vários exemplos com verbos pouco lembrados quando se fala em auxiliarização.

Além disso, Castilho (2010) trata dos verbos-suporte, definindo-os como aqueles que “apresentam forte solidariedade sintática com o substantivo que se segue, ao qual não atribuem caso [...] o substantivo dispõe de uma baixa referencialidade, não vem antecedido de especificadores”. Contudo, inclui nesse tópico casos de construções paratáticas como (23) *Não gostei do sapato, fui troquei por outro.*

O autor também se detém no tema aspecto verbal, em que apresenta o aspecto perfectivo (pontual e resultativo), o imperfectivo (inceptivo, cursivo (terminativo), o semefactivo e o iterativo (imperfectivo e perfectivo).

O aspecto imperfectivo inceptivo “expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais” e é expresso por construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio, nas quais os verbos auxiliares são *principiar (a)*, *começar (a)*, *pôr-se (a)*, *pegar (a)*, como em: (24) *Começou a falar mal de mim.*

Castilho (2010) sinaliza a ocorrência do verbo *agarrar* nesses casos, ilustrando-os com os seguintes exemplos:

(25) *Garrou a criar uma coisa assim, parecia uma verruga*

(26) *Garrou a atacar.*

Porém aponta que há diferença entre os dados com o verbo *agarrar* e os demais (*principiar*, *começar*, *pôr-se*), uma vez que a significação inceptiva das construções com esses verbos decorre do significado dos mesmos, o que não ocorre nas construções inceptivas com *agarrar* e *pegar*. Nelas, segundo o linguista, o significado inceptivo decorre da associação desses verbos a um verbo no infinitivo, nas quais apresentam a função de auxiliar de aspecto inceptivo.

Nessa obra ainda consultamos as informações sobre a voz reflexiva, tópico em que o autor apresenta, de um modo geral, o mesmo tratamento dado pelos demais autores. A voz

reflexiva ocorre quando “o verbo atribui ao sujeito da sentença o papel ao mesmo tempo de /agente/ e /paciente/”, assim, “o sujeito e o objeto são correferenciais”.

Resumo

A partir da pesquisa nos dicionários, confirmamos a polissemia do *agarrar*, uma vez que encontramos para esse verbo várias acepções. Mostramos, com base nos exemplos dados pelos dicionaristas, que a classificação do verbo *agarrar* como transitivo indireto parece se basear apenas na presença de preposições introduzindo os complementos, entretanto, esse não nos parece ser um critério suficiente para classificá-lo dessa forma. Além disso, mostramos que em contextos linguísticos específicos, exemplificados nos dicionários, o verbo é classificado como intransitivo.

Essas classificações são retomadas no capítulo destinado à análise das construções com o verbo *agarrar* e problematizadas tendo em vista o arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa. Contudo, sinalizamos desde já que a abordagem construcional assume uma metodologia de análise em que não é necessário estabelecer múltiplas classificações para um mesmo verbo, uma vez que a análise recai essencialmente sobre a interação dele com a construção. Assim, considera-se que a transitividade do verbo *agarrar* não é alterada, o que ocorre é a expansão do seu uso para outros contextos.

Quanto à pesquisa nas gramáticas, verificamos que o tratamento dado aos tópicos consultados é, de um modo geral, bem parecido. A definição de verbo baseia-se, geralmente, em critérios morfossintáticos e semânticos, de modo que é visto, na maioria das obras, como a palavra que indica pessoa, número, tempo, modo e voz e expressa ação ou estado.

Os verbos citados ao se tratar dos verbos auxiliares são basicamente os mesmos. Em poucas obras encontramos a apresentação de um leque maior de verbos que podem funcionar como auxiliares de aspecto inceptivo, por exemplo. Sobre o verbo *agarrar*, mais especificamente, encontramos referência apenas em duas obras (Bechara, 2006 e Castilho, 2010).

No próximo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam a análise das construções aqui investigadas.

Capítulo 2. Fundamentação teórica

Introdução

Neste capítulo, destinado a tratar dos aspectos teóricos que subsidiam a pesquisa, apresentamos os pressupostos advindos da conjugação teórico-metodológica da Linguística Funcional à Linguística Cognitiva, denominada Linguística Cognitivo-Funcional, dentro da qual assumimos os estudos realizados acerca da Gramaticalização, elaborados em Linguística Funcional, e da Gramática das Construções, elaborados em Linguística Cognitiva, figurando como autora principal Adele Goldberg com seus trabalhos de 1995 e 2006.

Ressaltamos que a intenção, nesse momento, não é discutir exaustivamente o arcabouço teórico supracitado, nem mesmo esgotar as possibilidades de investigação das construções com o verbo *agarrar*, mas sim, apresentar os conceitos teóricos que se mostraram relevantes para a tarefa de descrevê-las e analisá-las no português.

2.1. Linguística Cognitivo-Funcional

O desenvolvimento de estudos acerca do uso da língua tem sido cada vez mais comum, dentre eles, estão os trabalhos realizados no âmbito da Linguística Cognitivo-Funcional, ou Linguística Baseada no Uso nos termos de Tomasello (2003, p. 5), cuja emergência é resultado da conjugação teórico-metodológica da Linguística Funcional à Linguística Cognitiva.

Essas duas correntes linguísticas se aproximam por apresentarem assunções comuns, o que justifica a possibilidade de conjugação das mesmas sob um mesmo rótulo, *cognitivo-funcional* ou ainda *modelos baseados no uso*¹¹, por conceberem que as estruturas linguísticas emergem da língua em uso. Essa assunção ressalta o caráter emergente das construções, que são consideradas, nessa visão teórica, as unidades linguísticas básicas. (cf. FURTADO DA CUNHA, 2011)

Por isso, metodologicamente, essa abordagem parte de dados reais em contextos efetivos de uso para realizar as análises, já que, por ressaltar a relação entre a estrutura e o uso linguísticos, não caberia lançar mão de exemplos construídos.

¹¹O termo *usage-based model*, ou modelos baseados no uso em português, foi proposto por Ronald Langacker em seu livro intitulado *Foundations of Cognitive Grammar* de 1987 e se aplica não só ao funcionalismo e ao cognitivismo, mas a outras áreas da linguística que partem do uso para realizarem as análises.

É comum, tanto à Linguística Funcional quanto à Cognitiva, a concepção de língua como “um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas”. (FURTADO DA CUNHA, 2011) Assim, considera-se que “a linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana”. (MARTELOTTA, 2009, p.62)

Essa concepção de língua implica outra, a da não modularidade da linguagem. Refuta-se, desse modo, a primazia de um módulo cognitivo sobre os demais e o princípio de que os módulos cognitivos relativos à linguagem tais como o sintático, o semântico, o fonológico, etc., e outros, tais como o raciocínio matemático, a percepção, a memória e a atenção, por exemplo, são independentes, ou seja, atuam separadamente como postula Chomsky.

Assume-se, portanto, que a descrição e a análise da gramática de uma língua não devem estar restritas a apenas um de seus componentes, à sua sintaxe, por exemplo, é nesse sentido que a Linguística Cognitivo-Funcional incorpora, também, a semântica e a pragmática às análises, uma vez que esses domínios são vistos como relacionados e interdependentes.

Além disso, assume-se que a linguagem é um componente da cognição que opera em comunhão com todos os outros, não é, portanto, um componente autônomo, independente dos demais, o que implica “uma visão integradora do fenômeno da linguagem com base na hipótese de que não há necessidade de se distinguir conhecimento linguístico de conhecimento não linguístico.” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2009, p. 179)

Como exemplo da divisão artificial de conhecimento linguístico e não linguístico, Ferrari (2011, p. 16) cita a palavra *esposa*. O conhecimento linguístico dessa palavra, chamado de conhecimento de dicionário, define como seu significado central a informação contida na mesma, ou seja, *mulher adulta casada*. Assim, estereótipos associados ao papel de esposa na sociedade, tal como *zelo*, são considerados não linguísticos e, por isso, não essenciais, são externos ao domínio da linguagem propriamente dita.

Essa visão, compatível à hipótese da modularidade, “sustenta que o conhecimento linguístico [...] é específico, de natureza distinta de outros tipos de conhecimento de mundo”. (FERRARI, 2011, p. 16) Contrariamente a isso, nos estudos em Linguística Cognitivo-Funcional, grande importância é dada à análise do contexto linguístico, uma vez que é a partir dele que o significado pode ser definido.

Em “*Joana é uma esposa e tanto!*”, por exemplo, não está sendo mobilizado o significado de esposa como *mulher adulta casada*, mas sim, as conotações de *zelo* e *cuidado* implicadas no papel de ser esposa, que ressaltam, portanto, o conhecimento de mundo a partir do qual se associa esposa a essas características.

Sobre os diferentes usos das palavras, Ferrari (2011, p. 18) diz: “[t]endo em vista que as palavras sempre ocorrem em contexto, o significado convencional representa uma idealização baseada no sentido prototípico emergente do uso contextualizado das palavras.” Desse modo, *mulher adulta casada* é tido como o significado convencional de *esposa*, pois esse parece ser o uso mais frequente da palavra, mas é necessário lembrar que não é o único e apenas no contexto linguístico podem-se identificar os significados.

Nessa direção, os trabalhos realizados sob essa perspectiva consideram, segundo Martelotta e Palomanes (2009, p. 179), “os processos de pensamento subjacentes à utilização de estruturas linguísticas e sua adequação aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas.”

Martelotta já havia ressaltado que os estudos reunidos sob o rótulo cognitivo-funcional “têm uma visão da dinâmica das línguas, ou seja, focalizam a criatividade do falante para adaptar as estruturas ling[u]ísticas aos diferentes contextos de comunicação” (2009, p. 62).

É em vista disso que essa abordagem não se restringe à descrição estrutural das línguas, mas se preocupa com a relação entre a estrutura gramatical e as “circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso”. (FURTADO DA CUNHA *et al*, 2003, p. 29)

Nesse sentido, a Linguística Cognitivo-Funcional constitui, juntamente com outras, uma abordagem centrada no uso, cuja metodologia implica analisar as estruturas linguísticas a partir do uso que se faz delas. Seus representantes são Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott da Linguística Funcional e George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg da Linguística Cognitiva.

É, além disso, uma tendência de investigação linguística que permite relacionar os aspectos interacionais e cognitivos presentes nos fenômenos linguísticos, tornando possível, por exemplo, a realização de trabalhos que, como esse, tem como foco a Gramaticalização e a Gramática das Construções, definidas respectivamente como: processo pelo qual “as formas linguísticas têm seus usos estendidos por processos unidirecionais de mudança, motivadas pelo uso e por fatores de ordem cognitiva” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 23), e “uma hipótese de representação do conhecimento gramatical que se insere na corrente de estudos da Linguística Cognitiva” (CIRÍACO, 2011, p. 104).

2.1.1. A gramaticalização

Foi dito anteriormente que a Linguística Baseada no Uso, ou Cognitivo-Funcional, assume como método de pesquisa observar a língua a partir dos usos que se faz dela, já que são deles que emergem as estruturas. Essa metodologia é coerente à concepção de que a língua é maleável, não rígida, ou seja, “sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical”. (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20)

Esse caráter fluido da língua, que licencia “[o] surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes traz à tona a noção de ‘gramática emergente’, concepção assumida de modo explícito ou não por vários estudiosos da gramaticalização”. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 15)

Assume-se, portanto, que a gramática é constantemente renovada para atender a propósitos comunicativos dos falantes no momento da interação discursiva, renovação que é viabilizada por meio de processos de mudança na língua, motivados por fatores linguísticos e/ou não linguísticos e que podem ser observados sincronicamente ou diacronicamente.

Dentre os vários processos de mudança linguística que podem afetar uma língua, um dos mais comuns é a gramaticalização, que se refere “à parte do estudo da mudança linguística que se preocupa com questões sobre como itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais¹²”. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 1)

Trata-se, portanto, de um fenômeno de mudança linguística que ocorre quando um item ou construção, tal como o verbo *agarrar*, que antes não assumia função gramatical passa a desempenhá-la em contextos linguísticos determinados, como no contexto linguístico das construções paratáticas e subordinadas, nas quais assume, respectivamente, as funções gramaticais de marcador de foco e de verbo auxiliar de aspecto inceptivo. Ainda diz respeito ao processo de gramaticalização, casos em que um item ou construção que já apresenta função gramatical assume outra(s). No que diz respeito às construções com o verbo *agarrar* não é possível, pelo menos não em um estudo sincrônico como esse, estabelecer que das paratáticas possam ter surgido as subordinadas, ou vice-versa.

¹²“grammaticalization refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions”.

A gramaticalização também pode ser investigada tendo em vista a integração sintática e semântica entre cláusulas. Hopper e Traugott (2003), por exemplo, mostram que o modo como as cláusulas se combinam pode indicar um grau menor ou maior de gramaticalização. Os autores apresentam o esquema abaixo, em que mostram que a “integração mínima corresponde ao grau de menor gramaticalização (parataxe), enquanto a integração máxima corresponde ao grau de maior gramaticalização (subordinação).” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 135) Assim, quanto maior a dependência sintático-semântica entre as orações, mais avançado está o processo de gramaticalização.

parataxe (independência)	hipotaxe (interdependência)	subordinação (dependência)
núcleo-----		-----margem
integração mínima-----		-----integração máxima
ligação explícita máxima-----		-----ligação explícita mínima

Figura 1 - Propriedades relevantes do *cline* de combinação de orações (Hopper; Traugott, 2003, 171).

O *cline* de combinação de orações proposto por Hopper e Traugott (2003) subsidia a hipótese de que as construções com o verbo *agarrar* podem constituir um *continuum* de gramaticalização, uma vez que, entre elas, vemos graus diferentes de integração sintática.

O termo gramaticalização foi lançado por Meillet (1912), que a descreve como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente considerada autônoma”¹³. (MEILLET, 1912 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19)

Essa mudança, da qual palavras funcionais, ou gramaticais, originam-se de palavras de conteúdo, ou lexicais (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 4), no entanto, não se dá de modo direto. As mudanças sofridas pelos itens em processo de gramaticalização são graduais e seguem uma escala unidirecional e contínua de aumento de gramaticalidade.

Gonçalves *et al.* (2007, p. 38) afirmam que mesmo com a falta de consenso sobre o tema, a unidirecionalidade é o princípio norteador do processo de gramaticalização, pois, segundo Hopper e Traugott (2003), a passagem de um item [lexical] > [gramatical] ou de um item [- gramatical] > [+ gramatical] não é direta, a mudança ocorre de modo gradual e esse percurso progressivo de aumento de gramaticalidade pode ser representado por um *continuum* de gramaticalização descrito por eles da seguinte forma:

¹³ “[...] the attribution of grammatical character to an erstwhile autonomous word”.

item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Heine (1993) também evidencia o caráter contínuo da gramaticalização ao propor que o desenvolvimento de uma forma gramatical caracteriza-se por uma mudança gradual que passa por três estágios. Em um primeiro momento, uma expressão linguística (forma-fonte) é recrutada para a gramaticalização; em seguida, ela adquire um novo uso, que passa, então, a coexistir com o primeiro, o que causa ambiguidade entre a forma-fonte e a forma-alvo; por último, a forma-fonte se perde, de modo que apenas a forma-alvo se mantém.

“Nesse modelo, o desenvolvimento de formas gramaticais não ocorre a partir de uma forma-fonte (A) direto para a forma-alvo (B) mas invariavelmente envolve um estágio intermediário em que A e B co-existem, criando uma situação de ambig[u]idade”. (RODRIGUES, 2006, p. 170)

O terceiro estágio, no qual a forma-fonte é totalmente sobreposta pela forma-alvo, nem sempre é atingido, por vezes, o processo de gramaticalização chega até o estágio dois, no qual as duas formas coexistem sincronicamente.

Tendo em vista os três estágios que consiste a gramaticalização, vê-se que a ideia de *cline* também se encontra presente na proposta de Heine (1993, p. 53), porém, o linguista prefere adotar o termo *cadeia de gramaticalização*, cujas características são: “(a) pode ser alternativamente interpretado como uma estrutura sincrônica ou diacrônica; (b) forma uma estrutura linear em que uma extremidade da cadeia pode ser considerada mais antiga e menos gramaticalizada, enquanto a outra é mais nova e mais gramaticalizada; (c) pode ser descrita como uma categoria de semelhança de família linearmente estruturada.” (RODRIGUES, 2006, p. 170)

Rodrigues (2006) mostra que, para Heine (2003, p. 163), a gramaticalização se desenvolve a partir do seguinte percurso:

$$L > G1 > G2 > G0$$

“em que L = forma lexical, G1 = forma gramatical, G2 = forma mais gramatical, G0 = forma gramatical que não tem mais significado gramatical, e ‘>’ = ‘desenvolve diacronicamente em’” e envolve os seguintes mecanismos “(a) uso de uma expressão ling[u]ística existente num novo contexto (= extensão ou generalização contextual); (b) perda de propriedades semânticas que são irrelevantes neste contexto (dessemantização); (c) subseq[u]entemente também perda de propriedades morfossintáticas características deste uso em outros contextos

(de categorização); e (d) eventualmente também perda de substância fonética (erosão)”, sendo que todos são inter-relacionados. (RODRIGUES, 2006, p. 169)

Dentre os mecanismos relacionados ao processo de gramaticalização, a dessemantização e a decategorização constituem seus estágios iniciais. A dessemantização é o “processo por meio do qual em contextos específicos um item lexical é esvaziado de sua semântica lexical e adquire uma função gramatical¹⁴”. (HEINE, 1993, p. 54) Já a decategorização, ou descategorização, conforme proposto por Hopper (1991), consiste na perda ou neutralização das marcas morfológicas ou dos privilégios sintáticos da forma em gramaticalização. Desse modo, “as formas plenas como os nomes e os verbos, [assumem] atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, como advérbios, preposições, clíticos, afixos, podendo, em alguns casos chegar a zero.” (GONÇALVES *et al.* 2007, p. 32) O que ocorre, portanto, é uma alteração no estatuto categorial do item em gramaticalização, que perde alguns traços semânticos, mas adquire novas funções antes não realizadas pela forma-fonte.

Nas construções paratáticas e subordinadas, o verbo *agarrar*, por meio da dessemantização e da decategorização, tem alterados os traços semânticos e sintáticos característicos de seu uso como verbo lexical pleno e deixa de subcategorizar sintagmas nominais (SN) como complementos, mas adquire, por outro lado, as funções gramaticais supracitadas passando a constituir com o V2 uma unidade sintático-semântica.

Tendo em vista o modo gradual pelo qual as mudanças sofridas pelos itens em processo de gramaticalização ocorrem, associa-se o processo a estudos diacrônicos que estejam preocupados em observar o desenvolvimento das formas gramaticais desde sua origem. Porém, essa não é a única perspectiva pela qual a gramaticalização pode ser estudada, além da diacrônica, em que se “investiga a origem de formas gramaticais e o caminho de mudança que as afetam¹⁵”, na perspectiva sincrônica, a gramaticalização é vista como um “fenômeno sintático, discursivo-pragmático que deve ser estudado do ponto de vista dos padrões de fluidez do uso linguístico¹⁶”. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 2)

A perspectiva sincrônica utilizada nesse trabalho, portanto, destaca, com a descrição das construções com o *agarrar*, a fluidez da língua, mostrando a variedade sincrônica de usos de um verbo ainda pouco investigado, pelo menos no português.

¹⁴“process whereby in specific contexts a lexical item is emptied of its lexical semantics and acquires a grammatical function”.

¹⁵“[...] investigating the sources of grammatical forms and the typical steps of change they undergo.”

¹⁶“[...] a syntactic, discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the point of view of fluid patterns of language use.”

A gradualidade dos itens em gramaticalização traz a tona o caráter não discreto das categorias linguísticas, em oposição ao que é proposto a partir da visão clássica de categorização de Aristóteles, segundo a qual as categorias são analisadas em termos da conjunção de traços suficientes e necessários. Na visão clássica, os traços são binários e, por isso, as categorias são sempre bem delimitadas e seus membros têm o mesmo estatuto. (RODRIGUES, 2006, p. 117)

Embora não trate de categorias linguísticas, é possível pensarmos, a partir da visão clássica de Aristóteles, que as línguas seriam consideradas portadoras de categorias discretas; assim, todos os elementos de uma dada categoria deveriam obrigatoriamente compartilhar os mesmos traços ou propriedades. Porém, com o avanço dos trabalhos funcionalistas e dos estudos sobre o processo de gramaticalização, aqueles elementos que se localizam nas fronteiras das categorias passaram a ganhar destaque nos estudos linguísticos.

Rodrigues (2006, p. 120) mostra que, para Taylor (1995), os membros de uma categoria linguística dificilmente compartilham todos os mesmos atributos, por isso atesta a existência de elementos [+ prototípicos] e de elementos [- prototípicos] ou periféricos; porém, aponta que não há uma divisão estrita entre eles.

A teoria dos protótipos, segundo Rodrigues (2006, p. 119), foi desenvolvida principalmente por Eleanor Rosch, cujos estudos evidenciaram a assimetria entre os membros de uma mesma categoria. Desse modo, mostrou que as categorias não são homogêneas, há uma entidade mais representativa de uma categoria, ou seja, [+ prototípica], mas as entidades que compartilham apenas alguns atributos também podem ser tomadas como membros desta mesma categoria, porém serão consideradas [- prototípicas].

As gramáticas operam apenas com as categorias discretas, por isso, os elementos intermediários são vistos como anomalias. As abordagens centradas no uso têm tentado, ao estudar esses elementos, mostrar que eles são produtivos nas línguas, sendo, dessa forma, indispensáveis a sua descrição e análise.

2.1.2. *A Gramática das Construções*

O termo construção já foi recorrentemente utilizado em estudos linguísticos, porém, sem que houvesse alguma preocupação em descrevê-lo teoricamente. A partir da década de 80 do século XX, alguns trabalhos publicados por Fillmore (1985), Fillmore, Kay e O'Connor (1988) trouxeram à tona o debate teórico acerca do conceito de construção, que até então era empregado sem receber um tratamento científico.

Após esses primeiros textos, foram publicados em 1995 e em 1999, respectivamente, os trabalhos de Adele Goldberg e de Paul Kay e Charles Fillmore, que, da mesma forma que os anteriores, abordaram teoricamente o conceito de construção e reconheceram que as construções são as unidades básicas das línguas.

Para Goldberg (1995), o termo construção é concebido, basicamente, como uma correspondência de forma e significado, de modo que:

C é uma Construção se C é um par forma-sentido $\langle Fi, Si \rangle$ de tal forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é estritamente preditível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas¹⁷. (GOLDBERG, 1995, p.4)

Em outras palavras, uma construção, segundo essa abordagem, se refere a um padrão oracional que detém forma e significado específicos, independentemente dos itens lexicais que a instanciam.

Da estrutura *X causa Y receber Z*, por exemplo, própria da construção ditransitiva investigada por Goldberg (1995), é possível depreender um significado ainda que não haja nenhuma especificação lexical, qual seja a de *transferir intencionalmente algo para alguém*.

Vale ressaltar, no entanto, que os itens lexicais contribuem com o significado final da construção, o que se assume nessa abordagem é que eles não são os únicos a fazê-lo. A significação é, portanto, “constituída por duas vias, ou seja, da construção para o constituinte e do constituinte para a construção.” (ALOIZA, 2009, p. 68)

Sobre essa interação é que Goldberg (1995) aponta a necessidade de se realizar paralelamente uma análise *bottom up* (de baixo para cima, ou dos itens lexicais para as construções) e *top down* (de cima para baixo, ou das construções para os itens lexicais), pois, segundo sua proposta, os significados dos elementos lexicais e da construção interagem.

Em (27), um exemplo dado por Goldberg (1995) para ilustrar as construções ditransitivas, o verbo *faxed* é semanticamente compatível com o significado de *transferir intencionalmente algo para alguém*, próprio dessa construção, por isso pode instanciá-la.

(27) *Pat faxed Bill the letter.*

Outro exemplo apresentado pela autora que evidencia a interação entre o verbo e a construção é o ilustrado em (28):

¹⁷“C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle Fi, Si \rangle$ such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions.”

(28) *Pat sneezed the napkin off the table.*

Embora o significado de *sneeze* seja espirrar, na construção de movimento causado, também investigada por Goldberg (1995), o verbo não apresenta esse significado. Da estrutura *X causa Y mover Z*, característica dessa construção, depreende-se o significado *alguém causando o movimento de algo para uma direção*, de modo que esse movimento gera uma mudança espacial. Esse significado construcional inviabiliza entendermos o verbo *sneezed* como espirrar. É nesse sentido que se fala em interação semântica entre o verbo e a construção. Esse modelo, portanto, consegue explicar as diferenças sistemáticas de significado de um mesmo verbo em diferentes construções.

Desse modo, “esta proposta rompe com o paradigma composicional e inaugura um novo, em que a soma dos significados das partes pode não ser igual ao significado do todo.” (TORRENT, 2009, p. 55)

Contudo, em seu texto de 2006, Goldberg amplia o conceito de construção, que passa a abarcar até mesmo os padrões totalmente preditíveis:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente preditível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente preditíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente¹⁸. (GOLDBERG, 2006, p.5)

Torrent (2009, p. 59) afirma, a partir de Bybee (2003) e Tomasello (2003), que da ampliação do conceito de construção, vê-se que a autora não descarta a não composicionalidade das construções, mas propõe uma análise construcional também “para aqueles pareamentos de forma e sentido totalmente analisáveis composicionalmente, desde que sejam consideravelmente frequentes na língua ao ponto de serem rotinizados e armazenados como construções no repertório dos falantes.”

São consideradas construções, portanto, desde ocorrências que não podem ser explicadas por regras composicionais quanto as que são totalmente composicionais, como (29), exemplo de construção transitiva do português.

¹⁸“Any linguist pattern is recognized s a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.”

(29) Vendo-a bem amarrada, **o macaco agarrou um cipó** bem grosso e deu-lhe uma surra. (Título: Diário Íntimo, de Lima Barreto. Texto ficcional. PB)

A construção transitiva, especificada lexicalmente acima por *o macaco agarrou um cipó*, apresenta uma composição formal constituída por dois papéis argumentais, agente e paciente, selecionados pela construção, que são expressos no nível sintático pelos papéis participantes de sujeito e objeto direto, selecionados pelo verbo. Assim, *o macaco* é ao mesmo tempo o agente e o sujeito (quem agarra), enquanto *o cipó* é paciente e objeto (o que é agarrado).

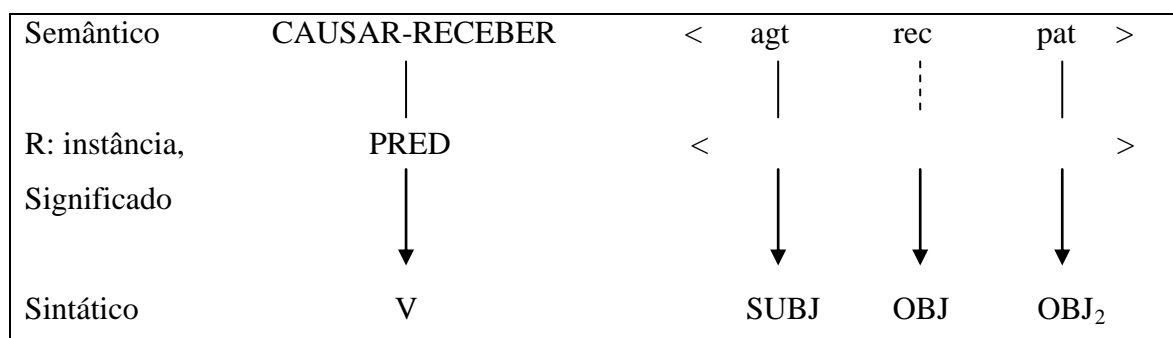
Pensando sobre a fusão dos papéis participantes selecionados pelo verbo aos papéis argumentais selecionados pela construção, Goldberg (1995) estabelece que ela é determinada por dois princípios, a saber: o *Princípio da Coerência Semântica* e o *Princípio da Correspondência*.

De acordo com o primeiro:

Somente papéis que são semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Dois papéis r_1 e r_2 são semanticamente compatíveis se qualquer r_1 puder ser construído como uma instância de r_2 , ou r_1 puder ser construído como instância de r_1 ¹⁹. (GOLDBERG, 1995, p. 50)

O segundo princípio rege que “cada papel participante que é lexicalmente perfilado e expresso deve ser fundido com um papel argumental perfilado da construção²⁰.” (GOLDBERG, 1995, p. 50)

Vemos, portanto, que a construção transitiva em (29), segue os dois princípios estabelecidos por Goldberg. A fim de ilustrar a fusão dos papéis participantes aos argumentais, Goldberg (1995, p. 50) apresenta o seguinte quadro:



Quadro 1 - Representação da fusão dos papéis participantes e argumentais na construção ditransitiva.

¹⁹“Only roles which are semantically compatible can be fused. Two roles r_1 and r_2 are semantically compatible if either r_1 can be construed as an instance of r_2 , or r_1 can be construed as an instance of r_1 .”

²⁰“Each participant role that is lexically profiled and expressed must be fused with a profiled argument role of the construction.”

Nesse quadro, Goldberg (1995) mostra que na construção ditransitiva os papéis argumentais de agente e paciente são preenchidos pelos papéis participantes de sujeito e objeto, além disso, mostra, por meio do traço tracejado, que o papel argumental de recipiente nem sempre é preenchido no nível sintático.

Aloiza (2009, p. 73) mostra que, em seu texto de 2006, Goldberg se detém um pouco mais no assunto, propondo “uma combinação de quatro possibilidades lógicas” no que diz respeito à fusão dos papéis do verbo com os da construção. A primeira se refere ao caso prototípico, em que um constituinte corresponde “tanto ao papel argumental da construção quanto ao papel argumental do verbo”, como em (30)²¹.

(30) *Edmundo chutou a (bola)^{Arg}.*

A segunda diz respeito aos “sintagmas que não correspondem a um papel argumental previsto pela construção, nem a um papel previsto pelo verbo”, nesse caso esses sintagmas serão sempre adjuntos, conforme ilustrado em (31).

(31) *Jogaremos boliche (à tarde)^{Adjunto}.*

A terceira possibilidade é a de que “o elemento sintático não é designado pelo verbo, mas corresponde a um papel argumental da construção”, como em (32).

(32) *Rodrigo comprou um presente [para sua sogra].*

E a última se refere aos casos em que “um elemento sintático corresponde a um papel participante do verbo, mas não a um da construção”, conforme o exemplo em (33).

(33) *Adriana pôs a panela (na mesa)^{Obl}.*

Essas possibilidades combinatórias estabelecidas por Goldberg (2006) são indispensáveis para que possamos explicar as variações sintáticas que identificamos nas construções transitivas mais especialmente.

²¹Os exemplos de (30) a (33) foram retirados de Aloiza (2009).

2.1.2.1. Hipótese de Codificação de Cena

Os estudos em Linguística Cognitiva ressaltam a relação entre a mente humana e o corpo a partir do que chama realismo experiencialista. De um modo sucinto, esse termo corresponde a uma proposta que considera que “o pensamento é ‘enraizado’ no corpo, de modo que as bases de nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social”. (FERRARI, 2011, p. 22)

Nessa direção, Goldberg (1995, p.39) postula que as construções derivam de um conjunto finito de cenas ou eventos básicos experienciados pelos falantes de uma língua, assunção a partir da qual propõe a Hipótese de Codificação de Cena, que versa o seguinte: “construções que correspondem a tipos de sentenças básicas codificam como seu sentido central, tipos de eventos que são básicos para a experiência humana²².” (GOLDBERG, 1995, p. 39)

A construção ditransitiva, a de movimento causado, a resultativa, a de movimento intransitivo e a conativa, investigadas por Goldberg (1995), são representativas dessa hipótese, uma vez que codificam, respectivamente, as cenas de transferir algo para alguém, alguém causar o movimento ou mudança de estado de algo, alguém experienciar algo, algo se mover e alguém direcionar a ação para alguém, que correspondem a cenas básicas da experiência humana.

Além dessas cenas, Goldberg lembra outras, dentre as quais destacamos a de *algo passando por uma mudança de estado ou locação* (1995, p. 39), que corresponde à cena codificada na construção transitiva, uma das construções investigadas nesse trabalho.

É importante, ainda no que tange ao realismo experiencialista, o postulado de que “o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia”. (FERRARI, 2011, p. 22)

Assim, construções como (34) *agarrar-se firmemente às suas ideias* são interpretadas metaforicamente a partir da experiência física que os falantes têm do ato de agarrar um objeto concreto, do qual é possível tomar posse fisicamente, como (35) *agarrou uma garrafa*. Dessa forma, se *agarrou uma garrafa* codifica a ação de trazer o objeto (*garrafa*) para próximo de si, ação que é experienciada fisicamente, a construção *agarrar a ideia* a codificará também, porém, metaforicamente.

²²“Constructions which correspond to basic sentence types encode as their central senses event types that are basic to human experience.”

2.1.2.2. Vantagens da abordagem construcional

Segundo Goldberg (1995), uma abordagem construcional: (a) evita que se determinem sentidos implausíveis aos verbos, (b) evita a circularidade, (c) permite a parcimônia semântica e (d) permite que a composicionalidade seja preservada.

a) A abordagem construcional evita que se determinem sentidos implausíveis aos verbos, pois, diferentemente de outras abordagens, como as que postulam regras lexicais para explicar a seleção argumental dos verbos, considera que a própria construção contribui com os argumentos, assim, não é somente o verbo o responsável por selecioná-los.

A sentença (36) *He sneezed the napkin off the table*, por exemplo, que corresponde a “Ele espirrou o guardanapo para fora da mesa” em português, seria concebida, por outras abordagens, como tendo um sentido implausível, uma vez que o verbo *sneezed*, um verbo intransitivo, apresenta complemento. Para a abordagem construcional, contudo, o verbo *sneezed*, nesse caso, continua sendo considerado um verbo intransitivo, porém, assume-se que ele pode instanciar construções transitivas. Além da seleção argumental, o significado do verbo também seria considerado implausível, uma vez que *espirrar um guardanapo* é uma ação impossível, porém, a abordagem construcional considera essa sentença plausível, pois a construção em que o verbo *sneezed* está inserido (construção de movimento causado), é que proporciona esse significado. Evita-se, desse modo, que se busque estipular um novo sentido aos verbos a cada construção em que possa ocorrer.

b) Goldberg (1995, p. 10) informa que algumas teorias linguísticas correntes consideram que a sintaxe é uma projeção dos requisitos lexicais. Admitir essa concepção implica considerar o verbo como sendo de importância central, pois, é ele que “determina quantos e quais tipos de complementos irão ocorrer com ele”²³. Entretanto:

[a]o invés de postular um novo sentido todas as vezes que uma nova configuração sintática é encontrada e então usar esse sentido para explicar a existência da configuração sintática, a abordagem construcional coloca que a questão da interação entre o significado verbal e o significado construcional é que deve ser abordada.²⁴ (GOLDBERG, 1995, p. 12)

Desse modo, evita-se a circularidade, que seria inevitável caso uma análise partisse do verbo para se determinar os argumentos. Uma análise dessas consideraria que o verbo *kick*

²³ “[...] it is assumed that the verb determines how many and which kinds of complements will co-occur with it.”

²⁴ “Instead of positing a new sense every time a new syntactic configuration is encountered and then using that sense to explain the existence of the syntactic configuration, a constructional approach requires that the issue of the interaction between verb meaning and constructional meaning be addressed.”

(chutar), por exemplo, tem uma relação binária com os argumentos de agente e paciente, ocorrendo, portanto, em construções transitivas. A fim de mostrar que esse tipo de análise nem sempre tem respaldo empírico, Goldberg (1995, p. 12) contra-argumenta dizendo que em (37) *Pat kicked Bob the football*, o verbo tem uma relação ternária com os argumentos, agente, recipiente e paciente, em uma construção ditransitiva. Desse modo, não é o verbo o único responsável por selecionar argumentos, a construção também é.

c) Chega-se à parcimônia semântica quando, ao invés de estabelecer sentidos diferentes aos verbos, atribuem-se as diferenças às próprias construções nas quais eles ocorrem.

[...] a semântica das expressões é diferente sempre que um verbo ocorre em uma construção diferente. Mas essas diferenças não precisam ser atribuídas aos sentidos verbais diferentes, elas são mais parcimoniosamente atribuídas às próprias construções.²⁵ (GOLDBERG, 1995, p. 13)

Torrent (2009, p. 55) explica que em uma abordagem construcional “não é preciso postular *n* significados diferentes para uma mesma entrada lexical. Basta considerar que um dado verbo, por exemplo, possui um sentido básico que será adequado à construção em que o mesmo figurar.”

d) Apesar de ser contrária às análises composicionais, a abordagem construcional ainda consegue preservá-las, mas de um modo mais brando, uma vez que reconhece a existência do que chama de construções de conteúdo, entendidas por nós, como construções cujo significado é composicional. Por isso, essa abordagem assume que “[...] o significado de uma expressão é o resultado da integração dos significados dos itens lexicais com os significados das construções²⁶.” (GOLDBERG, 1995, p. 16)

A Gramática das Construções carrega consigo concepções e princípios extremamente importantes para esse trabalho, além de contribuir com os estudos linguísticos no que concerne às pesquisas que se ocupam da descrição e análise de construções verbais do português.

²⁵ “[...] semantics of the full expressions are different whenever a verb occurs in a different construction. But these differences need not be attributed to different verb senses; they are more parsimoniously attributed to the constructions themselves.”

²⁶ “[...] the meaning of an expression is the result of integrating the meaning of the lexical items into the meanings of constructions.”

Resumo

Apresentamos, neste capítulo, os conceitos teóricos da Linguística Cognitivo-Funcional pertinentes à análise das construções com o verbo *agarrar*, bem como os pressupostos da Gramaticalização e da Gramática das Construções que amparam a investigação das mesmas para o português.

Sobre os pressupostos inerentes à Linguística Cognitivo-Funcional, salientamos a concepção de língua que subjaz aos estudos realizados nesse âmbito e as implicações que surgem dela. Por considerá-la um complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, essa perspectiva teórica permite a investigação de aspectos interacionais e cognitivos envolvidos nos fenômenos linguísticos. Além disso, ressaltamos a importância teórico-metodológica de partir do uso, uma vez que é por meio dele que as estruturas da língua emergem.

Mostramos, segundo Heine (1993) principalmente, os mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização, bem como as discussões sobre o caráter gradual, unidirecional e contínuo desse processo de mudança linguística.

No que tange à Gramática das Construções, ressaltamos, especialmente, o conceito de construção segundo Goldberg (1995, 2006), uma vez que esse termo e seu tratamento teórico ancora a investigação das construções com *agarrar* que realizamos no capítulo destinado a sua descrição e análise. Destacamos, ainda, alguns aspectos importantes da proposta construcional de Goldberg, como a interação entre o verbo e a construção, a fusão dos papéis selecionados pelo verbo e pela construção, a Hipótese da Codificação de Cena, bem como as vantagens de lançar mão de uma abordagem construcional.

No capítulo a seguir, apresentamos os *corpora* nos quais coletamos os dados investigados nesse trabalho, o método de coleta e análise dos mesmos, bem como a problematização de questões como a utilização de dados de textos de escrita e a representatividade de um *corpus*.

Capítulo 3. Metodologia

3.1. Natureza da pesquisa

Nesta pesquisa sobre a descrição e análise das construções com o verbo *agarrar* em PB e em PE, realizamos uma análise qualitativa dos dados, pois o objetivo principal, nesse momento, é estabelecer os *types* construcionais identificados nos *corpora*.

Além disso, dentre as construções investigadas, apenas as transitivas canônicas mostraram-se frequentes de modo que uma análise quantitativa se justificasse, entretanto, embora tenhamos identificado certas variações sintáticas nessas construções, elas constituem, de um modo geral, um padrão oracional mais fixo. Desse modo, optamos por realizar uma análise interpretativa dos dados por acharmos que ela seria suficiente para que cumpríssemos os objetivos do trabalho.

Oliveira e Votre (2009) apontam que:

Ainda que levantamentos e informações sobre frequência sejam relevantes, o foco passa a ser cada vez mais contingencial, e os fenômenos linguísticos são tratados em seu *locus* de produção. [...] a análise funcionalista destaca o tratamento qualitativo em relação ao quantitativo. (OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 107)

Análises linguísticas em que se aliam o método quantitativo ao qualitativo são frequentemente encontradas na literatura, inclusive em trabalhos de enfoque funcionalista. Nesses trabalhos busca-se, principalmente, identificar tendências e generalizações acerca das propriedades estruturais e funcionais dos fenômenos investigados. Contudo, tendo em vista que o interesse maior nesse momento é estabelecer *types* construcionais com o verbo *agarrar*, a análise qualitativa mostra-se suficiente.

A análise estatística é uma possibilidade futura de investigação das construções com o verbo *agarrar* que pode render interessantes reflexões sobre o uso desse verbo no português.

3.2. Descrição dos *corpora*

O *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies e Michael Ferreira, é constituído por mais de 45 milhões de palavras, distribuídas em quase 57 mil textos em português, dos séculos XIV ao XX. Além da busca de dados, o *corpus* permite realizar a comparação de

frequência e de distribuição de palavras, frases e construções gramaticais entre os séculos, entre as variedades do português (PB e PE) e entre os registros (oral, ficcional, jornalístico e acadêmico).

Davies e Ferreira informam que no século XX, período que nos interessa para a realização desse trabalho, encontram-se 20 milhões de palavras do português. Essas vinte milhões de palavras estão distribuídas da seguinte maneira: 6 milhões são oriundas de textos de ficção, 6 milhões são de jornais e revistas, 6 milhões de textos acadêmicos e 2 milhões de textos de fala. Esses números são resultado da soma das palavras do PB com o PE, porém, os organizadores dispõem, em uma tabela, a distribuição dessas 20 milhões de palavras levando-se em conta a variedade nacional do português e o registro:

3,087,052	1900s	Portugal	Acadêmico
3,271,328	1900s	Portugal	Jornal
3,048,020	1900s	Portugal	Ficção
1,100,303	1900s	Portugal	Fala
2,816,802	1900s	Brasil	Acadêmico
3,346,988	1900s	Brasil	Jornal
3,028,646	1900s	Brasil	Ficção
1,078,586	1900s	Brasil	Fala

Tabela 1 - Distribuição da quantidade de palavras no *Corpus do Português* no século XX.

A tabela nos mostra uma diferença significativa na quantidade de palavras dos textos de fala em relação aos demais, porém, na página digital do *corpus* não é dada nenhuma informação a esse respeito.

Como dito anteriormente, as 45 milhões de palavras que constituem o *corpus* advêm de aproximadamente 57 mil textos. Esses textos não são disponibilizados na íntegra, por isso, o *Corpus do Português* tem um mecanismo de busca próprio que é detalhado na seção 3.3. *Procedimentos para a coleta dos dados.*

Tivemos oportunidade de conhecer o organizador de um *corpus*, cujos textos são resultado de uma pesquisa de campo na qual Leosmar Aparecido da Silva, doutorando à época do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Goiás, entrevistou 12 informantes na cidade de Goiás – GO.

Para sua tese de doutorado, Silva (2005) compôs esse *corpus* a fim de estudar os usos do *até* preposição, que podem ser encontrados já no português quinhentista. Tendo em vista

seu objeto de estudo, optou pela cidade de Goiás como uma comunidade de fala a ser investigada, pois, devido ao passado colonialista da cidade, poderia encontrar usos do *até* como preposição.

Embora confeccionado com um objetivo diferente do que temos para esse estudo, esse *corpus*, gentilmente disponibilizado pelo seu organizador, detém alguns casos de construções subordinadas com *agarrar*, por isso, ele também foi utilizado como fonte de dados para esse trabalho.

No que tange à composição do *corpus*, Silva (2005) mostra que os 12 informantes nasceram ou mudaram-se para a cidade de Goiás até os treze anos de idade, são todos moradores do bairro João Francisco, não escolarizados ou que tenham estudado até a 4ª série e que estejam nas faixas etárias de 25 e 35 anos, de 36 e 45 anos ou acima de 55 anos.

Cada entrevista tem em média uma hora de diálogo entre os informantes e o documentador, cujo foco era proporcionar narrativas de experiências pessoais, que foram todas transcritas segundo as normas do Projeto NURC, desenvolvido por Castilho e Preti (1987).

Além desses *corpora*, formalmente elaborados com um objetivo estritamente ligado à pesquisa linguística, lançamos mão, também, do mecanismo de busca do *Google*, principalmente para identificar casos específicos de uso do verbo *agarrar*, sinalizados no capítulo seguinte, quando são descritos e analisados.

3.3. Procedimentos para a coleta dos dados

A página digital do *Corpus do Português* disponibiliza uma ferramenta de busca própria, a partir da qual buscamos por todas as conjugações do verbo *agarrar* nos textos do PB e do PE do século XX. Para que a busca se efetive, é necessário escrever a palavra em sua forma não finita entre colchetes da seguinte maneira: [agarrar], desse modo, todas as formas desse verbo são identificadas pelo sistema e apresentadas na tela principal. Uma busca desse tipo nos pareceu suficiente para identificar as ocorrências desse verbo nesse *corpus*.

A busca pode ser ainda mais direcionada, já que o *corpus* tem um campo no qual selecionamos os aspectos relevantes para a busca, tais como o século, a variedade nacional do português e o tipo de registro. Iniciamos a coleta de dados em todos os registros da variedade brasileira do português do século XX. Logo depois, fizemos o mesmo para a variedade europeia.

Já no *corpus* organizado por Silva (2005), as entrevistas foram por ele transcritas no programa *Microsoft Office Word*, por isso, utilizamos o processo de busca próprio desse programa – *Localizar*, por meio do qual buscamos pelas ocorrências de *garr*, já que essa forma é comum a todas as conjugações do verbo *agarrar*, inclusive aquelas mais frequentes na fala: *garrei*, *garrô*, etc.

Os dados coletados por meio do mecanismo de busca do *Google* foram ainda mais direcionados, pois buscamos especialmente pelos casos de construções do tipo *agarrar + nojo*, *ódio*, *birra*.

3.4. Procedimentos para a análise dos dados

A análise dos dados, por ser qualitativa, foi feita a partir da observação dos mesmos com o objetivo de identificar construções com *agarrar*. Por meio dessa observação inicial, chegamos aos três tipos de construções investigadas nesse trabalho, as transitivas, as paratáticas e as subordinadas, que foram identificadas tendo em vista suas configurações sintáticas, apresentadas na introdução do trabalho e mais detalhadas no *Capítulo 4. As construções com o verbo agarrar*.

Além da análise dos dados a partir de suas configurações sintáticas, observamos, também, os significados associados a cada uma delas.

A análise das construções também se realizou a partir da descrição do *agarrar* em dicionários da Língua Portuguesa, nos quais verificamos, principalmente, as acepções e classificações dadas ao verbo, que, no capítulo de análise são retomadas, ora admitindo-as ora confrontando-as.

Realizamos também, a descrição da categoria verbal tal como o assunto é tratado em gramáticas da língua, levantamento a partir do qual constatamos que o uso do verbo *agarrar* como verbo auxiliar é raramente lembrado. Quase nenhum exemplo com esse verbo é ilustrado mesmo nos casos em que ele assume a função de verbo pleno.

Todos esses aspectos foram considerados para que realizássemos a descrição e análise das construções transitivas, paratáticas e subordinadas com *agarrar* no português.

3.5. Utilização de dados de textos de escrita

Dissemos que além de textos de fala, nosso *corpus* de análise se constitui de dados retirados também de textos de escrita, tais como os ficcionais, os jornalísticos e os acadêmicos, disponibilizados no *Corpus do Português*.

A utilização de dados retirados de textos escritos, principalmente de textos ficcionais, pode parecer um método de pesquisa não compatível a um trabalho realizado no âmbito dos modelos baseados no uso, porém, essa questão merece ser mais bem discutida. Será que a “língua” só pode ser encontrada em dados de fala informal ou no vernáculo?

Longhin-Thomazi e Rodrigues (no prelo) problematizam o assunto propondo repensar a assunção de que apenas na fala espontânea é possível observar a língua. Dizem que desde os estudos de William Labov e seus colaboradores assume-se que somente na língua vernácula é possível reconhecer as condições de mudança linguística. Para Labov “a escrita, por seu alto nível de planejamento, funcionaria como refreadora desse fazer-se, o que justificaria seu estatuto marginal na investigação de fatos de variação e mudança.”

A exclusão da escrita do centro das questões de variação e mudança pode significar, entre outras coisas, que todo tipo de produção escrita se dá sob as mesmas condições de produção, que a escrita apresenta sempre as mesmas propriedades e que, portanto, é possível delimitar porções de homogeneidade na produção escrita. (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, no prelo)

Em direção contrária a essa concepção, as autoras sinalizam estudos, como o de Narrog e Ohori (2011), que se dedicam à investigação de mudanças linguísticas via gramaticalização em textos escritos.

Recentemente, estudos sociolinguísticos também têm utilizado dados de textos de escrita, confrontando-os com os resultados dos dados de textos de fala. Longhin-Thomazi e Rodrigues (no prelo) dizem que esse procedimento se ancora na proposição laboviana de que há uma “escala progressiva de implementação das mudanças” que segue o percurso: fala informal de grupos socioeconômicos intermediários, fala informal de grupos mais elevados, situações formais de fala e, por fim, as mudanças são assimiladas na escrita.

Tendo em vista que a escrita é representativa das mudanças que ocorrem na língua é que consideramos que os dados de textos escritos, como os jornalísticos, os acadêmicos e, principalmente, os ficcionais podem ser utilizados em uma pesquisa cuja metodologia é partir do uso que se faz da língua, uma vez que eles também podem revelar variações e mudanças linguísticas.

3.6. Representatividade dos *corpora*

Vale ressaltar ainda uma questão que frequentemente vem à tona quando se fala em pesquisa linguística, a saber, a representatividade dos *corpora* utilizados.

O *corpus* é tradicionalmente classificado como:

Um conjunto de dados ling[u]ísticos [...], sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso ling[u]ístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18).

Destaca-se, na definição, sua extensão, que é, segundo Rios (2009), “[a] primeira característica associada à representatividade de um *corpus*.” Leva-se em conta, portanto, que quanto maior é o *corpus*, maior é a sua representatividade.

No que tange aos *corpora* utilizados neste trabalho, vemos uma grande diferença no que se refere à representatividade dos mesmos se considerarmos como critério sua extensão.²⁷

O *Corpus do Português*, como dissemos, reúne mais de 45 milhões de palavras do português, distribuídas em quase 57 mil textos. No século XX, período em que buscamos pelas construções com o verbo *agarrar*, encontram-se 20 milhões de palavras da língua em textos de fala e escrita.

O *corpus* organizado por Silva (2005), por sua vez, é composto por 12 entrevistas, com cerca de uma hora cada, realizadas com 12 moradores da cidade de Goiás. Esse é, portanto, um *corpus* bem específico, que reúne textos de fala de uma região do estado de Goiás e que se detém a uma classe social específica.

Valendo-nos do critério de extensão a fim de classificar qual seria mais representativo, o *Corpus do Português* seria o eleito, entretanto, o uso do *corpus* de Silva (2005) foi extremamente importante, pois no *Corpus do Português* não identificamos ocorrências de construções subordinadas²⁸, tal como as aqui investigadas, no PB. Já no *corpus* de Silva (2005) tivemos acesso a dados que revelaram o uso do verbo *agarrar* nessa construção do PB.

²⁷Apesar de fornecer uma grande quantidade de ocorrências do verbo *agarrar*, nos servimos da ferramenta de busca do Google apenas para identificar casos específicos de construções transitivas, por isso, não levantamos discussão acerca de sua representatividade.

²⁸Conforme dito anteriormente, as construções aqui intituladas subordinadas são aquelas que, segundo Hopper e Traugott (2003) apresentam alto grau de integração sintático-semântica.

Conforme Rios (2009), um *corpus* de grande extensão pode contribuir especialmente com estudos linguísticos sobre o léxico, que se ocupam, principalmente, em identificar as palavras mais ou menos frequentes em uma língua, uma vez que quanto maior é o *corpus*, maior a probabilidade de apresentar a ocorrência de palavras raramente utilizadas.

Seguindo essa concepção, as construções com o verbo *agarrar*, por serem pouco frequentes, tanto no PB quanto no PE, seriam mais facilmente identificadas no *Corpus do Português* devido à sua extensão. De fato, foi nesse *corpus* que identificamos a maior parte dos dados de construções transitivas e paratáticas, porém, no que se refere às construções subordinadas, verificamos o contrário, uma vez que foi no *corpus* de Silva (2005) que encontramos a maior parte dos dados.

Desse modo, assumimos com Rios (2009) que “todo *corpus* é representativo (tem função representativa): da linguagem, de um idioma ou de uma variedade dele.” Por isso, o *corpus* de Silva (2005), embora menos extenso que o *Corpus do Português*, constitui, assim como ele, um *corpus* representativo do português, uma vez que destaca uma variedade regional dessa língua.

Tendo em vista que a maior parte dos dados de construções subordinadas foram coletadas dele, concluímos que, talvez, o uso dessa construção possa ser mais regional, e poderia não ser identificado caso não nos servíssemos de um *corpus* como esse.

Capítulo 4. As construções com o verbo agarrar

Introdução

Neste capítulo apresentamos a descrição e a análise das construções nas quais constatamos a presença do verbo *agarrar* em dados do PB e do PE, tendo como respaldo teórico os pressupostos mencionados no *Capítulo 2. Fundamentação teórica* e como respaldo empírico os dados coletados dos *corpora* citados no *Capítulo 3. Metodologia*. Os dados coletados somam cerca de 1000 ocorrências, distribuídas entre textos orais, ficcionais, jornalísticos e acadêmicos do PB e PE do século XX, a partir das quais identificamos três tipos de configurações sintáticas com *agarrar*, que são próprias das construções transitivas, paratáticas e subordinadas, respectivamente descritas em I, II e III.

I. [V *agarrar* + COMPL]

II. [V1 *agarrar* + (e) + V2_{fin}]

III. [V1 *agarrar* + (a) + V2_{inf}]

Além de descrever as configurações sintáticas das construções, apresentamos sua contraparte semântica, mostrando que são um pareamento de forma e sentido tal como sugere Goldberg (1995, 2006) ao tratar da definição do termo construção.

Mostramos que o uso do verbo *agarrar* nessas construções é licenciado pela metáfora do movimento, que nas transitivas corresponde ao movimento que implica a mudança de locação do objeto; nas paratáticas corresponde a um movimento metafórico, do qual resulta o deslocamento da atenção do interlocutor ao evento descrito pelo V2 e nas subordinadas corresponde a um movimento, também metafórico, que codifica o início da ação expressa pelo V2, que acarreta uma mudança de estado do sujeito.

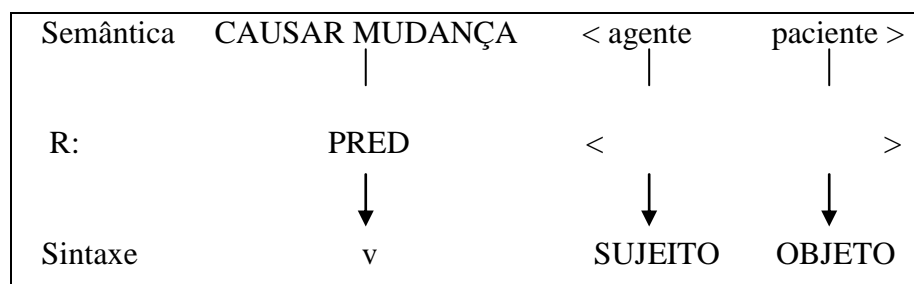
4.1. As construções transitivas

Conforme apontado no *Capítulo 2. Fundamentação teórica*, Goldberg, em seu texto de 2006, expande o conceito de *construção* estabelecido em seu texto anterior²⁹, passando a abarcar, também, os padrões totalmente preditíveis (cf. GOLDBERG, 2006, p.5), desse modo,

²⁹Ver sobre conceito de construção segundo Goldberg (1995, 2006) no *Capítulo 2. Fundamentação teórica*, p. 42-43.

parece ser possível considerar o padrão oracional transitivo como uma construção da língua, ou seja, um pareamento de forma e sentido.

No que diz respeito à forma, a construção transitiva pode ser representada pela construção **X causa mudança em Y**, que detém dois papéis argumentais – agente (X) e paciente (Y) - especificados sintaticamente, no discurso, pelos papéis participantes de sujeito e objeto, conforme apresentado no quadro abaixo.



Quadro 2 - Representação da construção transitiva.

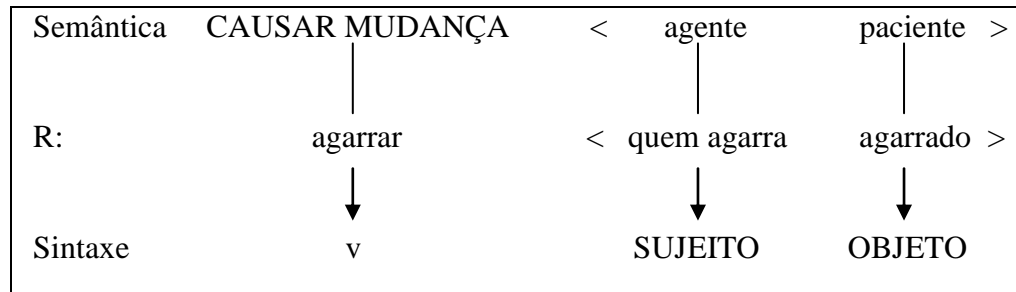
Miranda e Salomão (2009) apresentam um quadro parecido ao tratarem da Construção Transitiva Agentiva e sobre ele dão algumas informações que também cabem a esse: na primeira linha, estão “os papéis semânticos dos argumentos na configuração cognitiva evocada pela construção”, na segunda está “o lugar para o predicador linguístico que instanciará materialmente a construção em um uso comunicativo concreto”, “os espaços deixados vagos na terceira e quarta coluna serão preenchidos pelos participantes, que a especificação do predicado há de contribuir”, e a última linha “determina as funções gramaticais atribuídas à fusão de participantes e argumentos na expressão sintática”.

Ciríaco (2011, p. 137) ressalta a natureza esquemática da construção transitiva, uma vez que apresenta um “padrão oracional fixo com preenchimento lexical variável”. Sendo, então, uma construção esquemática do português, as posições sintáticas de sujeito, verbo e objeto podem ser preenchidas por diversos itens lexicais.

Torrent (2009, p. 81) assinala que a posição verbal, por exemplo, “pode ter verbos de ação, de processamento cognitivo, de posse, etc.” Nesse estudo, porém, interessam-nos os casos em que a posição verbal é lexicalmente preenchida pelo verbo *agarrar* em suas mais variadas conjugações³⁰, mas reiteramos, juntamente à Ciríaco (2011), que se trata, realmente, de um padrão oracional mais fixo, embora vejamos, nas construções transitivas com *agarrar*, algumas variações que são descritas mais adiante.

³⁰Não constituem nosso objeto de estudo, dados em que o verbo *agarrar* aparece no particípio ou no gerúndio, nem em casos como *fui agarrado*, *sentiu-se agarrado*, *se deixou agarrar*.

Tendo em vista o quadro anteriormente exposto, podemos pensar, para as construções transitivas com o verbo *agarrar*, o seguinte quadro:



Quadro 3 - Representação da construção transitiva com o verbo *agarrar*.

Nele, mostramos que a construção transitiva instanciada pelo verbo *agarrar* apresenta, prototipicamente, dois participantes, um que agarra e outro que é agarrado. O primeiro acumula os papéis de agente e sujeito, enquanto o segundo assume, simultaneamente, os papéis de paciente e objeto.

No que diz respeito ao sentido, consoante Martelotta e Areas (2003, p. 38), a transitividade parece estar relacionada “ao evento causal prototípico, que é definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto.”

Atualizada no discurso com o verbo *agarrar*, a construção transitiva mantém, do ponto de vista sintático, a configuração característica dessa construção no português, ou seja, *Suj V Obj*, e do ponto de vista semântico, projeta uma mudança de locação do objeto, que pode ser física ou metafórica, como resultado da ação verbal, indicando o movimento a favor do centro dêitico, uma vez que o ato de agarrar pressupõe o movimento de *trazer para si*.

Em (38) e (39), abaixo, o verbo *agarrar* implica uma mudança de locação dos objetos – *peixe* e *ideia*, porém de modos diferentes. No primeiro dado, alguns homens tentavam agarrar um peixe que estava no rio, ao conseguirem fazê-lo, o peixe, que estava longe, sofre uma mudança de lugar, passando de distante para próximo dos homens que o agarraram. No segundo, o verbo *agarrar* tem como complemento um objeto abstrato, o qual não é possível agarrar fisicamente, porém, ainda assim, percebe-se uma mudança de locação, dessa vez metafórica, já que a ideia de casar-se, que estava distante, passa a ser cogitada, ou seja, torna-se próxima, possível.

(38) Talvez também que, indefeso e doente, o houvessem beliscado outros peixes. Quando o **agarraram**, ainda tentou fugir às mãos que o seguravam e que, rápidas, o tiraram fora d'

água, ligando-o entre duas talas de madeira. (Título: Chamada Geral: Contos, de Francisco Inácio Peixoto. Texto ficcional: PB)

(39) Havia uma grande lacuna na sua vida, e sentia-se apartado do resto do mundo, como se tivesse crescido a maré e ele ficasse no mar em cima de um rochedo sem ligação com a terra. Ele estava efectivamente na idade de juntar-se. Ia muito seguro no que pensava e bem atento, por isso soube **agarrar uma ideia** feliz que lhe veio de repente: - A mulher! (Título: Nome de Guerra, de José de Almada Negreiros. Texto ficcional: PE)

Vê-se, portanto, que está imbricado na construção transitiva com *agarrar* um movimento que independe da natureza semântica do objeto, seja ele concreto ou abstrato, passa por uma mudança de lugar, que pode ser física ou metafórica³¹, devido ao movimento de *trazer para si* inerente ao verbo.

Esse movimento é verificado desde as acepções mais básicas do verbo *agarrar* até as mais metafóricas. Uma evidência disso são os apontamentos feitos no *Capítulo 1* acerca da origem do verbo *agarrar* em dicionários da Língua Portuguesa, especialmente naqueles que apresentam informações etimológicas dos verbetes, segundo os quais o *agarrar* tem origem no vocábulo *garra*. Tendo em vista o significado de *garra* como “unha aguçada e curva das feras e aves de rapina”, o significado mais básico do verbo *agarrar* parece ser *prender com a garra*, conforme ilustrado nos dados (40) e (41):

(40) Suas unhas retráteis são encobertas de pele e, quando necessário, os **felinos** fazem com que estas deslizem para fora, tanto para **agarrar suas presas** quanto para obter maior firmeza no momento inicial de seus saltos e corridas. (Título: Gato. Texto acadêmico: PB)

(41) São predadores apresentando as patas anteriores bem desenvolvidas e providas de espinhos que funcionam como garras capturando e **agarrando as presas**. (Título: louva-a-deus. Texto acadêmico: PE)

Devido à extensão de sentido do vocábulo *garra* para “unhas, dedos, mãos”, o verbo *agarrar* também pode ter passado por uma extensão de sentido passando a ser utilizado com o significado de *prender com unhas, dedos, mãos*:

(42) Sorveu o seu uísque com calma, sem **agarrar o copo nos dedos convulsos**, acendeu um cigarro, soprou a fumaça para o teto. (Título: A Madona de Cedro, de António Callado. Texto ficcional: PB)

³¹Essa noção de movimento não se limita à construção transitiva. Como é mostrado mais adiante, as construções paratáticas e subordinadas com o *agarrar* também podem ser analisadas tendo em vista o movimento metafórico que emerge pela presença desse verbo nas mesmas.

(43) Há-de rir-se ao ver a sua mãe entrar no palco imenso, chamar-me, dar-me uma beijo na testa, tirar da carteira um elástico negro, **agarrar com ambas as mãos o meu cabelo**. (Título: O filho perdido de Catherine. Texto jornalístico: PE)

E, finalmente, adquiriu o significado de força, fibra, como em (44) e (45).

(44) O escândalo, porém, permitiu à Maria um desses cinismos épicos. **Agarrou o Azevedo** pelo casaco, meteu-o dentro do carro sem dizer palavra, ofegante, e ao chegar à casa mediu-o de alto a baixo e teve esta frase, célebre há cinco anos: - o senhor é um indigno! (Título: Dentro da noite, de João do Rio. Texto ficcional: PB)

(45) O Jonas **agarrava-a** vigorosamente, muito desvanecido com o elogio, e erguia-a sempre que uma curva mais ampla se proporcionava. (Título: Fatal Dilema, de Abel Botelho. Texto ficcional: PE)

Apesar da ampliação de usos do verbo, da qual resultam os significados de *prender com unha aguçada e curva das feras e aves de rapina*, ilustrado em (40) e (41); *prender com unhas, dedos, mãos*, em (42) e (43); e *prender com força, fibra*, em (44) e (45), percebe-se que, em todos os casos, codifica-se o movimento de *trazer o objeto para próximo de si*, causando sua mudança física de locação.

A partir da extensão de contextos de uso do verbo *agarrar* em português que surgiram, também, casos como o ilustrado em (39) *agarrar uma ideia*, em que o verbo passa a selecionar complementos mais abstratos, o que indica sua própria metaforização. Por essa razão, surgem extensões de sentido, nas quais o verbo não assume o “significado convencional” (nos termos de Ferrari, 2011) de *prender com a garra*, no qual se codifica o ato de prender fisicamente um objeto trazendo-o para si. Em casos como (39), o movimento é metafórico.

Tendo em vista a assunção da Gramática das Construções de que os significados do verbo e da construção interagem é que se torna possível entender a ocorrência do verbo *agarrar* na construção transitiva. Por apresentar, em sua contraparte semântica, o evento causativo em que há “uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto” (cf. MARTELOTTA; AREAS, 2003), só podem instanciar essa construção, verbos cujo significado se adegue a esse, ou seja, verbos de movimento.

Desse modo, o verbo *agarrar* não é o único compatível ao significado da construção transitiva, ele concorre com outros verbos semanticamente próximos, que, como ele, apresentam significados que tem como resultado o movimento do objeto, tais como *catar*, *pegar* e *tomar*. Além desses, que codificam a ação de trazer para si, há ainda outros, como

dar, comer, vender, apenas para citar alguns, que, de certo modo, também implicam uma noção de movimento, uma vez que as ações de dar, comer e vender algum objeto/alimento implicam o deslocamento dos mesmos. Contudo, essa noção de movimento é mais explícita em uns verbos do que em outros.

Como se pode notar, a construção transitiva constitui uma construção esquemática do português, tal como apontado por Ciríaco (2011), já que pode ser instanciada por diversos itens lexicais. No que tange às construções com *agarrar*, mais especificamente, essa variedade se dá principalmente na posição de objeto, tanto pela diversidade e natureza dos itens lexicais que ocupam essa posição, quanto pelos determinantes pelos quais é introduzido.

Verificamos, com base na análise dos dados coletados, que podem ocorrer desde nomes concretos, como *cadeira, copo, corda*, etc., os quais são possíveis de serem agarrados fisicamente, até nomes mais abstratos, como *sonho, esperança, ideia*, aos quais não se têm acesso de modo concreto. Entendemos que é a partir dessa variação que surge a quantidade de significados associados às construções transitivas com o verbo *agarrar*.

Goldberg (1995, p. 118) já havia sinalizado que as “construções são tipicamente associadas com uma família de sentidos intimamente relacionados em vez de um sentido abstrato único, fixo”. A construção transitiva, por exemplo, expressa, segundo a autora, a cena transitiva prototípica, e a esse sentido central, existe uma família de outros sentidos. Desse modo, da construção transitiva canônica, ou seja, daquela que apresenta a cena transitiva prototípica, emergem extensões, as quais licenciam uma gama maior de expressões transitivas, chamadas por ela de predicados transitivos não canônicos.

O caso ilustrado em (38), repetido abaixo, é representativo das construções transitivas canônicas, que são caracterizadas por apresentarem, prototipicamente, um sujeito [+ agente] e [+ animado], que age intencionalmente de modo a agarrar um objeto [+ concreto], tais como *cadeira, copo, corda*, trazendo-o para si, ou seja, causando sua mudança física de locação, já o caso expresso em (39), recuperado abaixo, ilustra as construções transitivas não canônicas, nas quais o sujeito também apresenta os traços [+ animado] e [+ agente], porém, age intencionalmente trazendo metaforicamente para si um objeto [+ abstrato], tais como *sonho, esperança, ideia*³², cujo valor semântico implica um significado construcional também mais abstrato, ou metafórico, uma vez que o significado final de uma sentença resulta da interação dos significados dos itens lexicais com o significado da construção.

³²Nesse segundo grupo, há casos em que o complemento do verbo *agarrar* é [+ concreto], mas o contexto não permite uma leitura composicional, nesses casos, embora se tenha um objeto real do mundo físico, o significado é metafórico, por isso, são tratados como construções transitivas não canônicas.

(38) Talvez também que, indefeso e doente, o houvessem beliscado outros peixes. Quando **o agarraram**, ainda tentou fugir às mãos que o seguravam e que, rápidas, o tiraram fora d'água, ligando-o entre duas talas de madeira. (Título: Chamada Geral: Contos, de Francisco Inácio Peixoto. Texto ficcional: PB)

(39) Havia uma grande lacuna na sua vida, e sentia-se apartado do resto do mundo, como se tivesse crescido a maré e ele ficasse no mar em cima de um rochedo sem ligação com a terra. Ele estava efectivamente na idade de juntar-se. Ia muito seguro no que pensava e bem atento, por isso soube **agarrar uma ideia** feliz que lhe veio de repente: - A mulher! (Título: Nome de Guerra, de José de Almada Negreiros. Texto ficcional: PE)

Devido a isso, dividimos os dados em dois grupos³³, no primeiro, intitulado *construções transitivas canônicas*, reunimos dados como (38) e, no segundo, intitulado *construções transitivas não canônicas*, reunimos casos como o ilustrado em (39).

Essas últimas são, a nosso ver, extensões metafóricas das construções transitivas canônicas, ou seja, construções transitivas que se distinguem das canônicas devido aos seus significados, que, ao invés de codificarem a ação física de agarrar, codificam-na metaforicamente.

Vale ressaltar, ainda, que nas construções transitivas canônicas do tipo ilustrado em (38), os complementos do *agarrar* sofrem um afetamento direto pela ação denotada pelo verbo, uma vez que eles são concretamente agarrados e, como consequência dessa ação, passam por uma mudança física de locação, desse modo, acreditamos que o papel de *paciente*, em casos assim, seja mais bem especificado como *objeto afetado*. Por isso, esse é o termo por meio do qual nos referimos, ao longo da análise das construções transitivas canônicas com *agarrar*, ao papel argumental dos sintagmas nominais em posição de complemento. Já nas construções transitivas não canônicas não ocorre o mesmo. Em casos como (39), a ação de agarrar não se realiza materialmente, já que o objeto é [+ abstrato]. Ainda assim, vemos que há uma mudança de locação, dessa vez metafórica, já que do ato de agarrar a ideia, por exemplo, o complemento passa de um “lugar” distante para outro próximo do falante. Assim, podemos pensar em afetamento do objeto também nas construções transitivas não canônicas, mas somente se considerarmos que ele seja um objeto afetado não canônico, já que ele não é fisicamente afetado pela ação codificada pelo verbo *agarrar*. Tendo isso em vista, o papel

³³Vale ressaltar que essa divisão foi realizada apenas para fins metodológicos e que foi realizada tendo em vista o aspecto semântico das construções, uma vez que do ponto de vista sintático não há distinção entre os dois grupos.

argumental dos sintagmas nominais em posição de complemento nas transitivas não canônicas é chamado aqui de *objeto afetado não canônico*.

4.1.1. As construções transitivas canônicas

As construções transitivas canônicas apresentam, de um modo geral, a configuração sintática 1) [SUJ V OBJ _{direto}], entretanto, outras configurações, descritas a seguir, foram identificadas nos *corpora*, sem que se altere, pelo menos a nosso ver, a transitividade do verbo *agarrar*.

2) [SUJ V OBL]

3) [SUJ V OBJ _{direto} ADJ]

4) [SUJ V DAT OBJ _{direto}]

Como dito anteriormente, o *agarrar*, nas construções transitivas, seleciona prototipicamente dois argumentos, o agente e o paciente (doravante objeto afetado), que são sintaticamente expressos pelo sujeito e pelo objeto. Porém, nas configurações sintáticas em 3 e 4, há a ocorrência de um sujeito e dois complementos. Sobre essa questão, Goldberg (2006) apresenta um conjunto de possibilidades em que mostra casos em que um papel argumental pode não ser associado a um papel participante, ou vice-versa.

A partir de seu trabalho, portanto, é possível explicar as configurações descritas em 3 e 4. Aloiza (2009, p. 74) explica que, para Goldberg (2006), quando um sintagma não corresponde nem a um papel argumental selecionado pela construção nem a um papel participante selecionado pelo verbo, “sempre teremos, indubitavelmente, adjuntos”, caso ilustrado pela configuração sintática em 3) [SUJ V OBJ _{direto} ADJ], e exemplificado abaixo.

(46) Cala a boca, Vaca Brava. A mulheraça reagiu: - Vaca Brava é a mãe. **Agarrou-a pelo pescoço**, as duas caíram com a mais forte por cima, o bar inteiro começou a instigar as duas, a gritar, numa torcida barulhenta, homens batiam palmas, vozes de mulher gritavam. (Título: Sangue na Floresta, de António Olinto. Texto ficcional: PB)

Ainda há casos em que um elemento sintático corresponde a um papel argumental selecionado pela construção, mas não a um papel participante do verbo. Casos assim parecem corresponder à configuração sintática expressa em 4) [SUJ V DAT OBJ _{direto}], ilustrada abaixo no dado (47).

(47) Quando por volta de uma hora apareceu a figura de larva da Elisa, deu um pulo da cadeira, **agarrou-lhe o pulso**: <<Vem; tu hoje és minha!>>. Houve uma grande gargalhada. (Título: Dentro da noite, de João do Rio. Texto ficcional: PB)

Em (47), o verbo *agarrar* instancia uma construção bitransitiva, em que o papel argumental de ‘recipiente’, expresso sintaticamente pelo dativo de posse *lhe*, não se funde com nenhum papel participante selecionado pelo verbo, uma vez que o *agarrar* prevê apenas os papéis participantes de sujeito e objeto, que correspondem ao agente e ao objeto afetado. Adiante, apresentamos outros casos como esse e problematizamos a questão a partir da abordagem construcional.

Abaixo, apresentamos os dados retirados dos *corpora* que ilustram as variações na configuração sintática das construções transitivas descrevendo-as e discutindo acerca de sua classificação, mas destacamos desde já que em todas elas, o verbo *agarrar* atua como verbo pleno, selecionando, prototipicamente, sujeitos [+ animados] e [+ agentes], cuja ação é sempre volicional, e objetos [+ concretos] e [± animados], que são agarrados fisicamente, movimento do qual resulta sua mudança de locação. Com base nessas propriedades sintáticas e semânticas, defendemos que nas configurações de 1 a 4, apesar de suas especificidades, o verbo *agarrar* mantém sua transitividade.

A configuração 1) [SUJ V OBJ _{direto}] corresponde a casos como (48) e (49), abaixo. Neles, *bebê* e *homens* correspondem ao papel participante de sujeito, selecionado pelo verbo, são [+ animados] e agem intencionalmente de modo a agarrar algo (em 48) ou alguém (em 49), por isso, correspondem, também, ao papel argumental de agente, selecionado pela construção.

(48) É entre os seis e os oito anos de idade que a lateralidade se define, em definitivo. No entanto, um **bebê** de meses já pode mostrar preferências pela mão esquerda ou direita, nomeadamente quando **agarra um objecto**. (Título: canhoto. Texto acadêmico: PE)

(49) Chegam ao trecho onde a estrada ainda era cimentada, aí o carro vem descendo, lentamente, Dito e Fumaça chegam para bem perto da mureta. A porta do carro se abre, Dito quer correr e não pode. **Dois homens o agarram**, um terceiro faz o mesmo com Fumaça. (Título: Infância dos Mortos, de José Pixote Louzeiro. Texto ficcional: PB)

A fusão dos papéis do verbo com os da construção também ocorre com os sintagmas nominais em posição de complemento, *um objecto* em (48) e o pronome *o* em (49) assumem

sintaticamente o papel participante de objeto e semanticamente o papel argumental de objeto afetado.

Aos casos em que o objeto é [- animado], tal como em (48), da interação dos significados dos itens lexicais com o significado da construção resulta, prototipicamente, o significado de *prender com as mãos*, já os casos em que apresenta o traço [+ animado], como em (49), o significado que emerge é *prender com garra, força*.

Ambos os significados que surgem da interação dos itens lexicais (sujeito, verbo e objeto) com os argumentos da construção (agente, verbo e objeto afetado) são compatíveis com o significado construcional das transitivas, que codifica um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de locação em um objeto.

Além disso, os dados em (48) e (49) evidenciam a informação dada anteriormente de que, nas construções transitivas, há grande variação de preenchimento lexical na posição de objeto. Por isso, as construções transitivas canônicas que seguem a configuração descrita em (1) podem ainda ser compartimentadas. Conforme mostramos abaixo, essa posição pode ser ocupada por sintagmas nominais de núcleo nominal (1.a – 1.d), introduzidos ou não por preposição, ou por sintagmas nominais de núcleo pronominal (1.e).

1. a) SUJ V OBJ _[nome]

(50) Mas quem quiser **agarrar saci-pererê** tem que sair em meia-noite de ventania e jogar o rosário nêle. O talzinho vira logo um gato e vem-se enroscar na perna da gente. (Título: Rua Augusta, de Maria de Lourdes Teixeira. Texto ficcional: PB)

(51) Dois criados correram a **agarrar [Jacinto Codesso]**. - Larguem-no! - ordenou Carlos Runa. De boca aberta, Codesso trocava as pernas, tonto. (Título: Cerramaior, de Manuel de Fonseca. Texto ficcional: PE)

1. b) SUJ V OBJ _[artigo + nome]

(52) a Senhora tudo seguia de longe, pelos pequenos ruídos tão conhecidos seus, mas não lhe era possível distinguir o vulto da negra. Então, levantou-se e **agarrou [o castiçal]** e entrou no quarto, mas já a mucama a ajudava a despir o roupão e ajoelhou-se para tirar-lhe as chinelinhas. (Título: A Menina Morta, de Cornélio Penna. Texto ficcional: PB)

(53) Cristina apareceu-lhe em pijama e saudou-o fraternalmente: " Bom dia, mano " Ele correspondeu, fixando-a com uma intenção crítica no olhar. Estava frio, ela não achava? Cristina **agarrou [uma torrada]** e levou-a à boca, trincando-a com apetite.. (Título: Fatal Dilema, de Abel Botelho. Texto ficcional: PE)

1. c) SUJ V OBJ [pronome + nome]

(54) Yasumori tivera que lhe contar várias vezes como haviam sido os primeiros anos de seu aprendizado e de que maneira ele conseguira **agarrar [sua camélia]**, conquistando assim o direito de receber o treinamento do kendo. (Título: A sala do Jogo, de Eduardo Alves da Costa. Texto ficcional: PB)

(55) Tudo que havia de bom em seu ser despertara à vista da criança e seus braços muitas vezes estremeceram no desejo quase impossível de conter, de **agarrar [aquela pequena criatura]** indefesa e prendê-la ferozmente junto ao seu peito magro e infecundo. (Título: A Menina Morta, de Cornélio Penna. Texto ficcional: PB)

1. d) SUJ V OBJ [preposição + nome]

(56) Fez um gesto de louco, **agarrou [no chapéu]** e atirou-se para fora, perdidamente, numa ânsia de fugir às reticências perversas que o matavam a fogo lento, mas não sem ouvir, apesar da sua alucinação, que Olga dizia atrás dele, num protesto: - Oh! Mamãe! Coitado.. (Título: A Luta, de Emília Moncorvo Bandeira de Melo. Texto ficcional: PB)

(57) INF É vários bolos e depois é conforme. A senhora se quiser fazer um bolo, faz; se quiser dois, faz; se quiser quatro, faz; faz o que quiser.

INQ1 Mas só fazem bolos?

INF Só se faz bolos. E depois **agarra [a uma outra massa]** e fazem broas. (Título: Cordial: COV06. Texto oral: PE)

(58) Esta casa é uma babilónia.. nada pára!..Um dia **agarro [dum estadulho]** e desanco mulher, desanco filhos, desanco o Diabo! -Cruzes, logo de manhã com o Demo na boca! - bravejou de lá Rita. (Título: A Planície Heróica, de Manuel Ribeiro. Texto ficcional: PE)

Os complementos verbais nos dados de (50) a (55) figuram sintaticamente como objetos diretos, porém, os três últimos casos, nos quais o verbo *agarrar* é seguido de complementos introduzidos pelas preposições *em*, *a* e *de* precisam ser mais bem discutidos, uma vez que eles são comumente considerados objetos indiretos, especialmente em algumas obras lexicográficas que consultamos.

Em casos como o ilustrado em (56), no qual o complemento é introduzido pela preposição *em*, o verbo é classificado, em alguns dicionários do português, (Fernandes, 1967; Aurélio, 2010; Freire, 1954; Luft, 1997 e Michaelis *online*), como transitivo indireto. Outros, como Aulete (1980), Borba (2002), Bueno (1963) e Priberam *online*, livram-se do problema classificando-o apenas como verbo transitivo, sem maiores especificações acerca do assunto.

O fato é que o conceito amplamente difundido de que objeto indireto é aquele introduzido por preposição, acaba por ancorar a classificação do verbo *agarrar* em casos como (56), bem como em (57) e (58), nos quais os complementos são introduzidos pelas preposições *a* e *de*, como transitivo indireto.

Essa classificação, no entanto, nos parece problemática, uma vez que a ocorrência de preposição não se configura como um critério suficiente para classificá-lo dessa forma.

Algumas gramáticas do português (Bechara, 2006 e Castilho, 2010), bem como estudos linguísticos acerca de complementos verbais (Berlinck, 1996) apresentam as propriedades do objeto indireto, dentre as quais ressaltamos uma principal que parece ser suficiente para mostrarmos que os complementos do verbo *agarrar* nos dados ilustrados de (56 - 58) não podem ser assim classificados.

A propriedade principal que caracteriza um objeto indireto é que ele é o objeto a quem se dirige a ação verbal ou, conforme Castilho (2010, p. 305), aquele que se caracteriza como beneficiário da ação, tal como em (59) e (60), nos quais os termos negritos correspondem a objetos indiretos.

(59) *Dou esta maçã **ao amigo**.*

(60) *O Diretor escreveu cartas **aos pais**.*³⁴

Tendo em vista essa propriedade, os complementos *no chapéu* em (56), *a uma outra massa* em (57) e *dum estadulho* em (58) não podem ser tratados como objetos indiretos, uma vez que eles não são beneficiários da ação verbal.

Ao tratar, em sua gramática, sobre os complementos verbais, Castilho (2010, p. 305) oferece uma proposta que explica casos como esses, são os chamados complementos oblíquos³⁵, conceituados por ele da seguinte maneira: “[e]mbora selecionados pelo verbo, eles codificam circunstâncias de lugar, tempo, medida, etc., papéis temáticos tradicionalmente assimilados aos adjuntos”. (CASTILHO, 2010, p. 299)

Desse modo, os complementos oblíquos compartilham as propriedades de argumento interno e de adjunto, listadas a seguir:

1) “são proporcionais a pronomes-advérbios ou a preposição + pronomes”;

³⁴O exemplo em (60), apresentado por Castilho (2010), foi retirado de (Bechara, 2006).

³⁵Bechara (2006) também trata de complementos como os tratados por Castilho (2010), contudo, denomina-os complementos relativos.

- 2) “ocorrem como argumento interno único da sentença, coocorrem com o objeto direto”;
- 3) “ocorrem mais frequentemente com verbos de movimento”;
- 4) “exploram com frequência os papéis temáticos /locativo/”, que pode ser: “(i) apresentado em sua genericidade, (ii) especificado como /alvo/, (iii) especificado como /origem/ e /alvo/, e (iv) /comitativo/”. (CASTILHO, 2010, p. 305)

Apesar de sinalizar que os complementos oblíquos sejam, em algumas gramáticas da língua, postos em relação de equivalência aos adjuntos, o linguista mostra que esses termos correspondem a tipos diferentes de complemento. Enquanto o oblíquo é selecionado pelo verbo, ou seja, “ocupa lugares na predicação verbal que dele necessita para sua saturação”, os adjuntos apenas “agregam informações acessórias”, ou seja, “exibem uma relação não argumental com o verbo”. (CASTILHO, 2010, p. 299)

Tendo em vista as propriedades acima arroladas, os complementos preposicionados do verbo *agarrar* correspondem a complementos oblíquos com o papel temático /locativo/. Assim, os casos: (56) *agarrou no chapéu*, (57) *agarro a uma outra massa* e (58) *agarro dum estadulho* representam a configuração sintática expressa em 2) [SUJ V OBL].

Vale destacar que o dado em que o complemento é introduzido pela preposição *de* é representativo do PE, uma vez que em PB não foram encontradas ocorrências como essa. Nesse dado, o homem se irrita com a confusão de sua casa e diz que um dia ainda agarra um estadulho (= pau) e desanca (= bater com pancadas de modo a aleijar) a esposa, os filhos e quem mais aparecer em sua frente, inclusive o Diabo.

Nos dicionários de Freire (1954) e Luft (1997) são lembrados casos em que o objeto do verbo *agarrar* é introduzido pela preposição *de*, mas não é informado em qual variedade do português podem ser encontrados.

(61) *Em descendo o padre, **agarraram dêle** gritando.*

(62) *Os grevistas o agarraram (ou **agarraram dele**, agarraram nele).*

Por serem postos em equivalência, o pronome *o* e os complementos preposicionados *dele* e *nele*, para Luft (1997) parecem não interferir no significado. Desse modo, a presença/ausência da preposição talvez possa ter uma implicação pragmática na construção transitiva, mas não semântica.

1. e) SUJ V OBJ [pronome pessoal]

Ainda sobre as construções que seguem a configuração 1) [SUJ V OBJ _{direto}], destacamos os casos em que a posição de objeto é preenchida por sintagmas nominais de núcleo pronominal.

Nesses casos, verificamos, a partir dos dados coletados, a ocorrência dos seguintes pronomes pessoais na posição de objeto: *o, a, os, as*, que podem ocorrer nas formas *lo, la, los, no, na, nos*, além de *me e lhe* e do pronome reflexivo *se*. Em PE, acrescentam-se os pronomes *te e lha*.

(63) Ele passou-lhe à frente, mais dois passos iria vê-la. ao iniciar o terceiro passo, ela saltou com o facão, tentando gol-peá-lo com toda força. Ele esquivou-se, a lâmina partiu-se na rocha. **Agarrou-a**, tampou-lhe a boca. Ela mordeu-lhe os dedos; ele gemeu baixinho. (Título: As Meninas de Belo Monte, de Júlio José Chiavenato. Texto ficcional: PB)

(64) O Esperto, que era um coelho todo branco, de nariz muito rosado, chegou-se mais e saltou-me para as pernas. Esqueci então a amizade que lhe tinha e dei-lhe um murro na cabeça. Espantado com o acolhimento, saltou quintal fora, pondo-se de longe a olhar-me, orelhas muito levantadas e sentado nas patas traseiras. Depois, arrependido do meu gesto, procurei **agarrá-lo**. (Título: Fanga, de Alves Redol. Texto ficcional: PE)

(65) Nada disso - argumenta Fumaça - deixou a gente esperando e disse que ia apanhar a grana. Aí apareceu o grandalhão e **nos agarrou**. - Acho que tava tudo combinado - arrisca Dito. - Bem, se tava tentando me passar pra trás, também pagou por isso. (Título: Infância dos Mortos, de José Pixote Louzeiro. Texto ficcional: PB)

(66) Aos poucos, os vizinhos foram aparecendo. Estremunhados, incrédulos. Eram nove de a manhã quando uma mulher, já idosa, **se agarrou ao bombeiro**, a os gritos. Ela seria um de os desalojados os jornais de a época falam em 200/300 de o Chiado. (Título: Publico: 2302: sec:soc. Texto jornalístico: PE)

(67) Voltei-me para sair. Pero Lopes **agarrou-me o braço**, dizendo com súplica na voz: - Fernão.. Fitei-o com olhar severo e disse: - Não me chamo mais Fernão. (Título: Os Rios Inumeráveis, de Alvaro Cardoso Gomes. Texto ficcional: PB)

(68) E furioso, piscando os olhos, com as veias da testa inchadas, largou o braço da morena mas **agarrou-lhe os cabelos**, a trança quase desmanchada, fechando na mão duas voltas, agarrou curto, entre os ombros, pertinho da nuca.., e puxou pra trás a cabeça da cabocla. (Título: Contos Gauchescos, de Simões Lopes Neto. Texto ficcional: PB)

Nos dados de (63 - 66), os pronomes assumem a função de objeto direto e podem ocorrer, com exceção de (64), tanto antes quanto depois do verbo sem que haja nenhuma alteração sintática formal na construção.

Sobre o caso em (66), contudo, vale destacar alguns pontos. Em casos assim, o pronome *se* indica que o agente da ação é também o objeto afetado por ela, desse modo, o sujeito e o objeto são correferenciais, conceituação comumente encontrada nas gramáticas do português, mas, nessas obras, seus autores limitam-se a mostrar casos como: (69) *João lavou-se*, (70) *Antonia levantou-se*, diferentes de casos como (66), em que o verbo tem como objeto o referente do próprio sujeito, mas também apresenta outro complemento, *ao bombeiro*.

Nos dicionários consultados, notamos que casos como esse são frequentemente exemplificados.

(71) *Agarrar-se a uma árvore*. (Aulete, 1980)

(72) *As árvores do jardim agarraram-se à rampa*. (Borba, 2002)

(73) *Agarrou-se a uma árvore*. (Fernandes, 1967)

(74) *Continuava junto a mim, e agarrava-se ao meu braço, como se tivesse medo*. (Aurélio, 2010)

(75) *A hera agarra-se à parede*. (Houaiss, 2004)

(76) *Ele se agarrou ao corrimão*. (Luft, 1997)

(77) *Agarrou-se firmemente ao balaústre*. (Michaelis online)

Nesses exemplos, o complemento que segue o pronome *se* é sempre introduzido pela preposição *a*. A classificação do verbo é, habitualmente, *verbo pronominal*, nenhum comentário é feito acerca do complemento preposicionado que o acompanha. Apenas em Borba (2002) lembra-se que em casos como (72) *à rampa* corresponde, segundo o lexicógrafo, ao complemento de lugar.

Vale ressaltar que o verbo *agarrar* pronominal também pode ser acompanhado da preposição *em*, conforme ilustrado abaixo:

(78) Sua alegria durou pouco, pois quando estava quase terminando seu café, viu o menino de Rita **se agarrar na cadeira** vazia à sua frente e tentar subir para alcançar alguma coisa em cima da mesa. (Título: *Inimigas Íntimas*, de Joyce Cavalcante. Texto ficcional: PB)

(79) INF1 Não há aqui, mas sei. É a lampreia. Não há cá. É raro. Quer dizer, não há.. Já tenho visto duas ou três, mas é raro. Mas é a lampreia.

INQ Pois.

INF1 Parece (..) uma flauta. É a lampreia.

INQ É, é. Tem aqueles buraquinhos aqui assim..

INF2 **Agarra-se nos barcos.** (Título: Cordial: ALV23. Texto oral: PE)

Dentre os dicionários consultados, apenas Luft (1997) cita a possibilidade do verbo *agarrar* pronominal receber complemento introduzido pela preposição *em*, porém, o verbo é classificado como *transitivo direto pronominal indireto*, ou seja, o complemento preposicionado é visto como objeto indireto.

Entretanto, entendemos que os complementos preposicionados, seja pela preposição *a* ou pela preposição *em*, nesses casos, podem ser interpretados como adjuntos, uma vez que, em (78) e (79), por exemplo, o verbo *agarrar* já tem preenchido seus papéis participantes de sujeito (*Rita e lampreia*) e objeto (pronome *se*), e a construção transitiva já tem preenchidos os papéis argumentais de agente e objeto afetado. Às construções reflexivas parece sempre ser possível associar o significado de segurar-se.

Goldberg (1995) diz que em casos como esses, em que o verbo é acompanhado do pronome *se*, ocorre a absorção de papel, que ocorre “quando, em uma construção reflexiva, um papel é absorvido pelo outro, fundindo-se em um único papel argumental, o que gerará um único termo sintático.” (ALOIZA, 2009, p. 84)

Desse modo, *na cadeira* e *nos barcos*, por não preencherem um papel argumental da construção, nem um papel participante do verbo, só podem ser adjuntos, tal como apontado por Aloiza (2009, p. 74) a partir de Goldberg (2006). Portanto, tem-se aqui a configuração sintática descrita em 3) [SUJ V OBJ _{direto} ADJ].

Já os dados ilustrados em (67) e (68), nos quais o verbo *agarrar* tem como complementos, além dos pronomes *me* e *lhe*, os complementos *o braço* e *os cabelos*, são representativos de outra configuração sintática, qual seja: 4) [SUJ V DAT OBJ _{direto}], que, conforme dito anteriormente, é próprio da construção bitransitiva, em que são selecionados três papéis argumentais: agente, objeto afetado e recipiente.

Berlinck (1996) mostra um caminho para o tratamento desses casos. Para ela, “as construções transitivas constituem o caso prototípico para o complemento dativo” (1996, p. 128), que apresenta a seguinte organização sintática segundo a autora: $N_0 + V + N_1 + \{a, para, em\} N_2$, em que N_0 é a posição do sujeito, N_1 do objeto acusativo (ou objeto direto) e N_2 do dativo (comumente denominado objeto indireto).

Dentre os casos em que observou a ocorrência do dativo, termo que substitui objeto indireto por razões explicadas pela autora, cita o dativo transitivo possessivo³⁶, do tipo verificado em (80) *Maria limpou-me o casaco* e (81) *Eu queimei-lhe os cabelos*, que correspondem às construções com *agarrar* exemplificadas em (67) *agarrou-me o braço* e (68) *agarrou-lhe os cabelos*.

Os dativos possessivos apresentam, segundo Berlinck (1996, p. 135), “o sentido geral de posse, derivado da relação existente entre N₂ e N₁: N₁ como sendo incluso no domínio do referente de N₂”. Em outras palavras, N₁ (objeto direto), preenchido por *o braço* em (67) e *os cabelos* em (68), é visto como parte de N₂, *me* e *lhe*, respectivamente, ou seja, os pronomes *me* e *lhe* correspondem às pessoas que tiveram *o braço* e *os cabelos* agarrados, daí a relação de posse existente entre N₁ e N₂ segundo Berlinck (1996).

Devido à independência sintática de N₁ e N₂ a informação semântica não é tão evidente. A autora cita que há dois estágios na interpretação semântica das sentenças com o dativo possessivo: no primeiro há uma predicação que inclui N₀ e N₁:

[Pero Lopes agarrou [o cabelo] [me]]³⁷

N₀

N₁

No segundo, há a inclusão do complemento afetado N₁ no domínio de N₂. Dessa inclusão resulta em N₂ sendo um recipiente indireto.

[Pero Lopes agarrou [me [o cabelo]]]

N₀

N₂

N₁

Tendo em vista a proposta de Berlinck (1996) e o resultado da análise dos casos como os expressos em (67) e (68) sob sua proposta, entendemos que os pronomes *me* e *lhe* são dativos de posse³⁸ (contribuição da construção) e os complementos que os seguem são objetos diretos (argumentos do verbo, ou seja, selecionados por ele).

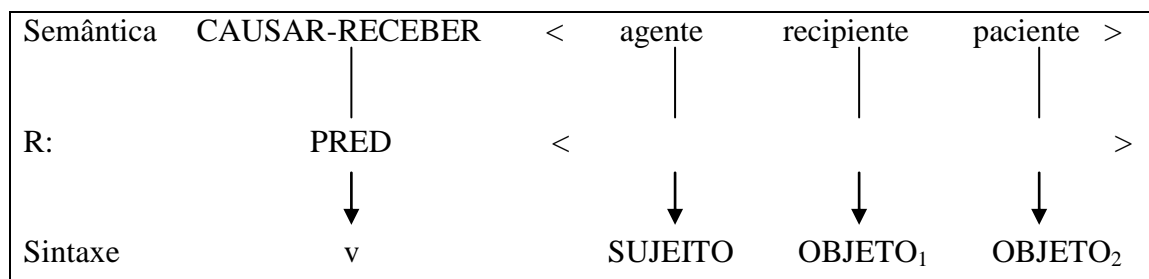
A partir da abordagem construcional, em casos como esse, o verbo *agarrar* que, em princípio, é transitivo direto e seleciona dois participantes, um sujeito e um objeto, não tem

³⁶“Transitive possessive dative”.

³⁷Representações feitas com base em Berlinck (1996, p. 135).

³⁸Tendo em vista os objetivos do nosso trabalho, não nos detemos profundamente nas definições de objeto indireto e dativo e nem nas discussões que surgem delas, por isso, sugerimos a leitura dos trabalhos de Cruz (2007) e Dantas (2007), que, sob diferentes perspectivas, tratam essa questão mais detidamente, apresentando, inclusive, dados do PB e do PE.

sua transitividade alterada, o que ocorre é que, nesses casos, ele instancia uma construção bitransitiva, ilustrada no quadro 4, abaixo, que contribui com o papel argumental *recipiente*, preenchido pelos dativos de posse *me* e *lhe*.



Quadro 4 - Representação da construção bitransitiva.

Em PE, além de casos como (82), abaixo, nos quais o pronome *lhe* exerce a função de dativo de posse e *o queixo* exerce a função de objeto direto expressando a relação de posse entre esses dois complementos, tal como no PB, encontramos dados como (83) e (84), nos quais os pronomes *me* e *lhe* assumem a função de objeto direto e o complemento, introduzido pela preposição *em*, assume a função de adjunto.

(82) Ele ergueu-a pelos ombros redondos e duros, **agarrou-lhe o queixo**, contemplou-a de novo nos olhos que teimavam em ficar baixos, e disse: - Quê guapa eres, hija mía! (Título: A Escola da paraíso, de Jose Rodrigues Migueis. Texto ficcional: PE)

(83) Calado, moendo o saibro sob.s passos lentos, o poeta fingiu não Perceber o dito mordaz por mim tão mal emendado. Talvez para se desferrar, **agarrou-me no braço**: - Sempre lhe vou dizer uma coisa: você pasma demais para a Dona Aldina. (Título: Carcere Invisível, de Francisco Costa. Texto ficcional: PE)

(84) Mas ele não tem só medo, tem também pena dela, e trava, consegue parar da desfilada assustadora em que ia, e fica à espera. Depois, tranquilamente, **agarra-lhe na mão** com muito amor, desce com ela. (Título: A Escola da paraíso, de Jose Rodrigues Migueis. Texto ficcional: PE)

O uso do pronome *lhe* como objeto direto em português já é um assunto discutido entre os linguistas e isso ocorre porque os pronomes tipicamente utilizados como objetos diretos (*o*, *a*, *os*, *as*) estão caindo em desuso. Por isso, os falantes têm substituído esses pronomes pelo clítico *lhe*, que passa a assumir a função de objeto direto.

Em (83) e (84), portanto, os papéis participantes de sujeito e objeto e os papéis argumentais de agente e objeto afetado estão devidamente preenchidos, dessa forma,

conforme Goldberg (2006) postula, os complementos *no braço* e *na mão* só podem ser adjuntos.

Dentre os dicionários consultados, apenas Fernandes (1967) cita casos como os tratados aqui:

(85) O privado lançou-se-lhe aos pés, **agarrou-lhe na mão** e beijou-lha.

Nesse exemplo, o verbo *agarrar* é classificado como relativo segundo o dicionarista, termo que corresponde ao verbo “seguido de um complemento preposicionado (a que se chama complemento terminativo ou objeto indireto), o qual recebe indiretamente a ação verbal ou significa a coisa que se teve em vista no momento da realização do fato expresso pelo verbo.”

Em nota, Fernandes (1967) explica que devido à dificuldade de “delimitar fronteiras entre adjunto adverbial (complemento dispensável) e complemento terminativo (complemento necessário)”, afirma que considera complemento relativo “todo elemento preposicionado (inclusive o próprio adjunto adverbial) que concorra, de qualquer modo, para integralizar a significação do verbo.”

Desse modo, não fica claro a forma pela qual o dicionarista classifica o complemento *na mão*, se é complemento terminativo ou se é adjunto adverbial, já que ele reúne ambos sob o termo complemento relativo.

Casos como (83) e (84), em que o verbo *agarrar* apresenta um pronome como objeto direto e um outro complemento, preposicionado, não foram identificados no PB. Nos dados do PE, além de casos como (83) e (84), com os pronomes *me* e *lhe*, há a ocorrência de outros pronomes:

(86) A macaca olha-o irritada, bufa, faz-lhe trejeitos e caretas antipáticas. Gostaria de brincar com ela, de **agarrá-la nos braços**.. Mas isto hoje está mesmo sem interesse nenhum: a parada deserta, a Chica recolhida, a horta silenciosa. (Título: A Escola da paraíso, de Jose Rodrigues Migueis. Texto ficcional: PE)

Esses dados, ilustrados de (83) a (86), não são do mesmo tipo dos demais, uma vez que os complementos não detêm a relação de posse tal como Berlinck (1996) delimita para os casos com os dativos *me* e *lhe*, ilustrados em (67) *agarrou-me o braço* e (68) *agarrou-lhe os cabelos*. Nos casos de (83) a (86), os pronomes correspondem ao objeto direto e os

complementos introduzidos pela preposição *em* funcionam como adjuntos, representando, portanto, a configuração ilustrada em 3) [SUJ V OBJ_{direto} ADJ].

São, também, exemplos dessa configuração sintática, casos como (87), em que a preposição *por* é que introduz o adjunto.

(87) O cabra desceu com a lata de biscoitos e estendeu-a para a mocinha. Quando ela quis beber, ele reteve a lata e **agarrou-a pelo braço**, virando-a de costas. (Título: *Suomi*, de Paulo de Carvalho-Neto. Texto ficcional: PB)

Há, ainda, casos como (88), em que o *agarrar* recebe, além do pronome *la* como objeto direto, o complemento *com delicadeza*, que assume a função sintática de adjunto, uma vez que não é argumento do verbo nem da construção, indicando o modo pelo qual a ação de agarrar é realizada. O complemento preposicionado *com delicadeza*, portanto, é uma locução adverbial de modo, intercambiável com o adjunto adverbial *delicadamente*.

(88) Sabina enxota-a, sem resultado, resolve **agarrá-la com delicadeza**, mas logo a solta com sensação instintiva de repugnância, do que imediatamente se arrepende. Prende-a de novo pelas asas. O inseto defende-se e debate-se de modo pulsátil porque ela o está segurando pelo corpo propriamente dito, isto é, pelo minúsculo abdome de ex-lagarta. (Título: *A mais que Branca*, de José Geraldo Vieira. Texto ficcional: PB)

Esse dado ainda é interessante por constatarmos que, embora o verbo *agarrar* implique certa força no ato de prender, essa noção pode ser amenizada, a depender do adjunto que com ele ocorra.

Há, porém, dados em que se verifica o contrário, nos quais a ideia de força se torna mais evidente:

(89) Leonel ficou cada vez mais trémulo e, **agarrando-a com violência**, disse: - Tu vais comigo, ainda que precisas levar uma surra. (Título: *O Galo de Ouro*, de Rachel de Queiroz. Texto ficcional: PB)

A partir de casos como esses, podemos pensar que a ocorrência de um adjunto que expresse a maneira pela qual a ação de agarrar foi realizada, seja de modo brando ou abrupto, pode indicar a alteração dos traços semânticos do verbo, daí a necessidade de elucidar o modo pelo qual se deu o ato de prender. Contudo, a noção de movimento permanece em ambos os casos.

Conforme apontamos no *Capítulo 1. A descrição do verbo agarrar*, alguns dicionários do português apresentam exemplos com *agarrar* em que o verbo não recebe complemento e,

por isso, nesses casos, é classificado como intransitivo. Dentre as obras consultadas, apenas três lembram esse uso, a saber, Aulete (1980), Luft (1997) e Houaiss (2004). Aulete (1980) e Houaiss (2004) apresentam como exemplos desses casos, os enunciados em (90) e (91).

(90) *Nisto ele **agarrou** e retirou-se.*

(91) ***Agarrou** e foi embora.*

Vale ressaltar, no entanto, que a classificação do verbo *agarrar* como intransitivo, nesses casos, é feita a partir de um critério estritamente sintático, uma vez que tanto (90) quanto (91) são exemplos de construções paratáticas. Nessas construções o verbo *agarrar* passa, conforme discutido adiante quando as descrevemos, por mudanças sintáticas e semânticas que impedem que o verbo seja tratado como lexical pleno, o que, conseqüentemente, impede classificações como a proposta nos dicionários, de que, nesse contexto, o *agarrar* seja intransitivo.

Houaiss (2004), no entanto, apresenta outro exemplo, em que o *agarrar* é classificado como intransitivo. O mesmo faz Luft (1997) com o exemplo ilustrado em (93).

(92) *Ele tanto joga no ataque como **agarra** muito bem.*

(93) *Esse goleiro **agarra** bem (as bolas).*

Dados em que o *agarrar* não seleciona complemento também foram identificados nos *corpora* desse trabalho e são apresentados abaixo.

(94) INF O rabiço era aquela parte torta. INQ2 Aquela parte onde se **agarra**? INF Exactamente. (Título: Cordial: MST08. Texto oral: PE)

(95) A maior parte dos opossuns são arborícolas e nocturnos, com caudas preênsais e patas bem adaptadas para **agarrar**. (Título: Opossum. Texto acadêmico: PE)

(96) Os sensores tácteis oferecem o feed-back necessário para o robot ajustar a força dos seus movimentos e a pressão da sua mão ao **agarrar**. (Título: Sensor táctil. Texto acadêmico: PE)

É interessante notar que em casos como os apresentados em (92), (93) e (94), ainda é possível recuperar a informação do que foi agarrado, contudo, nos dados (95) e (96) não ocorre o mesmo.

Tendo em vista a abordagem construcional de Goldberg (1995), em casos assim, não é necessário classificar o *agarrar* como verbo intransitivo, é possível pensar que ele mantém sua transitividade, mas pode aparecer em contextos intransitivos.

De um modo geral, a partir da descrição e análise dos dados, foi possível confirmar que, apesar das variações sintáticas identificadas nas construções transitivas canônicas com o verbo *agarrar*, é possível considerá-las instanciações da construção transitiva prototípica, que detém dois argumentos - agente e objeto afetado, e codificam o significado de alguém agindo intencionalmente causando a mudança física de locação do objeto. Os casos ilustrados de (92) a (96), no entanto, são exemplos de construções intransitivas instanciadas pelo verbo *agarrar*. A ocorrência do *agarrar* nas mesmas não implica considerarmos que ele tenha alterado sua transitividade, defendemos, a partir dos postulados de Goldberg (1995), que, apesar de ser um verbo transitivo direto, o *agarrar* pode instanciar outras construções, tal como a construção intransitiva.

A partir da abordagem construcional é possível, inclusive, considerar que, apesar de instanciar uma construção bitransitiva em casos como (68) *agarrou-lhe os cabelos*, não é necessário postular uma nova classificação sintática ao verbo. É possível considerar, conforme dissemos, que ele mantém sua transitividade, mas pode instanciar outras construções.

4.1.2. As construções transitivas não canônicas

No que tange à forma, as construções transitivas não canônicas apresentam, basicamente, três configurações sintáticas (1, 2 e 3), que são respectivamente ilustradas pelos dados (97), (98) e (99). Os dados mostram que nas construções transitivas não canônicas, o verbo *agarrar* mantém sua estrutura argumental, selecionando sujeito e objeto, que correspondem aos papéis de agente e objeto afetado não canônico.

- 1) [SUJ V OBJ _{direto}]
- 2) [SUJ V OBL]
- 3) [SUJ V OBJ _{direto} ADJ]

(97) Eu expliquei pra ele que tinha feito justamente pra usar daquele jeito e ele falou que não e tal e eu falei pra deixar que eu ia fazer de novo. E refiz as 11 páginas da história. Porque **eu** queria **agarrar a chance**. Ele gostou e eu peguei a história. (Título: Mike Deodato. Texto oral: PB)

(98) O rápido sucesso alcançado leva-o a desenvolver um projecto ainda mais ambicioso: a criação de um verdadeiro universo de lazer, a que não chega assistir porque desaparece. Mas o **seu irmão Roy e a sua equipa agarram no sonho** e abrem, em 1971, a Walt Disney World Resort na Florida, um conceito que, em 1992, é exportado para a Europa com o Disneyland Paris. (Título: Waltter Elias Disney. Texto académico: PE)

(99) Os **homens** não têm tempo para pensar. Embebeda-os a esperança de chegar à altura de António de Sousa e **agarram-se ao sonho** com febre e com força. Divididos não vêem o que para eles, no mundo, se cria. Não sabem que as casas onde moram são impossíveis à vida, não vêem que é preciso lutar para que o mundo possa cair--lhes nas mãos. (Título: O Aço Mudou de Têmpera, de Manuel do Nascimento. Texto ficcional: PE)

O que as diferenciam das construções transitivas canônicas são as propriedades do objeto, que, embora instanciado por sintagmas nominais de núcleo pronominal ou nominal, que podem ser introduzidos ou não por preposição, tal como nas canônicas, nas transitivas não canônicas, ele apresenta, prototipicamente, o traço [+ abstrato]. Essa propriedade do objeto atinge, também, o verbo *agarrar*, que, nessas construções, não é um verbo lexical, a subcategorização de objetos [+ abstratos] indica seu processo de metaforização, por isso, nesses dados, não é possível depreender o significado de *prender com a garra*³⁹, a não ser metaforicamente.

O sujeito é prototipicamente [+ animado], entretanto, dados como (100), embora pouco frequentes, foram identificados.

(100) A partir dessa data e até 1250, o facto principal da história italiana foram as relações, a princípio amistosas mas depois hostis, entre o papado e o Sacro Império Romano. Durante este período conflituoso, **as cidades italianas agarraram a oportunidade** de se converterem em repúblicas autônomas. (Título: Itália. Texto académico: PE)

Tendo em vista que seu uso como verbo pleno está associado a sujeitos [+ animados] e a objetos [+ concretos], dados como esse, parecem evidenciar a metaforização do verbo *agarrar*, já que, além de subcategorizar um objeto [+ abstrato], seleciona um sujeito [-animado]. Vale ressaltar, contudo, que *ciudades* é usado metonimicamente para se referir aos moradores das cidades italianas, que detêm o traço [+ animado].

Nos dados supracitados, uma interpretação semântica mais lexical é bloqueada, já que *chance*, *sonho* e *oportunidade* não são objetos do mundo físico que podem ser agarrados.

³⁹Embora tenhamos sinalizado que o significado de *prender com a garra* tenha se expandido para *prender com os dedos, unhas, mãos*; utilizamos sempre o primeiro, uma vez que ela dá conta do significado de prender com as garras e prender com as mãos.

Casos como esses só podem ser interpretados se transferirmos a experiência física que temos de agarrar a uma esfera conceptual, em que a construção *agarrar no sonho*, por exemplo, codifique a ação de que Roy e sua equipe tenham metaforicamente agarrado o sonho de construir a Walt Disney World Resort na Florida de modo a trazê-lo para próximo de si, tomando-o como uma meta a ser cumprida.

Tendo em vista que o ato de *agarrar* é utilizado metaforicamente de (97) a (100), retomamos o postulado de que “o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia”. (FERRARI, 2011, p. 22)

Nesse sentido, os significados associados às construções transitivas não canônicas constituem extensões metafóricas do sentido da construção transitiva canônica, que codifica a mudança física de locação de um objeto.

A partir dos dados coletados, foi possível identificar 12 significados diferentes, variedade que se explica devido ao valor semântico mais abstrato do objeto, mas não somente a isso, uma vez que alguns significados não composicionais emergem mesmo quando o objeto é [+ concreto]. Nesses casos, porém, o significado é resultado da contribuição do contexto linguístico, tal como se pode observar em (101).

Apesar de ser possível realizar uma leitura mais lexical desse dado, trata-se de um caso ambíguo, já que o ato da africana agarrar objetos que representam genericamente elementos associados a superstições, não significa necessariamente que ela tenha de fato agarrado cada um deles, mas sim o que eles representam.

(101) olha só a **africana** supersticiosa comparando a economia com os orixás, sabia-se na verdade pessoa eminentemente supersticiosa, **agarrava-se a objetos, folhas, flores secas, ramos, pedras, medalhas**, se passava uma temporada feliz em Veneza, arrancava folhas das plantas para guardar como talismã. (Título: Trono de Vidro, de António Olinto. Texto ficcional: PB)

Contrariamente a (102), uma construção transitiva canônica, em que o significado corresponde à soma dos itens lexicais, em (101), agarrar-se a objetos, folhas, flores, etc., favorece uma leitura não composicional, cujo significado parece ser *apegar-se emocionalmente*.

(102) A mãe de Manuel Marques andava com dificuldade, em virtude dos sapatos altos, que lhe trilhavam um calo, e **agarrava-se nervosamente ao braço do marido**, gemendo, devagarinho: - Espera aí, credo, aí, não vás tão depressal. (Título: Pedido de Casamento, de Armando Antunes da Silva. Texto ficcional: PE)

Tendo em vista a variedade de dados com o verbo *agarrar* em construções transitivas não canônicas, bem como a diferença evidente entre os dados de (97) a (99) e o ilustrado em (101), optamos por trabalhar, nesse momento, com as construções transitivas não canônicas do primeiro tipo, nas quais os complementos do verbo *agarrar* detêm o traço [+ abstrato].

Abaixo, apresentamos os dados e os significados associados a eles que conseguimos sistematizar, a saber: *acreditar perseverantemente em algo*, *aproveitar a chance*, *socorrer-se*, *tomar atitude* e *adquirir hábito*.

1. *Acreditar perseverantemente em algo*

(103) Os rebeldes haviam dado uma " pausa " até domingo para Mobutu, esperando que ele, com seu Exército em debandada, renunciasse. Mas o presidente ainda parece **agarrar-se à esperança** de conseguir um possível acordo com os adversários, ou então apenas busca ganhar tempo.. (Título: Rebeldes zairenses iniciam avanço final. Texto jornalístico: PB)

(104) Era uma coisa insólita e monstruosa. " Luís não dissera que era o Mário, mas devia ser o Mário, tinha que ser ele " **Agarrava-se com desespero a esta ideia**, era necessário que fosse Mário, porque não o sendo a hediondez do facto parecia-lhe incomportável. (Título: Retrato de Família. Texto ficcional: PE)

2. *Aproveitar a chance*

(105) No momento em que Maria Cândida buscava o refúgio cômodo da hostilidade desabrida para deixar de encarar de frente os argumentos para os quais não tinha resposta, a questionadora também se desmandava. Ocorria então que, mesmo furiosa, a mae espertamente **agarrava a chance** para dizer o que desejava. (Título: Ano de Romances. Texto jornalístico: PB)

(106) Bons apontamentos de um futebol bem jogado, virilidade na procura da bola e a maior determinação na sorte do jogo, caracterizaram o desafio do Restelo em que o Belenenses acabou por justificar plenamente a sua permanência da segunda grande prova do futebol nacional e o árbitro Bento Marques também "**agarrou**" a **oportunidade** para mostrar a sua boa forma.. (Título: Taça de Portugal. Texto jornalístico: PE)

3. Socorrer-se, valer-se

(107) Me vali de Nossa Senhora das Dores pra não morrer de parto. Não sei se você sabe, mas quase me matou. Eu me encolhi e ela insistiu: - No medo da morte, **me agarrei com a santa** e fui atendida. (Título: A Muralha, de Dinah Silveira de Queiroz. Texto ficcional: PB)

(108) Contudo, Maria Júlia é teimosa, embora vá dizendo: « Estou com a corda na garganta. Ainda devo seis mil contos». E, como não desiste, acaba de se **agarrar a um novo " santo " : O Regime de Incentivos às Microempresas**. Vamos lá a ver se surge algum milagre. (Título: Moncorvo – Renasce a doce tradição da amendoa coberta. Texto jornalístico: PE)

4. Tomar atitude

(109) O Dr. Rodrigo, homem mais do espaço do que do tempo, **agarrou a vida a unha com coragem** e, certo ou errado (quem poderá dizer), fez alguma coisa com ela. E aqui estás tu a simplificar o problema, a olhar apenas um de seus múltiplos aspectos. Pensa bem no que vou te dizer. É um erro subordinar a existência à função. (Título: O Tempo e o Vento , de Eric Verissimo. Texto ficcional: PB)

(110) A trágica imagem de um país destruído física e mentalmente pela guerra junta-se a de um povo exangue e incapaz de **agarrar o seu destino**. Não há grande diferença entre viver no mato ou em Luanda, se se tiver em conta que Luanda não é apenas habitada pela « nomenklatura » local, seja política, militar, empresarial ou social. (Título: Uma tragédia imensa. Texto jornalístico: PE)

5. Adquirir hábito⁴⁰

(111) Então dobrou o braço para trás. Por uns tempos **agarrou o costume** de andar com o braço dobrado na bunda. As gêmeas de Pau Seco eram iguaisinhas, de mãos, braços, cara, sorriso.. mas não de almas. (Título: Suomi, de Paulo de Carvalho-Neto. Texto ficcional: PB)

(112) Eu não resisto, fds tem que ter pão de queijo, pão francês, um docinho. Se for tudo pesado e calculado, não tem problema. Num guento mais comer pão integral, **garrei um nojo**⁴¹.

(113) Ai, dra, eu "**garrei**" **uma birra** das vírgulas! É a coisa que mais me irrita, que mais me chama a atenção. Imagine meu sofrimento: tenho TOC e encasquei com elas. Então, virei uma caçadora de vírgulas⁴² ...

⁴⁰Os dados de (112) a (114) e de (117) a (119) foram coletados por meio do mecanismo de busca do Google.

⁴¹Retirado de <http://gordinhaserounaosereisaquestao.blogspot.com.br/2012/11/jacou-no-final-de-semana.html>.

⁴²Retirado de <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?na=4&nid=1651309-5754490706576566216-5754538139729688147&nst=15&tid=5754490706576566216&cmm=1651309&hl=pt-BR>.

(114) Menina! Um passeio com amigos num feriado, vira um rally gastronômico pra ninguém botar defeito! Caramba! Comi com os olhos e fiquei muito satisfeita (mentira, **garrei um ódio** desses potiguares! Rsrrsrs⁴³)

Nesses dados de construções transitivas não canônicas não é possível realizar uma leitura composicional, por isso, os significados de *acreditar perseverantemente em algo*, *aproveitar a chance*, *socorrer-se*, *tomar atitude* e *adquirir hábito* não podem ser vistos como acepções do verbo *agarrar*, mas sim da construção como um todo.

O que se vê nas construções transitivas não canônicas, é uma maior coesão entre o verbo *agarrar* e seus complementos, de modo que os significados descritos são resultado da interação dos significados dos itens lexicais com o significado da construção transitiva, e não mais uma acepção do verbo *agarrar*.

Goldberg (1995, p. 29) defende a necessidade de distinguir a semântica das construções dos verbos que as instanciam, pois assim é possível dar conta dos novos usos dos verbos em construções particulares. Nesse sentido, assumimos com Goldberg (1995) a assunção de que não é necessário estabelecer diferentes significados ao verbo, mas sim considerar que seu sentido básico de *prender com a garra*, se adéqua ao significado da construção transitiva por ser compatível com o significado dela.

Como se pode notar, os complementos verbais nos dados acima não representam objetos concretos dos quais se possa tomar posse fisicamente, portanto, da interação do sentido básico do *agarrar* ao sentido da construção transitiva, que codifica o evento causal prototípico, resulta o significado que codifica o movimento metafórico de trazer para si. Assim, a ação metafórica de agarrar a *esperança*, a *chance*, a *santa*, a *vida*, o *costume*, *nojo*, *birra* e *ódio* implica a mudança de lugar dos mesmos, de modo que essa mudança, de um “lugar” distante para próximo do sujeito, implica, também, uma mudança de estado desse sujeito.

Nos dados *agarrar-se à esperança* e *agarrava-se a esta ideia*, expressos em (103) e (104), cujo significado é *acreditar perseverantemente em algo*, os complementos *esperança* e *ideia*, são sensações aproximadas pelo sujeito por meio do ato metafórico de agarrá-los, assim, o sujeito que agarra a *esperança* e agarra a *ideia* acredita realmente na concretização de algo. A mudança de estado pode ser interpretada, nesses dados, de um estado de menos crença para um estado de mais crença.

⁴³Retirado de <http://www.destemperados.com.br/regiao/rn/294-bar-levanta-ate-defunto>.

Em *agarrava a chance*, ilustrado em (105) e em *agarrou a oportunidade*, ilustrado em (106), também se codifica o movimento metafórico de trazer para si, chance e oportunidade não devem ser desperdiçadas, mas sim agarradas, de modo a não perdê-las. Nesses casos, o sujeito passa de um estado de menos esperança para um estado com mais esperança, que é resultado do movimento de trazer a chance e a oportunidade para próximo de si.

Nos dados em (107) e (108), cujo significado é *socorrer-se*, a ação metafórica de agarrar a santa em (107) e o santo (Regime de Incentivos às Microempresas) em (108), trazendo-os para si, além de indicar a mudança metafórica de locação dos mesmos de um “lugar” distante para outro próximo do sujeito, causa sua mudança de estado, que passa de um estado de menos fé para um estado de mais fé.

Casos como esses também são representados pelos dados (115) e (116), abaixo, porém neles, uma leitura mais lexical seria possível se não fosse os contextos nos quais estão inseridos.

No primeiro, a construção *os tripulantes agarravam-se ao Bom Jesus dos Navegantes*, poderia ser interpretada de modo que os tripulantes do navio estivessem agarrando fisicamente uma escultura com a imagem do Bom Jesus dos Navegantes, contudo, o contexto no qual está inserido impede essa leitura mais lexical.

O mesmo ocorre no caso expresso em (116) *Rita de Cássia se agarrava com santo Agostinho*, no qual uma leitura mais lexical também seria possível, favorecendo a interpretação de que Rita de Cássia tivesse tomado posse da escultura com a imagem do Santo Agostinho. Porém, o contexto (a morte do marido, fato que a fez dedicar-se à penitência e à oração) impede essa interpretação, direcionando a compreensão de *agarrar ao santo* para o significado de *socorrer-se*, tanto em (115) e (116) quanto em (107) e (108).

(115) Gritos, lamentos, promessas. Pessoas de joelhos. A corte celeste em peso ia sendo invocada nas preces perturbadas. - Minha Nossa Senhora de Nazaré, valei-me! **Os tripulantes** mais identificados com o Flos Sanctorum aquático, **agarravam-se ao Bom Jesus dos Navegantes**, outros a S. Pedro, embora este apóstolo se limitasse, na sua passagem pela terra, às canoas de pesca, às redes de lancear, às singraduras lacustres. (Título: Os Igaraunas, de Raimundo de Moraes. Texto ficcional: PB)

(116) Difícil de aceitar e de entender esse episódio, para quem não tem fé. Mas a mãe piedosa prefere a morte do filho a vê-lo em pecado mortal. **Rita de Cássia** se fortaleceu com o exemplo de santa Mônica. Nos piores momentos de sua vida **se agarrava com santo Agostinho**. Depois que o marido carrasco morreu, ela viveu vinte e cinco anos consagrada à penitência e à oração. (Título: O braço direito, de Otto Lara Resende. Texto ficcional: PB)

Já os dados em (109) e (110), nos quais da interação dos itens lexicais com a construção emerge o significado de *tomar atitude, agarrar a vida e agarrar o destino* indicam que o movimento de trazê-los para próximo de si implica assumi-los, de um modo que o sujeito passa a ser responsável pelos rumos de sua vida e do seu destino. É nesse sentido que há aqui, além da mudança metafórica de locação dos complementos, a mudança de estado do sujeito.

Por fim, nos dados cujo significado é *adquirir hábito*, fica ainda mais evidente que da mudança metafórica de locação dos complementos do verbo *agarrar*, decorre a mudança de estado do sujeito. Porém, a mudança de um estado para outro no qual se adquire um costume, nojo, birra e ódio, independe do sujeito, ao passo que nas demais decorre da vontade do mesmo.

Vemos que nos dados de (103) a (110), o complemento é dotado de uma carga semântica positiva, de interesse do sujeito, de modo que *agarrar a esperança, a santa, o sonho* implica trazê-los para si, passando de um estado ruim para outro melhor. Nos dados de (112) a (114), no entanto, vemos o contrário, já que *agarrar nojo, birra e ódio*, implica trazer para si sentimentos de carga negativa, que não são de interesse do sujeito. Em (111), porém, *agarrar o costume* não tem carga positiva nem negativa, entretanto o ato de adquirir o costume também independe do sujeito, assim como nos demais, cujo significado é *adquirir hábito*.

Nesse sentido, entendemos que nas construções transitivas não canônicas o sujeito é experienciador, ou seja, não tem total controle sobre a ação.

A partir da observação das construções transitivas não canônicas, podemos concluir que, dentre os dados apresentados, os mais coesos são aqueles cujo significado é *adquirir hábito*. A sequência *agarrar o costume, agarrar um nojo, agarrar uma birra, agarrar um ódio*, parece ter, em qualquer contexto em que possa ocorrer, o mesmo significado, o que favorece sua classificação como construções idiomáticas, tal como conceituado por Croft (2001), que as define como:

expressões ling[u]ísticas que são sintaticamente e/ou semanticamente idiossincráticas em vários sentidos, são maiores que palavras, e além do mais não podem simplesmente ser acrescentadas ao léxico de uma língua sem alguns mecanismos especiais. (RODRIGUES, 2006, p. 158)

As construções idiomáticas são divididas em três tipos: o primeiro tipo corresponde às construções idiomáticas lexicalmente idiossincráticas, tal como *kith and kin*, ou, *sem eira bem beira* em português; que são “sintática e semanticamente irregulares, uma vez que a palavra

não familiar ou não usual não tem nenhum estatuto sintático ou semântico independente”; o segundo corresponde às construções idiomáticas que tem a sintaxe idiossincrática, tal como *all of a sudden* ou *in point of fact*, que em português é *de vez em quando*; e, por fim, o último tipo são as construções idiomáticas semanticamente idiossincráticas, como *tickle the ivories*, *chutar o balde* em português.

A partir da proposta de Croft (2001), talvez seja possível pensar que os casos ilustrados de (111) a (114), sejam construções idiomáticas do terceiro tipo, ou seja, semanticamente idiossincráticas, já que apresentam palavras e sintaxe familiares ao português, mas uma interpretação semântica mais particular.

Um exemplo de idiomatismo no português é a expressão *pegar barriga*, cujo significado é *engravidar*. Essa expressão configura-se como idiomática porque seu significado é o mesmo independentemente do contexto em que ocorra, pois já se cristalizou. Embora sintática e morfologicamente separada, a sequência verbo-nome apresenta um significado unitário. Além disso, seu grau de coesão é alto ao ponto de não ser possível, pelo menos aparentemente, a ocorrência de qualquer especificador para o complemento do verbo.

Nas construções transitivas não canônicas com o verbo *agarrar*, tais como as ilustradas em (112) *garrei um nojo*, (113) *garrei um ódio* e (114) *garrei uma birra*, mostra-se que, apesar de constituírem uma construção mais coesa, admitem-se especificadores introduzindo os complementos. Contudo, paralelamente a esse uso, existe outro, no qual não há a ocorrência de especificadores entre o verbo e complemento, conforme mostrado nos dados abaixo.

(117) A gente torce, a gente se empolga, e o time joga toscamente contra o Avaí quinta (sem contar a operação do juiz), além de não ter feito os gols, quando mais precisou contra os Bambis. **Garrei nojo** de blogs de futebol, **garrei NOJO**⁴⁴!

(118) Já **garrei birra** dessa loira do filme⁴⁵.

(119) Mas em compensação **garrei ódio** já por 3 tipos! E quando **garro ódio**, menina, é difícil me fazer mudar de opinião⁴⁶!

Casos como (117), (118) e (119) endossam a concepção de que construções desse tipo correspondam às construções idiomáticas tratadas por Croft (2001).

⁴⁴Retirado de <http://espacosrtaindependente1001.wordpress.com/category/geral-sobre-mim/>.

⁴⁵Retirado de <http://twitter.com/AVENAoficial/statuses/197141233230032896>.

⁴⁶Retirado de <http://bigviciobbb.blogspot.com.br/2011/01/garrei-odio.html>.

Outra via de análise desses casos é aquela proposta em Neves (2000), uma vez que o *agarrar* apresenta, em dados como os ilustrados de (117) a (119), algumas propriedades listadas pela linguista acerca dos verbos-suporte, como:

- i. forma “com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo na língua”;
- ii. funciona “como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado”;
- iii. “funciona, em outros contextos, como verbo pleno”;
- iv. “reduz a valência de um predicado, já que é mais fácil deixar de se exprimir o complemento de um nome do que o complemento de um verbo”;
- v. “o uso da construção sintática verbo-suporte + objeto permite obter-se maior adequação comunicativa”;
- vi. pode “configurar um aspecto verbal particular”.

Ainda segundo Neves (2000, p.55), os casos mais prototípicos são aqueles em que os verbos-suporte “têm como complemento um sintagma nominal não referencial”, ou seja, “um substantivo sem determinante”, tal como ilustrado de (117) a (119).

Tendo em vista essas propriedades, o verbo *agarrar*, em construções do tipo das descritas em 5. *Adquirir hábito*, também pode ser analisado como um verbo-suporte.

A possibilidade de considerar as construções do tipo *agarrar nojo* como construções idiomáticas segundo Croft (2001) e considerar que o verbo *agarrar*, nesse mesmo caso, é um verbo-suporte de acordo com as propriedades listadas por Neves (2000), evidencia a teoria dos protótipos, para a qual um elemento pode compartilhar propriedades com mais de uma categoria.

É interessante notar, ainda sobre as construções transitivas não canônicas do tipo *agarrar nojo*, que, embora sejam construções transitivas, codificam o início de uma ação, por isso, essas ocorrências parecem estar relacionadas às construções subordinadas devido ao aspecto inceptivo que codificam. Essa aproximação de sentidos é ainda marcada pela possibilidade do verbo *agarrar* poder figurar em ambas.

4.2. As construções paratáticas

As construções paratáticas com o verbo *agarrar*, cuja forma corresponde à configuração sintática [V1_{fin} (e) V2_{fin}], são construções do tipo:

(120) A gente aqui não usava isso, de pedra. Era um comedouro, tinha uma divisão ao meio, uma tábua: desta parte aqui era a água e daqui era o comer. E depois eles já começavam (...) a roer aquilo e a coisa, **a gente agarrava, fazia** em cimento, para eles beberem a água. (Título: Cordial: ALC30. Texto oral: PE)

Construções como essa foram identificadas em várias línguas, como no inglês com os trabalhos de Pullum (1990), Stefanowitsch (1999, 2000) e Hopper (2002); no espanhol com os trabalhos de Coseriu (1977) e Arnaiz e Camacho (1999); no português com os trabalhos de Tavares (2005), Pal (2005) e Rodrigues (2006, 2007, 2009) sobre a variedade brasileira e Merlan (1999) sobre a variedade europeia⁴⁷, além de algumas outras línguas da Europa. Coseriu (1977) sinaliza que apenas no francês, construções desse tipo não foram identificadas.

A quantidade, ainda que pequena, de pesquisas sobre essa construção resulta em conclusões diferentes acerca, principalmente, de sua categorização. Em alguns trabalhos, são consideradas Construções de Verbos Auxiliares (CVAs), em outros, Construções de Verbos Seriais (CVSs). Além dessas concepções, amplamente difundidas, há ainda outra, proposta por Rodrigues (2006) e assumida por nós, de que construções como *agarrava, fazia*, em (120), são construções de foco do português.

Tendo em vista os postulados de Goldberg (1995), faz-se necessário problematizar a questão tentando evidenciar, por meio de suas propriedades formais e funcionais, que a construção paratática é uma construção com forma e sentido próprios. Para isso, além de realizarmos a descrição e a análise das construções identificadas nos *corpora*, retomamos os trabalhos de Rodrigues (2006) e Merlan (1999), uma vez que tratam dessa construção no PB e no PE, respectivamente, discutindo inclusive sobre sua categorização.

Dentre as pesquisas que se dedicaram ao estudo das construções paratáticas no âmbito do PB, não há evidências de casos com o verbo *agarrar*. Pal (2005) e Tavares (2005), por exemplo, trataram, em seus trabalhos, especificamente das construções formadas pelo verbo *pegar*. Já Rodrigues (2006), embora não tenha sinalizado a ocorrência do *agarrar*, expandiu o leque de verbos que podem instanciar essa construção ao afirmar que podem ocupar a posição V1 os verbos *ir, chegar, pegar, vir e virar*, mas por uma decisão metodológica optou por analisar aquelas nas quais a posição V1 era ocupada pelos três primeiros.

⁴⁷Embora não especifique em qual variedade do Português se detém, Merlan (1999) informa que os exemplos apresentados em seu texto foram “construídos – espontaneamente ou a solicitação – por falantes nativos do português, de várias idades, nível social e cultural”, enquanto outros “foram recolhidos de duas colectâneas de contos populares portugueses.” Desse modo, seu trabalho parece estar direcionado a dados de construções paratáticas do PE, porém, vale ressaltar que a autora sinaliza alguns exemplos retirados de dicionários brasileiros.

No que se refere ao PB, portanto, encontramos referência ao *agarrar* em construções paratáticas apenas em estudos cujo foco não recai essencialmente sobre essas construções, como em Bechara (2006), em Travaglia (2003) e nos dicionários Aulete (1980), Aurélio (2010) e Houaiss (2004).

Bechara (2006, p. 217), a partir do que Eugenio Coseriu diz acerca das categorias tempo e aspecto, lembra o uso do verbo *agarrar* em casos como (121) *agarro e escrevo*, em que, segundo o autor, expressa-se a visão global, acentuando “o conjunto da ação”. Embora não afirme categoricamente que o *agarrar* nesse caso seja um verbo auxiliar, Bechara (2006, p. 218) deixa claro que casos como (121) e (122) *ele agarrou e foi-se embora*, chamados por ele de construções aditivas, são representativos da fase inceptiva, que “marca o ponto inicial da ação”.

Travaglia (2003), por sua vez, considera que o *agarrar*, em casos como (123), é um verbo serial, porém não aprofunda a discussão, pois seu objetivo nesse momento é fazer um levantamento dos verbos do português que estejam gramaticalizados ou em processo de gramaticalização.

(123) Aí ele **(a)garrou e começou** me xingar sem razão.

Vê-se, na proposta de Bechara (2006) e Travaglia (2003), portanto, a confirmação das diferentes conclusões acerca da classificação do V1, que ora é visto como um verbo auxiliar, ora como um verbo serial.

Ainda de acordo com a primeira concepção estão os dicionários Aulete (1980), Aurélio (2010) e Houaiss (2004) que lembram o uso do *agarrar* em casos como (124), (125) e (126), nos quais o verbo figura em construções paratáticas. Sobre esses dados, os dicionaristas apresentam em comum a informação de que o *agarrar* indica uma tomada de decisão súbita, assunção, portanto, que parece ir de acordo com a concepção de que o V1 seja um verbo auxiliar de aspecto inceptivo, tal como Bechara (2006).

(124) *Nisto ele **agarrou e retirou-se**.*

(125) ***Agarrou e partiu**.*

(126) ***Agarrou e foi embora**.*⁴⁸

⁴⁸A partir de casos como os ilustrados em (124), (125) e (126), em que o verbo *agarrar* figura em construções paratáticas, os dicionaristas ainda afirmam que se trata de usos próprios do português do Brasil. Luft (1997), por sua vez, caracteriza casos assim como um uso popular, mas não faz referência à variedade do português tal como os demais.

Contudo, conforme mostramos adiante, as construções paratáticas apresentam “propriedades sintáticas que extrapolam os limites da auxiliarização” (RODRIGUES, 2006, p. 20) e, além disso, não detêm as funções lexicais nem gramaticais próprias das CVSs, o que as impede de serem tratadas como instanciações tanto das Construções de Verbos Auxiliares (CVAs) quanto das Construções de Verbos Seriais (CVSs)⁴⁹. Ademais, discutimos a pertinência de se assumir uma interpretação aspectual dessas construções, uma vez que apresentamos argumentos de que as construções paratáticas possuem uma função focal.

Apesar da ressalva de Bechara (2006), Travaglia (2003), Aulete (1980), Aurélio (2010) e Houaiss (2004) sobre a ocorrência do verbo *agarrar* em construções paratáticas do português brasileiro, a quantidade de ocorrências identificadas nos *corpora* desse trabalho foi restrita. Em PB, identificamos, dentre os dados coletados para esse estudo, uma única ocorrência, retirada do *corpus* de Silva (2005) e ilustrada em (127).

Nessa ocorrência, o informante relata a venda de um pedaço de terra que havia comprado. Diz que devido a problemas para estabelecer a divisa entre sua terra e a do outro comprador, preferiu vendê-la, já que por ser pobre, não poderia medir forças contra o vizinho rico.

(127) Inf. É... mais aí num... na lei aí... não achei froxo qu/ele não... que todo lugar qu/ele ia... qu/eu ia tava conversado... qu/ele era rico né... e eu era pobre aí **eu garrei vendi lá**... vendi lá e mudei pra/qui... eu já tinha casado... já tava... já tinha meus fii... já foi em sessen... sessenta e três qu/eu vendi... aí comprei outro terreno lá no cavalo quemado... mais naquele tempo era custoso demais meu sogro mudô pra lá era difíci da gente::: transitá NE? (Inquérito nº 12)

Apesar de ser apenas um dado, essa ocorrência evidencia a possibilidade de uso do verbo *agarrar* em construções paratáticas numa variedade regional do PB, ampliando, desse modo, o leque de verbos que podem instanciá-las. Além disso, mostra que o verbo pode ser usado na forma *garrar*, própria do uso oral da língua.

Dentre os estudos linguísticos que se dedicaram especialmente às construções paratáticas, apenas em Merlan (1999), no que se refere ao PE, encontramos referência a esse verbo, e também a outros, conforme mostrado na citação abaixo, retirada de seu texto.

⁴⁹Conforme mostramos adiante, as construções paratáticas e as Construções de verbos seriais (CVSs) compartilham várias propriedades, desse modo, elas ocupam posições muito próximas no *continuum* proposto por linguistas como Lehmann (1988) e Croft (2001), uma vez que ambas constituem construções intermediárias entre a coordenação e a subordinação.

Tais perífrases [...] contêm na primeira posição quer um verbo de ‘movimento’ do tipo <<ir>>, <<saltar>>, <<vir>>, <<chegar>>, <<andar>>, quer um verbo designando ‘apropriação’, ‘assenhoreamento’, do tipo <<pegar>>, <<tomar>>, <<agarrar>> (MERLAN, 1999, p. 159, grifo nosso)

Embora assinala a ocorrência de todos esses verbos nas “perífrases paratáticas⁵⁰”, seu recorte metodológico recai sobre o verbo *pegar*, mas, no decorrer de todo o texto, a autora indica também os usos de *agarrar*, como ilustrado em (128):

(128) **Agarrei e contei-lhe tudo.**

Contudo, mesmo no PE, variedade do português em que foram identificadas mais ocorrências, as construções paratáticas com *agarrar* parecem ocorrer em menor número do que as com *pegar* e *ir*. Merlan (1999) não faz referência quantitativa aos dados, mas no trabalho realizado por Coelho (2010), enquanto as construções paratáticas do PE formadas pelo verbo *ir* representam 65,3% dos casos, os dados com *agarrar* constituem 6,9% das ocorrências apenas.

Embora pouco frequente, é uma construção do português com forma e sentido específicos e, por isso, deve ser descrita e analisada, já que nem sempre a quantidade de dados é fundamental, especialmente quando o objetivo é identificar *types* construcionais.

No que tange às propriedades formais, as construções paratáticas com o verbo *agarrar* são formadas por, no mínimo, dois verbos, chamados V1 e V2, que partilham o mesmo sujeito, cujos traços são [+ animado] e [+ agente]; e, majoritariamente, as mesmas flexões modo-temporais e número-pessoais. Além disso, os verbos podem estar conectados pela conjunção *e* ou justapostos, por isso as construções paratáticas com o verbo *agarrar* são subdivididas, tal como em Rodrigues (2006), em tipo 1 [+ CONJ.] e tipo 2 [- CONJ.], respectivamente, ilustradas em (129) e (130).

Em (129), temos uma construção de tipo 1, uma vez que os verbos são conectados pela conjunção *e*. Nesse dado, um senhor conta que, quando criança, sua mãe havia lhe preparado uma calça feita de linho para que ele pudesse sair em companhia da vizinha, porém, diz que esse tecido incomodava-o demais e, por isso, voltou para casa.

⁵⁰A autora se refere, em grande parte de seu texto, às construções aqui chamadas paratáticas, como *perífrases paratáticas*, uma vez que esse é o termo mais recorrente nos estudos que tratam dessa construção, entretanto, propõe, em substituição à *perífrase*, o termo *estruturas paratáticas*, por lhe parecer mais apropriado.

Já (130) representa uma construção de tipo 2, na qual os verbos estão justapostos. Nesse caso, um senhor relata suas pescarias em alto mar.

(129) INF2 E havia outra, que está lá em baixo agora a mãe - até coitada não está muito bem - , chamam-lhe Ana. E aquela (..) mandava-me assim duma certa maneira; e eu começava logo a mandar vir com ela e não ia. Mas um dia fui então. E a minha mãe falecida preparou-me as tais calças. Mas o raio das calças, aquilo picava-me como tudo!

INF1 (..)

INF2 E **eu agarrei e vim** de lá.. E que é que eu fiz? Dei-lhe umas facadas às calças; e atirei com elas trás do arcaz⁵¹, como se dizia naquele tempo. Agora é uma caixa, mas era o arcaz. (Título: Cordial: CTL06. Texto oral: PE)

(130) Olhe lá, como é que **a gente**, por exemplo, **agarra, pesca** uma pescada, e tem, e tem lá uma coisa na barriga, que a gente vê que é fêmea. Como é que a gente, o que é que a gente lhe chama àquilo que lá está dentro da barriga? (Título: Cordial: CLC08. Texto oral: PE)

A ocorrência de dois tipos de construções paratáticas não parece indicar tipos diferentes de construções, portanto, admitimos que as de tipo 1 e 2 constituem um único grupo de construções. Contudo, assumimos que elas poderiam ser dispostas num *continuum* de gramaticalização, no qual “as de tipo 2 já estariam num estágio mais avançado de mudança” e de coesão. (RODRIGUES, 2006, p. 54)

Alguns autores defendem a ideia de que a presença e a ausência da conjunção delimitam a existência de tipos diferentes de construções. Pullum (1990), por exemplo, difere as construções *go get* de *go & get* por considerá-las funcionalmente diferentes. Porém, não vemos, entre os dados (129) e (130), por exemplo, nenhuma diferença em relação a sua função, que, conforme defendemos, é a de focalizar os eventos descritos pelo segundo verbo – V2. Vemos, apenas, que a relação entre os verbos nas construções de tipo 1 é explícita (dado 129), uma vez que nelas figura a conjunção *e* interligando-os, porém nas construções de tipo 2 (dado 130), embora não haja essa relação explícita entre os verbos devido à ausência da conjunção, ela existe, pois os verbos, tal como nas construções de tipo 1, constituem uma unidade semântica. Na construção *a gente agarra, pesca*, por exemplo, ilustrada em (130), o sujeito, embora correferencial aos dois verbos, não tem a ação de agarrar um objeto e depois pescar, apenas a segunda ação é efetivada. O mesmo ocorre em (129), dado no qual apenas a ação de voltar para casa é concretizada.

É nesse sentido que V1 e V2 constituem uma unidade semântica, pois, apesar de estarem morfologicamente separados, apenas um evento, sempre descrito pelo segundo verbo,

⁵¹Arcaz = Móvel em forma de mostrador com gavetões. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>)

é codificado. Desse modo, o V1, no contexto das construções paratáticas, não exerce a função de verbo lexical pleno, ele perde sua autonomia sintático-semântica devido à dessemantização e à decategorização, estágios iniciais do processo de gramaticalização, e passa a constituir, com o V2, uma unidade de forma e sentido utilizada em situações discursivo-pragmáticas específicas.

Por meio da dessemantização, o verbo *agarrar* tem alterados os traços semânticos característicos de seu uso lexical e adquire um valor mais abstrato, de modo que não é possível recuperar a informação do que foi agarrado, por essa razão, nas construções paratáticas, ele não pode ser interpretado a partir de seu significado básico de *prender com a garra*, tal como é interpretado nas construções transitivas canônicas.

Já por meio da decategorização, o verbo *agarrar*, que é geralmente usado como verbo pleno seguido de complemento, não assume essa função, ele tem seu status gramatical alterado, uma vez que perde as marcas morfossintáticas características de seu uso como verbo pleno. Com isso, deixa de subcategorizar complemento e passa a oferecer restrição à negação. Nesse caso, o morfema de negação só pode preceder o V2, porém, ainda assim, seu escopo recai em toda a construção:

(131) O madeirense emigrava para o novo mundo (América, África, Austrália) e fazia o raciocínio: " eu vou para um lugar onde um dia possa ser patrão e não para continuar a ser empregado dos outros ". Isto fez com que muita gente **se agarrasse e não tivesse** uma filosofia de regresso. (Título: Alberto Joao Jardim. Texto oral: PE)

Rodrigues (2006) já havia sinalizado essa restrição, mostrando que o morfema *não* aparece anteposto ao V2, porém, mostra que em alguns casos, como o apresentado em (132):

(132) F – Olha! Eu vou dizer que, para mim, [eu]- eu acho que não existe, porque eu nunca tive isso aí, eu joguei vinte anos, nunca <v-> - nunca foi <n-> nunca teve ninguém aqui na minha casa, nem nunca veio conversar comigo- talvez, tenha sido também pelo meu caráter! Bem entendido: também **não vou chegar e dizer** [que]- que tem ou que não tem. não, eu então prefiro acreditar que não tenha. (Rodrigues, 2006)

o morfema de negação precede o V1. Sobre isso diz que “o fato de V1 raramente ser precedido por negação diz respeito mais a questões de ordem semântica do que formal⁵².” (2006, p. 89) A ocorrência da negação adjacente ao V1, talvez, forçaria uma interpretação

⁵²Nos dados deste trabalho, não foram identificados casos como (132).

lexical do verbo. Como exemplo disso a autora apresenta o dado abaixo, considerado inaceitável:

(133) *Eu **não peguei e comprei** um carro.

Ainda sobre as propriedades morfosintáticas das construções paratáticas com o verbo *agarrar*, dissemos, com base nos dados, que o sujeito é sempre [+ animado] e [+ agente] tanto em PB quanto em PE.

Entretanto, vale ressaltar que a ocorrência de sujeito [- animado] em construções paratáticas com outros verbos é possível. Para o PB, Rodrigues (2006) sinaliza que essa parece ser uma particularidade dos verbos *ir* e *chegar*, já que em sua pesquisa não houve nenhuma ocorrência desse tipo nas construções paratáticas com o verbo *pegar*. Contudo, o número de ocorrências com sujeito [- animado] representa, num *corpus* de 393 dados, apenas quatro ocorrências.

Consoante aos resultados para o PB, em Coelho (2010) mostra-se que as construções paratáticas com *ir* e *chegar* no PE também podem apresentar sujeitos [- animados], conforme ilustrado em (134) e (135), entretanto, vale ressaltar que PCP é utilizado metonicamente para se referir aos participantes do partido político, que são [+ animados].

(134) Entre Cila e Caribdis, porventura com uns tantos abalos periódicos em o seguimento de cada novo sobressalto eleitoral, o PCP **vai continua** a caminhar conformadamente para uma inexorável marginalização política, reduzido a grandiloquentes exaltações políticas e cada vez mais mesquinho número de seguidores. (Título: Publico:6312:sec:soc. Texto jornalístico: PE)

(135) Essa imagem atravessa o silêncio de muitos anos, dez, vinte, trinta anos, depois, o carro, que sempre se desloca sobre essa película fina, **chega e pára**, envolto em silêncio. (Título: O vale da paixão, de Lídia Jorge. Texto ficcional: PE)

Além de sujeitos [- animados], Coelho (2010) mostra que as construções paratáticas também podem apresentar sujeitos que detenham o traço [- agente], conforme o dado ilustrado (136), ocorrência em que o falante relata a morte de sua cabra, que é uma ação não volicional.

(136) E depois ainda mercámos uma borreca (borrega, quer ela dizer). Uma borreca dá mais jeito qu' a uma vaca, come menos, pois. Mas saiba vossemecê que tivemos pouca sorte. Já estava tão bonita e prenha e tudo, **vai e morre**. Uma coisa que a gente não esperava. (Título: O Pouco e o Muito: Crónica Urbana, de Irene Lisboa. Texto ficcional: PE)

Contrário a isso, as construções paratáticas com *pegar* e *agarrar* parecem oferecer restrições a sujeitos com tais propriedades. Quando usados em seus sentidos lexicais de *segurar*, *prender com a garra*, esses verbos ocorrem apenas com sujeitos animados e agentes. Essa propriedade parece se manter nas construções paratáticas com *pegar* e *agarrar* e, por isso, aparecem apenas com sujeitos com os traços [+ animado] e [+ agente], como em (137) e (138).

(137) E disseram-lhe: " Olha, (..) só quebrando-lhe o encanto, só fazendo-lhe sangue " Mas quem é que lhe ia fazer o sangue? Ela **pegou** , **arranjou** essa silva - chama-se a (..) silva-macha. (Título: Cordial PFT25. Texto oral: PE)

(138) Os pãezinhos, é. E põe-se no estrado - são umas tábuas, o estrado -, põe-se lá roupa debaixo, põe-se um lençol em cima para pôr lá o pão. Faz-se assim umas conchinhas.. Por exemplo, (..) este é o lençol e eu agora **agarro**, (..) **ponho** aqui um pão, depois faço outra conchinha, ponho aqui outro, em cima do lençol. (Título: Cordial: OUT24. Texto oral: PE)

Até aqui foram apresentados dados com construções paratáticas nas quais os verbos, V1 e V2, são correferenciais quanto às flexões, porém, há, também, casos em que isso não ocorre.

Nas construções paratáticas do PB descritas por Rodrigues (2006), os verbos V1 e V2 sempre partilham as flexões modo-temporais e número-pessoais. O único dado de construção paratática no PB com o verbo *agarrar* identificado no *corpus* de análise desse trabalho e apresentado em (127) *garrei vendi* corrobora essa propriedade. Já nas construções paratáticas do PE, Coelho (2010) mostra que, embora apresentem essa propriedade na maioria dos dados, é possível que os verbos V1 e V2 não compartilhem a flexão de tempo.

No que tange às construções paratáticas com o verbo *agarrar* especificamente, identificamos, nos nossos *corpora*, uma única ocorrência desse tipo, apresentada em (139), em que os verbos *agarrar* e *dizer* compartilham as flexões de modo (indicativo), número (singular) e pessoa (1ª), mas não a de tempo, o primeiro está no pretérito perfeito e o segundo no presente.

(139) Fiquei só com um conto de réis, agarrei em sete contos e dei-lhos. Ela não queria pegar mas eu meti-lho na mão e disse: " Olhe, isto é para o almoço. Para o jantar ainda cá estou. Isto é só para o almoço ". Naquele tempo, era muito dinheiro! INQ1 Pois. INQ2 Pois. INF **Agarrei e digo** assim: " Olhe, isto é para o almoço, que para o jantar ainda eu cá estou ". (Título: Cordial: COV12. Texto oral: PE)

Rodrigues e Coelho (2012) mostram que falantes nativos do PE, quando questionados acerca da interpretação semântica de casos como esses, “têm dificuldade de aceitá-las como gramaticais. Todavia, alguns [...] afirmaram que nos casos em que V1 está no pretérito perfeito a ênfase sobre a ação expressa em V2 é mais forte.”

Em Coelho (2010), mostra-se que a não correferencialidade de flexões dos verbos também pode ocorrer quando o V1 está no presente do indicativo, porém, os dados são de construções paratáticas com o verbo *ir*:

(140) E depois ela foi e ele foi (..) Foi mais eu (..) ao outro dia da feira, não me disse nada e eu também nada lhe perguntei. E ele **vai, chegou** à mãe.. A minha mulher chegou lá com as vacas e com o carro para trazer o estrume. (Título: Cordial: COV02. Texto oral: PE)

Merlan (1999) também ressalta a possibilidade dos verbos ocorrerem em tempos, mas também em modos diferentes. Porém, os exemplos que apresenta são enunciados com a passiva resultativa (*ter + objeto direto + particípio passado acordado em gênero e número com o objeto direto*) e não construções paratáticas prototípicas tal como mostrado nesse trabalho. Esse caso é ilustrado pela autora com o exemplo a seguir, o qual mostra que quando os verbos *pegar/agarrar* estão no pretérito perfeito simples, o V2 pode estar no pretérito imperfeito:

(141) **Peguei/agarrei** e às cinco/numa hora [**tinha** o trabalho feito].

A autora chama dessimetria os casos em que o primeiro e o segundo verbo estão em tempos diferentes, mas esclarece que isso “reflete a sucessividade lógica dos fatos, o resultado da ação [...] não pode senão surgir certos momentos depois do impulso”. (MERLAN, 1999, p. 184)

Quanto a não correferencialidade do modo verbal, Merlan ilustra essa possibilidade citando apenas o verbo *pegar*, o verbo *agarrar*, portanto, parece não ocorrer nesse contexto. Sobre essa possibilidade, diz que o primeiro verbo pode estar no indicativo e o segundo no condicional, apresentando como exemplo o enunciado em (142)⁵³.

(142) **Peguei** e, se não tivesse entrado o Victor, **ter-lhe-ia** dado uma bofetada.

⁵³Apesar de sinalizar a possibilidade dos verbos não compartilharem o mesmo modo, é importante salientar que, nos nossos *corpora*, não identificamos ocorrências desse tipo. Apenas encontramos evidências de falta de correferencialidade no que diz respeito à flexão de tempo, conforme mostramos com o dado (139).

Nas palavras de Merlan (1999), “[...] o indicativo aponta para uma situação real, que se efetivou (*peguei*), enquanto o condicional aponta para uma situação irreal, que esteve para se efetivar, mas acabou por não o ser (*ter-lhe-ia*).”

Parece-nos ser um problema no texto de Merlan (1999) estabelecer uma relação de equidade entre as construções paratáticas e os enunciados com a passiva resultativa, uma vez que são construções sintaticamente diferentes. Porém, ainda assim, as reflexões que realiza acerca da não correferencialidade de flexões de tempo e modo parecem-nos válidas para explicar os dados que apresenta.

Coelho (2010) mostra que a não correferencialidade de flexões em PE não é uma particularidade das construções paratáticas, uma vez que foi identificado um caso de construção coordenada, na qual também não há correferencialidade de flexão de tempo, como mostrado em (143).

(143) Ora, (..) tinha a colcha e o guardanapo, veio uma senhora e disse: " Olhe, venho aqui (..) ver se nos quer dar alguma coisa para a capela, porque vai-se fazer a romagem, vai-se levar areia e tudo ". E eu **vou àquela mala e dei o guardanapo**. Ora, uma rapariga que já andava para casar, que tinha uma colcha! INQ1 Pois é! INF Mas dei o guardanapo a Nossa Senhora, graças a Deus! (Título: Cordial: PST10. Texto oral: PE)

Segundo Rodrigues e Coelho (2012):

Uma interpretação possível para a falta de correferencialidade de tempo entre os verbos da construção coordenada [...] pode ser a de que, ao atualizar o primeiro verbo (*vou*) no presente do indicativo e o segundo verbo (*dei*) no pretérito perfeito, o locutor pretende orientar a interpretação do seu interlocutor, indicando que a mala citada, da qual foi retirado o guardanapo doado à romagem, estava próxima a eles naquele momento da interação discursiva e que a ação de dar o guardanapo foi realizada no passado. (RODRIGUES e COELHO, 2012)

Além desse caso, identificamos outro, dessa vez com o verbo *agarrar*, como podemos ver em (144). Essa ocorrência mostra uma situação inversa à vista em (143), já que nele o V1 (agarrar) é que se encontra no pretérito perfeito enquanto o V2 (aponta) aparece no presente, no entanto, a mesma reflexão elaborada para (143), no que tange a não correferencialidade verbal, é válida também para (144). Ao atualizar os verbos em tempos diferentes o falante parece ter a intenção de orientar a interpretação do seu ouvinte. Por se tratar de um texto jornalístico, pensamos que, talvez, a repórter, ao narrar os fatos, se refira a eles no passado por

já terem ocorrido, mas que por presenciar, pessoalmente, a ação da guarda apontar a arma ao povo no momento em que narra o fato, tenha atualizado o verbo no presente.

(144) Os ânimos aqueceram, o povo começou aos gritos contra a Polícia, acusando os agentes de « mentirem às pessoas», até que **uma guarda agarrou na sua arma e aponta-a** directamente para as pessoas que mais revoltadas ficaram. (Título: Crime de Ourém: Policia puxa de pistola para suster o povo. Texto jornalístico. PE)

Essas ocorrências são uma evidência da relação entre as construções paratáticas e as construções coordenadas, tal como proposto por Rodrigues (2006, p. 54, 63), além de revelar uma particularidade do PE, que não se restringe ao grupo das construções paratáticas.

Tendo em vista essa discussão acerca da construção coordenada, a não correferencialidade de flexões entre os verbos da construção paratática parece indicar uma estratégia comunicativa por meio da qual o falante pretende esclarecer os fatos narrados, situando-os no tempo tal como ocorreram, o que vai de acordo com a reflexão de Merlan (1999) sobre casos assim.

Apresentadas as propriedades das construções paratáticas com o *agarrar*, vamos agora discutir sua categorização.

Como dissemos anteriormente, as opiniões acerca do papel desempenhado pelos verbos que ocupam a posição V1 nas construções paratáticas são diversas. Alguns estudiosos consideram-nos verbos auxiliares, outros os classificam como verbos seriais. Ao contrário disso, assumimos que as construções paratáticas, embora apresentem propriedades em comum com as Construções de Verbos Auxiliares (CVAs) e com as Construções de Verbos Seriais (CVSs), devem ser tratadas como uma construção independente, com propriedades formais e função próprias, tal como mostrado quando as descrevemos. São, a nosso ver, uma construção de foco do português, o V1, desse modo, assume a função gramatical de marcador de foco, e não de verbo auxiliar ou serial.

Rodrigues (2006), ao discutir sobre o estatuto categorial das paratáticas do PB, empreendeu uma análise contrastiva entre essas três construções e incluiu, nessa análise, as construções coordenadas, já que defende que as paratáticas são resultado de um processo de gramaticalização, cuja origem é a coordenação.

As paratáticas e as coordenadas, embora constituídas por uma sequência de dois ou mais verbos flexionados, conectados pela conjunção *e* ou justapostos, apresentam algumas diferenças importantes que as distinguem:

- a) “as construções coordenadas podem ou não partilhar o mesmo sujeito”;
- b) “os verbos das orações coordenadas em português não precisam partilhar a mesma flexão, embora algumas vezes isso aconteça”;
- c) “nas orações coordenadas, os verbos podem ser negados separadamente ou não”;
- d) “na coordenação, cada cláusula representa um evento distinto”.

Dentre as propriedades descritas, a propriedade de, na coordenação, cada cláusula representar um evento distinto é “uma característica decisiva para distinguir as [construções paratáticas] das orações coordenadas”. (RODRIGUES, 2006, p. 125)

É necessário, contudo, fazer uma ressalva sobre a propriedade descrita em b). Nos dados do PB, os verbos das construções paratáticas sempre compartilham as mesmas flexões, propriedade que diferencia essa construção da coordenada, contudo, em PE, mostramos com o dado ilustrado em (139), que os verbos V1 e V2 podem não compartilhar flexões, especialmente a de tempo. Desse modo, as construções paratáticas do PE parecem estar ainda mais próximas da coordenação do que se pode ver em PB. Os exemplos de construções coordenadas que apresentamos em (143) e (144) evidenciam a relação entre essa construção e a paratática, fundamentando, inclusive, a hipótese de Rodrigues (2006) de que a origem das paratáticas seja a coordenação.

A fim de ilustrar a relação entre essas construções, Rodrigues (2009, p. 277) sugere, a partir de dados sincrônicos, o *continuum* abaixo, em que mostra uma trajetória possível para as construções paratáticas, a partir das coordenadas.

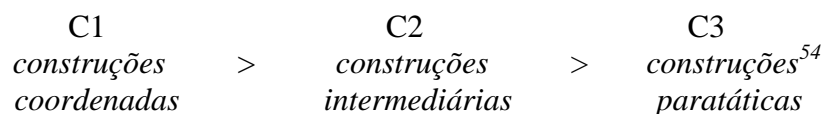


Figura 2 - Trajetória de mudança para as construções paratáticas.

O mesmo *continuum* proposto para o PB pode ser pensado para as construções paratáticas do PE. Na construção 1 (C1), uma construção coordenada prototípica, os verbos são verbos lexicais plenos, como em (145).

(145) Uma gota de azeite escorreu por uma lucerna, hesitou, alongou-se, tombou no pavimento. Mara **agarrou no pão e fê-lo rodar** entre as palmas das mãos, vigorosamente, até

⁵⁴No texto de 2009, a autora utiliza a sigla CFF para “construções do tipo foi fez”, nomenclatura adotada pela autora para tratar das construções paratáticas em PB.

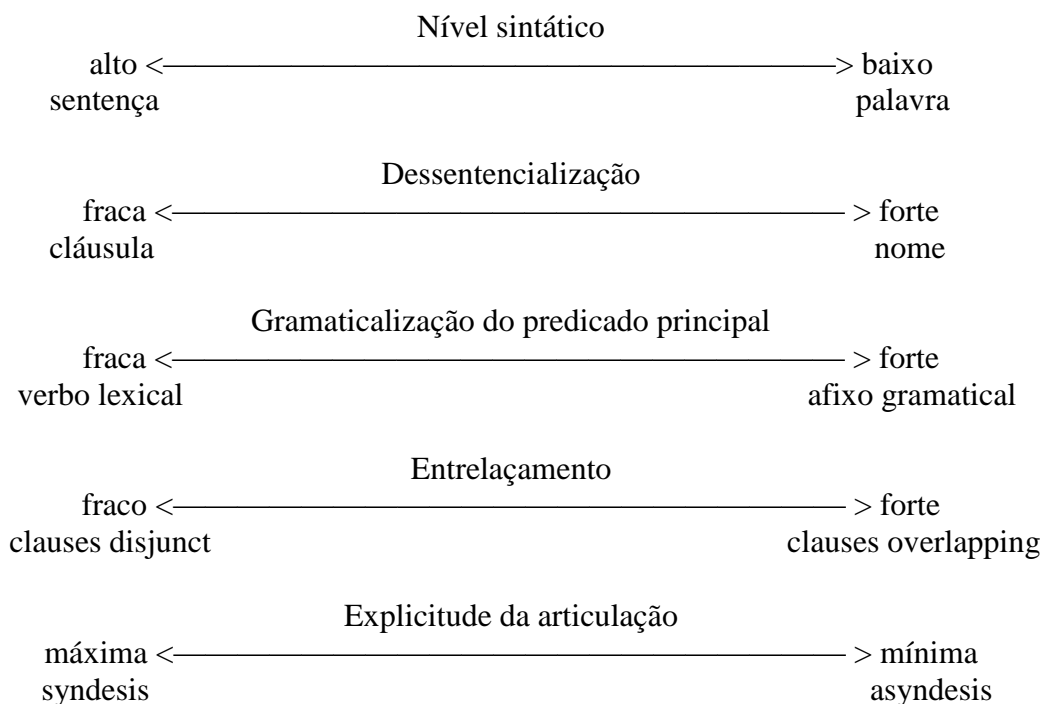


Figura 3 - *Continuum* de articulação de cláusulas segundo Lehmann (1988, p. 217).

No tópico destinado a tratar dos aspectos da gramaticalização, dissemos que, para Heine (1993), o desenvolvimento de uma forma gramatical passa por três estágios.

O primeiro estágio refere-se ao momento em que uma expressão linguística é recrutada para o processo de gramaticalização. Partindo disso, e do princípio de que as formas gramaticais se desenvolvem a partir de formas lexicais é que se torna possível pensar que o verbo *agarrar* enquanto verbo pleno, em casos como (145), representativo de uma construção coordenada, tenha sido recrutado para a gramaticalização; no segundo estágio, em que, segundo Heine, a expressão linguística adquire um novo uso que coexiste com o primeiro, estão os casos como (146), um caso ainda ambíguo, em que o verbo não é nem totalmente lexical, nem totalmente gramatical; no terceiro estágio, temos as construções paratáticas, em que não é mais possível interpretar o V1 como um verbo pleno.

Heine (1993) postula ainda que no estágio 3, a forma-fonte se perde, de modo que apenas a forma-alvo se mantém, contudo, os dados (145), (146) e (129), mostram o contrário, já que as construções, representativas de cada estágio, coexistem sincronicamente.

Além de mostrar as propriedades das construções coordenadas que não são compatíveis com as das construções paratáticas, a autora faz o mesmo com as CVAs e com as CVSs.

Além dos trabalhos de Bechara (2006), Aulete (1980), Aurélio (2010) e Houaiss (2004) que tratam o V1 como verbo auxiliar, há ainda, no PB, o trabalho de Tavares (2005). A autora investiga diferentes construções com o verbo *pegar*, entre elas, as construções paratáticas. Do seu ponto de vista, os verbos que figuram na posição V1 em construções desse tipo são auxiliares de aspecto, entretanto, segundo Rodrigues (2006, p. 20), o “V1 nas [construções paratáticas] apresenta algumas propriedades sintáticas que extrapolam os limites da auxiliarização e não deve, portanto, ser analisado como um verbo auxiliar”.

As construções paratáticas e as CVAs, portanto, detêm propriedades divergentes, propriedades que impedem que as paratáticas sejam interpretadas, por exemplo, como um membro menos prototípico das auxiliares, a saber:

- a) as construções de verbo auxiliar em português podem exprimir tempo, modo e aspecto, propriedade que não é válida para as construções paratáticas;
- b) nas construções de verbo auxiliar é o auxiliar que detém as marcas flexionais de tempo, modo, número, pessoa e aspecto, o mesmo não ocorre com o V1 nas paratáticas;
- c) nas construções de verbo auxiliar, o morfema de negação antepõe o verbo auxiliar, enquanto nas paratáticas ele precede o V2;
- d) nas construções de verbo auxiliar, o V2 aparece nas formas nominais, enquanto nas paratáticas V1 e V2 compartilham as flexões modo-temporais e número-pessoais.

Merlan (1999) também se detém à questão que envolve a funcionalidade das construções paratáticas discutindo sobre seu valor e sobre o papel desempenhado pelo primeiro verbo.

A autora diz que dentre os trabalhos realizados com o objetivo de investigar essas construções nas línguas românicas, em muitos, o primeiro verbo - V1 - foi tratado como um auxiliar de aspecto ingressivo (CUERVO, 1983; SANDFELD, 1930; REICHENKRON, 1963; e PUSCARIU, 1937, *apud* MERLAN, 1999), sendo essa, segundo a autora, a interpretação com mais adeptos. Desse ponto de vista, as construções paratáticas são, de acordo com esses autores, perífrases aspectuais que expressam o começo da ação, sendo essa codificada pelo segundo verbo – V2.

Todavia, dados como o ilustrado em (136), recuperado abaixo, são uma contraevidência de que o V1 seja um verbo auxiliar de aspecto ingressivo, já que a construção *vai e morre* não indica o início da ação de morrer, pois esse é um evento pontual, não um processo.

(136) E depois ainda mercámos uma borreca (borrega, quer ela dizer). Uma borreca dá mais jeito qu' a uma vaca, come menos, pois. Mas saiba vossemecê que tivemos pouca sorte. Já estava tão bonita e prenha e tudo, **vai e morre**. Uma coisa que a gente não esperava. (Título: O Pouco e o Muito: Crónica Urbana, de Irene Lisboa. Texto ficcional: PE)

Devido a pouca quantidade de construções paratáticas com *agarrar*, partimos de dados como (136), formados por outros verbos, a fim de fundamentar nossas reflexões acerca dessa construção no PB e no PE.

Ainda há, segundo Merlan (1999), uma segunda interpretação, proposta por Keniston (1936) e Kany (1951), que defendem, igualmente àqueles, que as construções paratáticas, consideradas por eles perífrases, têm um valor aspectual, entretanto, eles propõem que, dentro da categoria aspecto, essas “perífrases” expressam a globalidade da ação, assim, a ação indicada pelo segundo verbo é vista como um todo. Na mesma perspectiva, mas décadas mais tarde, Dietrich (1983), propõe, baseando-se em Keniston e Coseriu, que elas expressam a *visão global*, ou ainda globalizadora - para utilizar os termos do autor.

Apesar de ser essa a concepção mais difundida, reafirmamos que a relação entre V1 e V2 não é de auxiliaridade, mas sim de parataxe. Desse modo, o V1 não pode ser considerado um verbo auxiliar, principalmente tendo em vista as propriedades das CVAs acima descritas, que as distinguem das construções paratáticas.

Merlan (1999), da mesma forma que nós, recusa a concepção de que os verbos que ocorrem nas construções paratáticas sejam auxiliares de aspecto, por isso, para ela, a concepção de que as estruturas em que ambos os verbos compartilham o mesmo tempo, modo, número e pessoa sejam consideradas perífrases é equivocada, por isso sugere o termo estruturas paratáticas ao se referir a esses casos. Nós, por outro lado, tomamos o termo construção como mais adequado tendo em vista a perspectiva teórica que assumimos para esse trabalho (Goldberg, 1995, 2006).

Rodrigues (2006) ainda descreve as propriedades comuns entre as construções paratáticas e as com verbos seriais, que são as seguintes:

- a) “a construção possui mais de um verbo flexionado”;
- b) “não há contraste entre as flexões verbais desses verbos (por exemplo, para as categorias como tempo, modo, aspecto, pessoa/número do sujeito ou agente (e algumas vezes outros papéis semânticos ou gramaticais) e negação)”;
- c) “o morfema de negação incide apenas sobre um dos verbos, mas tem escopo sobre toda a construção”;

- d) “há compartilhamento de argumento externo sujeito”;
- e) “a construção descreve apenas um evento”;
- f) “alguns tipos apresentam uma conjunção coordenada ligando V1 e V2”.

Porém, ainda que compartilhem essas propriedades, as construções paratáticas não exibem as funções lexicais (lexicalização) nem gramaticais tradicionalmente atribuídas aos verbos em gramaticalização ou às CVSs (marcação de caso, tempo ou aspecto, evidencialidade). (RODRIGUES, 2006, p. 147) Além disso, casos de construções paratáticas como aquele que mostramos em (139), em que V1 e V2 não compartilham a flexão de tempo, são mais uma evidência de que elas não podem ser tratadas como CVSs, uma vez que contraria a propriedade descrita em (b).

Tendo em vista as propriedades das construções coordenadas, das CVAs e das CVSs, as paratáticas não podem ser consideradas instâncias de nenhuma delas, já que se diferenciam das mesmas principalmente devido ao “padrão de flexão, as mudanças semânticas sofridas por V1 e, especialmente, o padrão de negação” (RODRIGUES, 2006, p. 155). Contudo, lembramos que as paratáticas e as CVSs compartilham várias propriedades e ocupam posições muito próximas no *continuum* proposto por linguistas como Lehmann (1988) e Croft (2001), já que ambas constituem construções intermediárias entre a coordenação e a subordinação.

Defendemos, assim como o faz Rodrigues (2008, 2009), que as construções paratáticas são uma construção de foco do português.

O foco está geralmente ligado, segundo Barbosa (2005, p. 341), à ideia de “novidade informativa”, já que se focaliza a “informação que o locutor assume não ser partilhada por si e pelo alocutário”. O foco, nesse caso, se refere à “informação que contrasta de algum modo com porções da informação antecedente, pré-existente, no contexto de enunciação (*background*).”

No dado apresentado em (127), por exemplo, retomado e ampliado abaixo, o enunciado *ai eu garrei vendi lá* introduz uma informação que contraria a expectativa gerada pelo discurso anterior de que mesmo com os problemas que estava tendo com o vizinho para estabelecer os limites entre suas terras, o falante não iria deixá-lo tomar parte de seu terreno, ou seja, sua intenção parecia ser a de manter suas terras e cuidar das mesmas. Nesse sentido, a construção paratática *garrei vendi* introduz uma informação nova (venda das terras), que é focalizada pelo falante por estar em contraste com o discurso anterior.

(127) Inf. Aí eu fui lá e embarguei a... a cerca... qu/eu já tinha feita a metade p/esse tii meu fazê a outra...

Doc. Sei

Inf. Qui () aí ele:::... ele num feis... ele vendeu... quem comprô dele ia fazê né... época de ano tinha passado da metade... tomano metade do meu terreno

Doc. Nossa...

Inf. Aí eu num dexei... () falei qui:::... i vortô lá... não tem que/cê reto... falei então cê sorta um pedaço do qu/é seu... memo tanto... i pra podê...

Doc. Compensá né?

Inf. Pudê pegá o mesmo tanto do meu... aonde dé... a linha... mais... aí... aí o mió era retificá que tinha os mapa tudo certim né... registrado?

Doc. É

Inf. É... mais aí num... na lei aí... não achei froxo qu/ele não... que todo lugar qu/ele ia... qu/eu ia tava conversado... qu/ele era rico né... e eu era pobre **aí eu garrei vendi lá... vendi lá e mudei pra/qui** (Inquérito nº 12)

Autores como Lambrecht (1996) e Ilari (1992), contudo, propõem que uma informação dada/velha também pode ser focal. A favor disso, apresentamos o dado (147), também discutido em Longhin-Thomazi e Rodrigues (2011), no qual a informação da morte da mãe, veiculada pela construção paratática *pegou morreu*, não representa uma informação nova, uma vez que tal fato já havia sido sinalizado várias vezes pelo falante. O contexto precedente à construção paratática poderia levar o interlocutor à interpretação equivocada de que a morte da mãe tivesse ocorrido imediatamente após o acidente, por isso o falante reformula a informação por meio do enunciado *Ficou dezessete dia internada, aí pegou morreu* para esclarecer uma informação que talvez não tenha ficado clara no seu discurso. A reorganização dos conteúdos proposicionais por meio da construção paratática nesse contexto serve para reintroduzir uma informação dada/velha com cara de nova, focalizando-a.

(147) E- Nessa época a sua mãe era viva, não é?

F- É, minha mãe era viva ainda. Minha mãe morreu em oitenta. Morreu em oitenta; foi em oitenta? Foi em oitenta. Que ela morreu. Ela morreu em oitenta. Acidente, sabe? Também acho que não era para morrer, mas ela meteu fogo no corpo. Se agitou toda! Aí morreu. Ficou dezessete dia internada, aí **pegou morreu**. Mas ela era ainda viva. Quando eu passei esse perigo todo ela era ainda viva ainda. (PEUL/A80-I 06)

Para Lambrecht (1996), a estrutura informacional de uma sentença revela como o conteúdo das proposições é articulado pelo falante, que organiza a informação tendo em vista as hipóteses que ele cria sobre o conhecimento do seu ouvinte. No momento da enunciação estão em jogo dois tipos de proposições, a *pressuposição* e a *asserção*, que correspondem, respectivamente, à proposição que o falante considera que seu ouvinte já conhece, e à

proposição que o ouvinte passa a conhecer. Assim, tendo em vista o conceito de foco para Lambrecht (1996, p 207) como:

a porção da proposição que não pode ser tomada como certa no momento da fala. É o elemento imprevisível ou pragmaticamente não recuperável na sentença⁵⁵. (LAMBRECHT, 1996, p. 207)

ele só pode ser apreendido no discurso, já que somente nele é possível verificar quais informações são pressupostas e quais são novas/contrastivas.

Ilari (1992), nessa mesma direção, atesta que mesmo que uma informação tenha sido introduzida na atenção do ouvinte por meio de uma expressão remática, isso não quer dizer que ela se manterá ativa indefinidamente. Assim, uma informação dada pode ser reintroduzida no discurso como remática, como parece ser o caso em (139), recuperado abaixo. Nessa ocorrência, o falante conta que em pagamento à ajuda que recebeu de uma mulher, entregou-lhe sete contos de réis e disse que voltaria mais tarde para entregar-lhe mais dinheiro. Ele reintroduz, por meio da construção paratática *agarrei e digo*, a informação de ter dito à mulher que voltaria para lhe dar o dinheiro para o jantar. Sua intenção, ao retomar essa informação é reafirmar sua generosidade em ter-lhe dado uma quantia alta de dinheiro, quase tudo o que ele tinha, e que ainda voltaria com mais, para pagar-lhe o jantar.

(139) Fiquei só com um conto de réis, agarrei em sete contos e dei-lhos. Ela não queria pegar mas eu meti-lho na mão e disse: "Olhe, isto é para o almoço. Para o jantar ainda cá estou. Isto é só para o almoço". Naquele tempo, era muito dinheiro!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF **Agarrei e digo** assim: " Olhe, isto é para o almoço, que para o jantar ainda eu cá estou ". (Título: Cordial: COV12. Texto oral: PE)

Atestado o status construcional das construções paratáticas a partir de suas propriedades formais e função, pensemos um pouco sobre o que licencia a ocorrência do verbo *agarrar* nas mesmas.

Ao contrário das construções transitivas, nas quais o sujeito age intencionalmente agarrando um objeto de modo a trazê-lo para próximo de si, nas construções paratáticas, o sujeito não agarra nenhum objeto, uma vez que o V1 não representa uma ação separada da ação expressa pelo V2, portanto, a leitura de movimento, do qual resulta a mudança de

⁵⁵“The focus is that portion of a proposition which cannot be taken for granted at the time of speech. It is the unpredictable or pragmatically non-recoverable element in an utterance.”

locação (física ou metafórica) de um objeto é bloqueada. Nas construções paratáticas, o movimento é de deslocamento da atenção, de modo que o primeiro verbo focaliza o evento descrito pelo segundo verbo da construção, ou seja, V1 orienta a atenção do interlocutor, levando-o a considerar V2 como a informação mais relevante/contrastiva. O que licencia, portanto, o uso do verbo *agarrar* nas construções paratáticas é o movimento inerente a ele, que, nessa construção, interage com o deslocamento da atenção próprio de sua estrutura.

Além da interação entre o verbo e a construção, vemos que uma análise composicional não consegue explicar as construções paratáticas, uma vez que nelas, o V1 não detém as propriedades próprias de seu uso lexical. Apenas uma abordagem construcional, a partir de uma análise não composicional, dá conta das propriedades dessa construção.

4.3. As construções subordinadas⁵⁶

A configuração sintática [V1_{fin} (a) v2_{inf}] representa as construções subordinadas, que têm como propriedade serem formadas por dois verbos, V1 e V2, em que o primeiro na forma finita é um auxiliar e o segundo no infinitivo é o verbo principal. Ambos compartilham sujeito e podem estar interligados ou não pela preposição *a*, como se pode ver no dado (3), retomado abaixo, e (148).

(3) A gente também servia a comida; e ela ia levar o leite e vinha e, claro, **agarrava-se a trabalhar**: ou ia à erva ou a cavar ou, pronto, a trabalhar. (Título: Cordial: COV13. Texto oral: PE)

(148) Todo mundo ficô apavorado né... qu/eu fiquei muito ruim chorei demais... num sabia que/tinha contecido... as menina tudo **garrô gritá**:::... minha ficô pavoradinha... que... machuquei né? Nossa Senhora dor mais triste que tem... ai::: credo... (Inquérito nº 3. Góias, PB)

As gramáticas do português consultadas para esse trabalho destacam como auxiliares os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, em poucas, como em Castilho (2010), encontramos referência a outros verbos, como o *agarrar*, por exemplo.

Merlan (1999), para além do nível da parataxe, amplia a discussão ao tratar do que chama perífrases hipotáticas com valor ingressivo, cuja estrutura corresponde à descrita acima

⁵⁶Conforme dito anteriormente, o termo subordinada é utilizado nesse trabalho no sentido de Hopper e Traugott (2003) quando os linguistas apontam que é nesse tipo de combinação de cláusulas que se vê um alto grau de dependência sintático-semântico entre as orações, o que equivale aos dados com *agarrar*, nos quais os verbos V1 e V2 mostram-se bastante integrados, tanto sintática quanto semanticamente.

(verbo auxiliar de aspecto + preposição + verbo básico no infinitivo), casos exemplificados por ela com os seguintes dados:

(149) Não vou lá, que eu **pego-me a rir**.

(150) Eles entraram no meu quarto e **pegaram a conversar**.

Segundo a autora, nesses casos referentes ao português, somente o verbo *pegar* pode funcionar na posição de auxiliar de aspecto, contudo, nosso trabalho mostra que, tanto no PE (3) quanto no PB (148), o verbo *agarrar* pode instanciar construções subordinadas. O dado em (3) representa a única ocorrência de construção subordinada no PE, ao passo que no PB essa construção mostrou-se mais frequente, embora ainda constitua uma quantidade pequena de dados.

Vê-se, nos dados com *agarrar*, que os verbos V1 e V2 podem ser conectados pela preposição ou se justapor. A presença/ausência da preposição *a* parece não interferir no significado aspectual da construção, uma vez que ambas codificam o início da ação expressa pelo V2. Da mesma forma que nas construções paratáticas, podemos pensar que as construções subordinadas dividem-se em dois tipos, em que as de tipo 1 [+ PREP.] são aquelas em que os verbos são interligados pela preposição *a* e as de tipo 2 [- PREP.] aquelas em que eles se justapõem.

Borba (2002) e Houaiss (2004) assinalam, em seus dicionários, o uso do verbo *agarrar* como verbo auxiliar nos seguintes casos ilustrados por eles:

(151) *Quando **agarro a falar** de Canudos, pego fogo.*

(152) *A criança **agarrou a chorar**.*

Em Luft (1997) e Amaral (1976), encontramos exemplos ainda mais interessantes, uma vez que o primeiro sinaliza que, além da preposição *a*, pode ocorrer entre V1 e V2 a preposição *de* (153), e o segundo, por ter se dedicado ao dialeto caipira, apresenta exemplos de usos mais coloquiais da construção, em (154).

(153) *O menino **agarrou a (ou de) gritar**.*

(154) *I nós ia rezano, e Sinhá, no meio da reza, **garrava chingá** nós...*

Casos como (153), em que os verbos são interligados pela preposição *de*, também foram identificados no nosso *corpus*, conforme o dado em (155). O uso dessa preposição não interfere no significado da construção subordinada, uma vez que ela mantém o significado inceptivo de início da ação expressa pelo V2.

(155) Este G. é um rapazola de que já falei, e não tem nada de louco. Simplesmente sujeito a ataques. A Esse tempo, **agarrou de aborrecer-me** muito, tenho feito muitos obséquios. Este pequeno tem de sair daqui, por força; é muito moço e não tem cura; mas terá um mau destino. (Título: O cemitério dos vivos, de Lima Barreto. Texto ficcional: PB)

Castilho (2010, p. 417) diz que o aspecto verbal é “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender.” Dentre as fases que o aspecto verbal pode codificar, está o que ele denomina imperfectivo inceptivo, que “expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais.” (CASTILHO, 2010, p. 421)

Como exemplo, cita ocorrências com os verbos *começar* e *principiar*:

(24) *Começou a falar mal de mim.*

(156) *Principiou a falar mal de mim.*

Nelas, segundo o autor, a significação inceptiva decorre, também, do significado dos verbos auxiliares *começar* e *principiar*, que mantiveram, nesse contexto linguístico, seus traços semânticos que já codificam o início de uma ação. Contrário a isso são os casos com os verbos *pegar* e *agarrar*, lembrados pelo autor.

(157) *Pegou a falar.*

(158) *Garrou a criar uma coisa assim, parecia uma verruga.*

(159) *Garrou a atacar.*

Nesses casos, a significação inceptiva, segundo Castilho (2010), já não advém do significado lexical dos verbos que preenchem a posição V1, uma vez que os verbos *pegar* e *agarrar* não indicam, em seus significados básicos de *segurar* e *prender com a garra*, o início de uma ação, tal como *começar* e *principiar*, acima.

Para Castilho (2010), em (157), (158) e (159), o significado inceptivo advém da associação de *pegar* e *agarrar* a verbos no infinitivo.

Contrariamente a isso, propomos que não é da associação de um verbo finito (V1) a outro na forma nominal infinitivo (V2) que emerge o significado inceptivo, pois, se assim fosse, qualquer verbo teoricamente poderia figurar na construção subordinada.

Segundo Goldberg (1995), os verbos não são utilizados em construções aleatoriamente, assim, a restrição de verbos que podem instanciar essa construção tem a ver com o significado perfilado nela, de modo que só podem instanciá-la, verbos cujo significado se adegue ao significado inceptivo da construção. Nesse sentido, defendemos que a ocorrência do *agarrar* nessa construção é licenciada por meio da noção de movimento que o verbo codifica, que é compatível com o significado inceptivo, que também codifica um movimento, do qual resulta o início de uma ação.

O desenvolvimento de um verbo pleno [+ lexical], como o *agarrar*, para um verbo auxiliar [+ gramatical], segundo Heine (1993), envolve, primeiramente, o mecanismo da extensão, por meio do qual o verbo *agarrar* passa a ser usado em um novo contexto no qual não era utilizado. Além desse, são próprios à gramaticalização os mecanismos de dessemantização, decategorização. A dessemantização, da qual decorre a alteração de traços semânticos e a decategorização, por meio da qual decorre a perda das propriedades morfossintáticas do item em gramaticalização são os mecanismos que licenciam a possibilidade do verbo *agarrar* ocorrer em contextos como o das construções subordinadas. Seu significado lexical de *prender com a garra* e suas propriedades de verbo pleno, como a subcategorização de sintagmas nominais (SN), impedem sua ocorrência em construções desse tipo, por isso, para que seu uso possa ser expandido faz-se necessário a ocorrência desses mecanismos, que são todos interdependentes. Da decategorização do *agarrar* nas construções subordinadas, ele mantém os morfemas típicos dos verbos, mas deixa de subcategorizar SN e passa a subcategorizar sintagmas verbais (SV).

Já a erosão, em que há perda de substância fonética, embora não seja uma condição *sine qua non* da gramaticalização, é um dos mecanismos listados por Heine (1993) e pode ser visto nos dados de construções subordinadas do português, como em (160), abaixo.

(160) e eu fui ficano muito sozinha aí eu **garrava chorá** eu falei não nós tem que ímbora num tem jeito mais num guento ficá aqui desse jeito mais não (Inquérito nº 4. Góias: PB)

Nesse contexto linguístico, o *agarrar* tem alterados os traços semânticos característicos de seu uso como verbo pleno, e passa a exercer uma função gramatical de marcador de aspecto inceptivo. Apesar de sofrer alterações semânticas como resultado da sua

gramaticalização, vemos que nas construções subordinadas com *agarrar*, a noção de movimento se mantém.

Em um trabalho, cujo objetivo foi realizar um levantamento dos verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização, Travaglia (2003) apresentou o seguinte exemplo:

(161) Quando viu aquilo o moleque **(a)garrou a gritar** e não parava mais.

O autor tece alguns comentários sobre esse tipo de construção, na qual, segundo ele, indica-se o “aspecto começado para a situação do verbo na forma nominal”. Ainda lembra que o verbo *agarrar* pode aparecer com a forma *garrar* no uso oral. Condizente a essa afirmação, as ocorrências com o verbo na forma *garrar* identificadas nesse trabalho, só foram identificados no *corpus* de Silva (2005), que é composto por entrevistas orais com habitantes da cidade de Goiás – GO.

Sigiliano (2008, p. 11), ao tratar do uso aspectual do verbo *pegar*, apresenta os seguintes dados:

(162) Ah...custô pra melhorá o calombo dele, aí eu **peguei passá** é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu.

(163) Em dada hora, em meio à roda enfumaçada pelo famoso fumo solto da Bahia, a moçada começou a comparar regionalidades, puxando sardinha pra brasa do seu bairro, quando a moçada **pegou a falar** mal de Sampa, dizendo que nunca moraria por aqui por causa da loucura da cidade e por aí vai.⁵⁷

Baseando-se em Travaglia (1985) no que tange às noções aspectuais, a autora informa que nas construções *peguei passá* e *pegou a falar*, o verbo *pegar* “não marca apenas o aspecto inceptivo, de início da ação de *passar* ou *falar*, mas também se pode notar que essa marcação temporal é estendida, uma vez que se fala durante algum tempo e se passa o óleo durante algum tempo.”

As construções subordinadas com o verbo *agarrar* parecem corresponder ao que Sigiliano (2008) aponta para os casos com *pegar*. Vemos que nos dados (164) e (165), as ações de *dar instrução*, *chorar*, *pensar* e *ficar* são realizadas de modo a ter certa duração.

⁵⁷Sigiliano (2008) informa que os dados encontram-se disponíveis em: Corpus Conceição de Ibitipoca – MN e http://simio.blogspot.com.br/2004_01_01_archive.html - acesso em 02/11/2007).

(164) Doc. Nossa... ((risos))... Mais cêis ficaram com medo né... capais?

Inf. Ficô... aí... o... o cabo ficô sabendo disso... i::: **garrô dá instrução** pra nós... era todo dia... falô vamo largá desse negócio de guerra... nós qué é paiz num é guerra não ((risos)) (Inquérito nº 12. Góias: PB)

(165) num tem assim num fica desocupado... trabalha muito... num dá muita atenção pra gente os parente fica cada um na sua casa... cada um nos seu serviço eu ficava muito sozinha... ficava só eu i... i Deus i meu minino né? dento da minha barriga... e eu adorava chorá... oiava pessa barrigo:::na i ele num tava lá e mim dava uma tristeza danada **garrava chorá garrava pensá** que::: ladrão podia saltá minha casa podia mim batê fazê qualquer coisa comigo meu filho... eu **garrei ficá** com medo né? e ele só viajano... ele chegava saía cedo de madrugada e só chegava di noite em casa... (Inquérito nº 4. Góias: PB)

Além de casos como esses, no dado ilustrado em (166), diferentemente dos demais, a construção subordinada *garrô crescê* não apresenta sujeito [+ animado] como nos dados anteriores. Sigiliano (2011, p 136) afirma que o fato de V1 deixar de subcategorizar sujeitos [+ animados] resulta do seu uso em novos contextos.

(166) Inf. I:::... i Goiás que fi... foi agora de pôco tempo que/la **garrô crescê** traveis né? Qui... aqui era movimento bão... naquele tempo... mais era dificultoso que tudo era no lombo de animal e de carro de boi... mais depois que fizeram estrada... que **garrô vim** caminhão pra cá é qui a capital mudô... né? Aí parô traveis ((tossiu))

Doc. Então o senhor acompanhô né? A mudança da capital?

Inf. I::: eu era pequeno... tava estudano nessa época... a gente estudava () Goiás capital Goiás né? Depois::: quando mudô Goiás capital Goiana ((risos)). (Inquérito nº 12. Góias: PB)

Além disso, em (166), há ainda a construção *garrô vim caminhão*, presente na fala do mesmo entrevistado, em que o V2 não aparece no infinitivo. Entendemos que essa ocorrência parece corresponder a uma construção inceptiva tal como as demais, uma vez que se mantém o significado inceptivo, que marca o início da vinda de caminhões.

O que parece ocorrer nesse caso é o uso variável entre as formas *vir* e *vim*, que na fala coloquial parece ser comum. A forma *vim* parece ser utilizada em referência a *vir*, tal como em “Meu amigo precisa vir para Uberlândia” e “Meu amigo precisa vim para Uberlândia”. Entre os dois casos, o uso da forma *vir* mostra-se mais formal, por isso, no dado em (166), que se insere em um contexto informal de fala, seu uso não poderia ser esperado. Essa ocorrência evidencia as variações próprias da linguagem oral.

Ainda sobre esse dado, vemos que sua interpretação é ambígua, uma vez que pode ser entendida como os caminhões começaram a vir para a cidade, em que caminhões é o sujeito, que tal como em *garrô crescê*, é [- animado], ou começaram a vir caminhões, em que não há sujeito explícito.

Essa segunda interpretação pode ser considerada tendo em vista o que Sigiliano (2011, p. 136), em um trabalho em que investiga verbos não prototípicos nas construções inceptivas, diz sobre o seguinte caso com o verbo *entrar*:

(167) Depois, tornam-se a ouvir os marulhos do Tejo, pela direita, a dois tiros d' espingarda, e alvejam como montanhas d' ossos, a um lado e outro do caminho, os depósitos de pedra dos canteiros de Lisboa. **Entra a chover**, grandes franjas de nuvens que zebram o céu, parece que se alongam cada vez mais, como enormes crepes. (CP, XIX, Almeida: Gatos 1)

Nele, a construção subordinada *entra a chover* não subcategoriza sujeito, o que, segundo a autora, “caracteriza um contexto de uso totalmente novo para as instanciações da CI [construção inceptiva].”

Ao tratar das construções transitivas não canônicas do tipo *agarrar nojo*, cujo significado é *adquirir hábito*, mostramos que elas parecem estar de alguma forma relacionadas com as subordinadas, já que ambas apresentam um significado inceptivo, ou seja, codificam um movimento do qual decorre o início de uma ação.

Nas construções transitivas não canônicas do tipo ilustrado em (112), apresentado novamente abaixo, é possível depreender a noção de deslocamento habilitada pelas construções transitivas com *agarrar*, todavia, esse deslocamento é metaforizado, uma vez que *ódio* não representa uma entidade que possa ser movida, a não ser no sentido de que se move metaforicamente de um “lugar” distante do sujeito para outro próximo a ele. Ao trazer o *nojo* para próximo de si, o sujeito adquire um sentimento ainda não experienciado por ele, nesse sentido, inicia uma ação.

(112) Eu não resisto, fds tem que ter pão de queijo, pão francês, um docinho. Se for tudo pesado e calculado, não tem problema. Num guento mais comer pão integral, **garrei um nojo**.

Nas construções subordinadas, por sua vez, conforme ilustrado em (168), a noção de movimento também é codificada, porém de modo diferente do que se vê nas construções transitivas. Nas subordinadas, o *agarrar* não subcategoriza SN, dessa forma, o movimento que subjaz ao verbo não implica a ação de trazer um objeto para próximo de si; nessa construção, o movimento, inerente ao *agarrar*, interage com o significado inceptivo da construção subordinada, que codifica o início da ação expressa no V2 (*receber*).

(168) Inf. Aí::: passô quatro ano assim boa... que tinha aposentado ela pô... pô valideis... fundo rural... posentô facim... levei ela no médico... foi só uma perícia... e a...

marcô pra ela aposentadoria... e logo foi... **agarrô a recebê**... naquele tempo recebia poquim... mais servia... (Inquérito nº12. Goiás: PB)

Ainda vimos que, além de codificarem o início de uma ação, em ambas há uma mudança de estado do sujeito. Tanto nas transitivas não canônicas do tipo (106) *agarrou a oportunidade*, (107) *me agarrei com a santa*, (114) *garrei um ódio* quanto nas subordinadas, como a ilustrada em (168) *agarrô a recebê*, o sujeito passa de um estado anterior de [- ação] para outro de [+ ação], o que evidencia a relação entre essas construções.

Há ainda outra aproximação entre as construções transitivas não canônicas e as subordinadas, contudo, essa aproximação restringe-se apenas às transitivas não canônicas cujo significado é adquirir hábito, como (111) *agarrou o costume*, (112) *garrei um nojo*, (113) *garrei uma birra* e (114) *garrei um ódio*. Vemos que nesses dados e nos de construções subordinadas como em (168) *agarrô a recebê*, a marcação temporal é estendida, já que a ação de adquirir nojo e de começar a receber a aposentadoria, por exemplo, implicam certa duração.

Além dessas propriedades em comum, observamos outra que não se restringe ao grupo das construções transitivas não canônicas. Verificamos que há, entre as construções transitivas de um modo geral (canônicas e não canônicas) e as subordinadas, uma motivação sintática, uma vez que o *agarrar*, que nas transitivas subcategoriza SN passa a subcategorizar SV nas subordinadas.

Assim, apesar de serem construções distintas, as construções transitivas e as subordinadas, quando instanciadas pelo verbo *agarrar*, tornam-se semanticamente próximas.

Resumo

Apresentamos, neste capítulo, a descrição e a análise das construções transitivas, paratáticas e subordinadas com o verbo *agarrar*, mostrando as semelhanças e as diferenças de suas propriedades nas variedades brasileira e europeia do português a partir de dados de textos orais e escritos da língua, coletados do *Corpus do Português*, do *corpus* de Silva (2005) e da ferramenta de busca do Google.

Com o respaldo empírico desses dados, descrevemos as configurações sintáticas das construções investigadas, bem como os significados associados a elas, mostrando que são pareamentos de forma e sentido específicos constituindo, portanto, construções da língua, tal como o termo é tratado por Goldberg (1995, 2006).

Mostramos que a metáfora do movimento é o que habilita o uso do verbo *agarrar* nessas três construções, embora de maneiras diferentes. Nas construções transitivas canônicas, identifica-se o movimento prototípico, do qual decorre a mudança física e perceptível de locação de um objeto, enquanto nas não canônicas o movimento de trazer para si é metafórico e implica outra mudança, a de estado do sujeito. Nas construções paratáticas, o movimento metafórico de agarrar interage com o significado de focalização da construção, resultando no deslocamento da atenção do interlocutor para o evento codificado pelo segundo verbo da construção. Por fim, nas construções subordinadas, o verbo *agarrar* implica o movimento de início de uma ação expressa pelo V2, da qual decorre uma mudança de estado do sujeito, que passa de um estado anterior de [- ação] para um estado atual de [+ ação].

A mudança de estado do sujeito, como mostramos, também é vista nas construções transitivas não canônicas do tipo *agarrou a ideia*, *agarrou a santa*, *agarrou birra* e *agarrou ódio*, o que indica uma relação entre essas construções, já que ambas codificam o início de uma ação, que apresenta uma duração temporal estendida, da qual resulta a mudança de estado do sujeito, que passa de um estado anterior para outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a partir dos pressupostos da Linguística Cognitivo-Funcional, dentro da qual lançamos mão dos estudos em Gramaticalização e em Gramática das Construções, essa dissertação apresenta a descrição e a análise qualitativa das construções transitivas, paratáticas e subordinadas com o verbo *agarrar* nas variedades brasileira e europeia do português do século XX.

O termo *construção* é aqui adotado, tal como proposto por Goldberg (1995, 2006), que o define, basicamente, como um pareamento de forma e sentido. Desse modo, mostramos, ao descrever cada construção, sua configuração sintática básica e as variações identificadas a partir dos dados coletados, bem como os significados associados a elas.

As construções transitivas formam-se, basicamente, por uma sequência verbo-nome [V_{agarrar} COMPL], e codificam, prototipicamente, a mudança física e perceptível de locação do objeto. Contudo, nas construções transitivas em que o objeto apresenta o traço [+ abstrato], codifica-se uma mudança de locação metafórica. Tendo em vista a abordagem construcional de Goldberg (1995), casos assim parecem constituir extensões metafóricas da construção transitiva canônica, que corresponde ao evento causal prototípico. Desse modo, as construções transitivas foram divididas em dois grupos; as que apresentam objeto [+ concreto] são denominadas construções transitivas canônicas e as que apresentam objeto [+ abstrato] são denominadas construções transitivas não canônicas.

As construções paratáticas, por sua vez, formam-se a partir de dois verbos, V1 e V2, que apresentam, majoritariamente, as mesmas flexões modo-temporais e número-pessoais e podem ser conectados pela conjunção *e* ou estar justapostos [V_{agarrar} (e) $V2_{\text{fin}}$]. Essas construções apresentam uma função focalizadora, desse modo, o V1 funciona como marcador de foco, enfatizando o evento descrito pelo V2.

As construções subordinadas também são formadas por dois verbos [V_{agarrar} (a) $V2_{\text{inf}}$], porém nelas, o verbo *agarrar*, ao preencher a posição V1, assume a função de verbo auxiliar, apresentando as flexões de tempo, modo, número e pessoa, enquanto o V2 assume a função de verbo principal que mantém a forma nominal de infinitivo. Essas construções codificam o início da ação expressa no V2, V1, nesse caso, é um verbo auxiliar de aspecto inceptivo.

Tradicionalmente, nos estudos de gramaticalização, as mudanças são vistas em um processo unidirecional, por isso, os itens ou construções que passam por esse processo de mudança linguística são dispostos em um *continuum*.

Considerando uma abordagem de gramaticalização como fenômeno unidirecional, portanto, é possível dispor as construções com *agarrar* num *continuum*, tendo em vista, principalmente, os graus de integração de cláusulas segundo Hopper e Traugott (2003). Assim, o *cline* abaixo é por nós proposto no sentido de que as construções com *agarrar* podem ser descritas como mais ou menos gramaticais, já que apresentam diferentes graus de integração sintático-semântica, e não no sentido de que uma construção tenha se desenvolvido a partir de outra.

construções transitivas > construções paratáticas > construções subordinadas

Apesar de ser possível, tendo em vista a abordagem de Hopper e Traugott (2003), propor um *continuum* para as construções com o verbo *agarrar* em português, acreditamos que dispô-las em uma estrutura radial seja mais adequado, uma vez que vemos, entre essas construções, uma relação de herança.

Uma evidência dessa relação é a possibilidade de ocorrência do verbo *agarrar* em todas elas, cujo uso é licenciado por meio da metáfora do movimento. Mostramos que o movimento, inerente ao verbo *agarrar* enquanto verbo pleno, interage com as construções e é codificado de modos diferentes em cada uma delas. Nas transitivas, o movimento causa a mudança de locação do objeto; nas paratáticas o movimento é metafórico e gera o deslocamento da atenção para a ação expressa pelo V2 e nas subordinadas o movimento, também metafórico, codifica o início da ação expressa pelo segundo verbo.

A relação de herança entre as transitivas e as paratáticas, de um lado, e a relação entre as transitivas e as subordinadas, de outro, são de naturezas diferentes. Por isso, representá-las numa estrutura radial parece ser mais coerente do que dispô-las linearmente.

A relação entre as transitivas e as paratáticas fundamenta-se, basicamente, na metáfora do movimento. Assim, o movimento subjacente ao verbo *agarrar*, que nas transitivas corresponde à mudança física de um objeto, corresponde, nas paratáticas, ao movimento metafórico de direcionamento da atenção.

Já entre as transitivas e as subordinadas, a relação não se constitui apenas devido à noção de movimento codificada em ambas, mas também porque há, entre elas, uma motivação sintática e semântica. Do ponto de vista sintático, alguns autores consideram que o V2, nas subordinadas, pode ser interpretado como complemento do V1, desse modo, das transitivas para as subordinadas, ocorre a substituição de um complemento SN por um SV, ou

seja, o V2⁵⁸. Já do ponto de vista semântico, são as transitivas não canônicas que se aproximam das subordinadas, pois em ambas há uma mudança de estado do sujeito, que passa de um estado de [- ação] para outro de [+ ação]. Além disso, as construções transitivas não canônicas cujo significado é *adquirir hábito*, mais especificamente, e as subordinadas apresentam mais uma aproximação, já que ambas codificam o início de uma ação, que, nas duas construções, demanda certa duração temporal.

Tendo em vista as relações entre as três construções, é possível pensar em uma rede de herança em que das transitivas estejam ligadas as paratáticas devido à metáfora do movimento e as subordinadas devido à motivação sintática e semântica que existe entre elas.

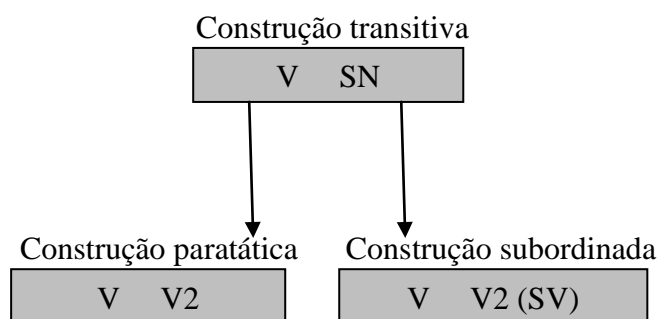


Figura 4 - Representação da rede de herança entre as construções com *agarrar*.

Ainda que incipiente, a reflexão acerca da rede de herança entre as construções com *agarrar* mostra-se proveitosa e merece ser melhor investigada em estudos futuros.

Os principais resultados obtidos nesse trabalho respondem os objetivos da pesquisa: descrever as configurações sintáticas das construções com o verbo *agarrar* identificadas nos *corpora*; apresentar os significados associados a cada construção; mostrar a relação entre o significado do verbo e o significado das construções nas quais ocorre; propor um *continuum* de gramaticalização das construções com *agarrar*; destacar as semelhanças e/ou divergências entre as construções do PB com as do PE.

Vale ressaltar aqui alguns caminhos que ainda podem ser percorridos. As construções com o verbo *agarrar* podem ser investigadas diacronicamente, pesquisa na qual poderiam ser identificados os contextos iniciais de uso do verbo *agarrar* verificando, por exemplo, se o uso de preposições introduzindo os complementos do verbo nas construções transitivas se configura como um uso mais recente; a origem das construções paratáticas e o desenvolvimento do verbo *agarrar* de um verbo pleno para um auxiliar no contexto das construções subordinadas. Ademais, uma pesquisa desse tipo poderia mostrar se a forma

⁵⁸O mesmo não pode ser considerado para as paratáticas, uma vez que a relação entre V1 e V2 é de parataxe.

garrar, própria do uso oral do português, não seria uma forma arcaica do verbo, já que ele deriva do vocábulo *garra*, conforme apontam Bueno (1963) e Cunha (1982).

Pode-se ainda, realizar uma pesquisa quantitativa, a partir da qual seria possível formular generalizações acerca das construções, o que não é possível de ser feito a partir de uma pesquisa qualitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALOIZA, A. G. *As construções resultativas com deixar em textos jornalísticos brasileiros*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARNAIZ, A.; CAMACHO, J. A Topic Auxiliary in Spanish. In: GUTIÉRREZ-REXACH, J.; MARTÍNEZ-GIL, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston: Cascadilla Press, 1999.

AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caudas Aulete*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1980.

BARBOSA, J. Foco e Tópico: algumas questões terminológicas. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Orgs.) *Estudos em Homenagem de Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da U. Porto, 2005. p. 339-351.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 22. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BERLINCK, R. The Portuguese dative. In: VAN BELLE, W; LANGENDONCK, W. V (orgs.) *The dative*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 119 – 150.

BORBA, F. S. *Dicionários de usos do Português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: Saraiva, 1963.

BUREAU C. *Dictionnaire de La linguistique* sous la direction de Georges Mounin. Paris: P. U. F., 1974.

BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticization. In: JOSEPH, B; JANDA, R. (Orgs.). *A Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

CASTILHO, A. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de e PRETI, D. (org.). *A língua falada culta na cidade de São Paulo*. II Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.

CIRÍACO, L. S. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

COELHO, C. M. *Estudo de construções do Português Europeu*. 2010. Relatório de pesquisa, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

COSERIU, E. Tomo y me voy. Um problema de sintaxis comparada europea. *Estudios de Lingüística Románica*. Madrid, Editorial Gredos, p. 79-152, 1977.

CROFT, W. Radical Construction Grammar. *Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUERVO, R. J. *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*. Paris: II, 1983.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1988.

CRUZ, A. G. da. *A expressão do argumento dativo no português escrito: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. 2007. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DANTAS, M. A. M. *A configuração do dativo de terceira pessoa no Português do Brasil e no Português Europeu com enfoque na fala do fortalezense culto*. 2007. Dissertação de

mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DAVIES, M. e FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível online em <<http://www.corpusdoportugues.org>>. 2006.

DIETRICH, W. *El aspect verbal perifrástico en las lenguas románicas*. Madrid: Editorial Gredos. (versão espanhola de HERNÁNDEZ Marcos Martínez de Der perophrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1973), 1983.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1967.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

_____. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILLMORE, C. J., KAY, P. e O'CONNOR, C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, n. 64, p. 501-538, 1988.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 6-2: 222-255. Geeraerts, Dirk. 1985.

FREIRE, L. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística Cognitivo-Funcional. In: I Simpósio Internacional de Linguística Funcional, 2011, Três Lagoas. *Caderno de resumos e programação*. Três Lagoas: UFMS, 2011. p. 27.

FURTADO DA CUNHA, A., OLIVEIRA, M. R. de., MARTELOTTA, M. E. Rumos da Linguística funcional. In: CUNHA, M. A. F. da., OLIVEIRA, M. R. de., MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional teoria e prática*, 2003. p. 123-127.

GOLDBERG, A. *Constructions at Work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. On degrammaticalization. In: BLAKE, Barry J. & BURRIDGE (eds) *Historical linguistics 2001: Selected papers from the 15th International Conference on historical linguistics*, Melbourne, 13-17 August 2001 – 2003. p. 163-179.

HEINE, B. *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, P. J. Hendiadys and Auxiliation in English. In: BYBEE, J., NOOMAN, M. (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 145–173.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. v. 1, 1991. p. 17-35.

HOUAISS, A; SALLES, M. de. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, R. *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

KANY, C. E. *American-Spanish Syntax*. 2. ed. Chicago, 1951.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical Constructions and Linguistics Generalizations: The What's X doing Y? construction. *Language*, v. 75, nº 1, p. 1-33, 1999.

KENISTON, H. Verbal aspect in Spanish. *Hispania*, nº. 19, p. 163-176, 1936.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, S. (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p.181-225.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. *O estatuto do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística*. 2012. No prelo.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas. *Lusorama*, v. 85-86, p. 107-136, 2011.

LUFT, C. P. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de Gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. p. 43-70.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*, 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 177-192.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M; OLIVEIRA, M; MARTELOTTA, M. (Orgs). *Linguística Funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-56.

MATEUS, M. H. M. A mudança da língua no tempo e no espaço. In: MATEUS, M. H. M. ; NASCIMENTO, F. B. do. (Orgs.) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho, 2005.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia* (Revista di Scienza), 12 (26): 6, 1912. Reprint: Meillet, p.130-148, 1921.

MELO, G. C. de. *Gramática Fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MERLAN, A. Sobre as chamadas “perífrases verbais paratáticas” do tipo <pegar e + V2> nas línguas românicas. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. Porto, p 159-205, 1999.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2013, 10:15:00.

MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs) *Construções do Português do Brasil*. Da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

NARROG, H.; OHORI, T. Grammaticalization in Japanese. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 775-785.

NASCENTES, A. *O problema da regência; regência integral e viva*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1960.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. R. de., VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n.24, jan./jun. 2009.

PAL, D. C. *Aí fui inu, fui inu, aí peguei arrumei uma casa no capoava lá. Construções seriais em português brasileiro: estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/SP*. 2005. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PRIBERAM. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em: 10 jan. 2013, 10:00:00.

PULLUM, G. K. Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English. In: JOSEPH, B. D. and ZWICKY, A. M. (eds) *When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs*. The Ohio State University, Department of Linguistics, 1990.

PUSCARIU, S. *Études de linguistique roumaine*. Cluj-Bucareste, 1937.

REICHENKRON, G. Der typus der Balkansprachen. *Zeitschrift für Balkanologie*, nº 1, p. 106-107. 1963.

RIOS, T. H. C. A Linguística de *Corpus* para a descrição de idiomatismos. In: Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, 7., 2009, São José do Rio Preto. *Resumos expandidos*. São José do Rio Preto: IBILCE, 2009.

RODRIGUES, A.; COELHO, C. M. As construções verbais paratáticas: gramaticalização em Português Europeu. *Revista Portuguesa de Humanidades*. 2012.

RODRIGUES, A. Ir e pegar nas construções do tipo foi fez: Gramática de construções e contexto de gramaticalização. In: CASTILHO, A. *História do Português Paulista*. Série de Estudos, v. 1. parte III, cap. 9. Campinas: Setor de Publicações do IEL/UNICAMP, 2009.

_____. Focalização no Português do Brasil: o caso das CFFs. In: 56º GEL, 2008, São José do Rio Preto. *Resumos*. São José do Rio Preto, 2008.

_____. Eu fui e fiz: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. In: MENDES, R. B. (Org.). *Passando a palavra*. Uma homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Paulistana, 2007. ISBN 978-85-99829-12-7.

_____. “*Eu fui e fiz esta tese*”: as construções do tipo foi fez no Português do Brasil. 2006. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2006.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e Gramática Histórica da língua portuguesa*. 3ª. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SANDFELD, K. *Linguistique balcanique*. Paris, 1930.

SIGILIANO, N. S. Persistência e extensão na construção inceptiva em [V1_{fin} (PREP) V2_{inf}] do português. *Revista Letras & Letras*. Uberlândia, v.27, n.1, p.127-142, 2011.

_____. A mudança semântica do verbo pegar frente à conexão de cláusulas. *Anais I Simpósio Mundial de Língua Portuguesa*. São Paulo, 2008.

SILVA, L. A. *Os usos do “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

STEFANOWITSCH, A. *The English go-(PRT)-and-VERB construction*. Proceedings of the Twenty-sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, February 18-21, University of California, Berkeley, 2000.

_____. The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events. In: NORDQUIST, D.; BERKENFIELD, C. *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999.

TAVARES, M. A. Transitividade em construções com o verbo ‘pegar’. *Revista da Abralin*, 2005.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1995.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Harvard: Harvard University Press, 2003.

TORRENT, T. T. *A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: Uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. 2009. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. Verbos gramaticais – Verbos em processo de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, C. A.; MARTINS, E. S., TRAVAGLIA, L. C. e MORAES FILHO, W. B. (orgs.). *Lingua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 97-157.

_____. *O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Edufu, 1985.